

Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Programa de Pós-Graduação em Linguística

**IDENTIDADES NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO DOMINGOS
E REPRESENTAÇÕES DA MINERADORA KINROSS:
TRADIÇÃO X MODERNIDADE**

Luiz Henrique Gomes Silva

**BRASÍLIA - DF
2014**

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

**IDENTIDADES NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO DOMINGOS
E REPRESENTAÇÕES DA MINERADORA KINROSS:
TRADIÇÃO X MODERNIDADE**

Luiz Henrique Gomes Silva

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Dra. Juliana de Freitas Dias

BRASÍLIA - DF
2014

TERMO DE APROVAÇÃO

LUIZ HENRIQUE GOMES SILVA

**IDENTIDADES NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO DOMINGOS
E REPRESENTAÇÕES DA MINERADORA KINROSS:
TRADIÇÃO X MODERNIDADE**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Banca examinadora:

Presidente/Orientadora: Profa. Dra. Juliana de Freitas Dias (PPGL/UnB)

Membro interno: Profa. Dra. Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues (LIP/UnB)

Membro interno: Profa. Dra. Ana Adelina Lôpo Ramos (PPGL/UnB)

Membro suplente: Profa. Dra. Viviane Cristina Vieira Sebba Ramalho (PPGL/UnB)

A todos os profissionais da educação que trabalham para que as identidades sejam desenvolvidas e as ideologias conquistadas.

Agradecimentos

A Deus, que concede o dom da vida e a liberdade de escolher os percursos por onde trilhar.

Aos meus pais, pelo exemplo de trabalho, persistência e otimismo para que os objetivos sejam alcançados.

À minha amada esposa, que sempre incentivou, auxiliou e está ao meu lado partilhando os momentos de vitória e os percalços. Obrigado pela compreensão!

Aos meus lindos filhos Júlia Maria e Luiz Guilherme, razão pela qual me motiva ainda mais a continuar trilhando os caminhos da educação e me aperfeiçoando cada vez mais.

A todos os professores que me auxiliaram no mestrado, mas em especial a minha orientadora, Dr^a. Juliana de Freitas Dias, que além de me conduzir e desvelar sabiamente pelos caminhos da Análise do Discurso Crítica, mostrou-se uma pessoa amiga, que sabia a hora de aconselhar e também o momento de cobrar.

Aos colegas de caminhada no mestrado, Carla Braga e Marcos Passos, que além das discussões sobre as teorias se mostraram muito companheiros no decorrer dos estudos.

Agradeço à comunidade quilombola São Domingos, nas pessoas de seus líderes e ex-líderes, que sempre foram atenciosos com a pesquisa e se demonstram preocupados em querer o melhor para a comunidade.

Apesar dos nossos defeitos, precisamos enxergar que somos pérolas únicas no teatro da vida e entender que não existem pessoas de sucesso e pessoas fracassadas. O que existem são pessoas que lutam pelos seus sonhos ou desistem deles.

Augusto Cury

RESUMO

Esta dissertação foca questões identitárias no discurso de lideranças da comunidade quilombola São Domingos, em Paracatu-MG, analisando as práticas discursivas conflitantes, através do arcabouço teórico metodológico da Análise do Discurso Crítica (ADC). Trata-se de uma reflexão embasada nos discursos dos líderes e ex-líderes acerca do processo de construção identitária da comunidade e representações da mineradora Kinross, na voz dos quilombolas, numa visão social, ideológica, cultural e discursiva do tema. A pesquisa teve como pressupostos teóricos os pilares da Análise do Discurso Crítica (Fairclough, 1992, 2001 e 2003); Chouliaraki e Fairclough, (1999); Halliday (1975, 1985); também os estudos sobre identidade (Giddens, 1991, 2002; Hall, 1992; Bauman, 1999, entre outros); além de algumas reflexões sobre ideologia, poder e hegemonia como forma de dominação (Thompson, 1995; Althusser, 1971, Gramsci, 1971; Fairclough, 1992; entre outros). A pesquisa realizada é qualitativa, de cunho etnográfico, e possui como objetivo precípuo analisar a constituição das identidades e das práticas discursivas, sociais e culturais, a partir das narrativas colhidas dos entrevistados da comunidade quilombola, referentes ao convívio e interferências da mineradora Kinross.

Palavras-chave: Identidade, cultura, discurso, quilombola, mineradora.

ABSTRACT

This dissertation focuses identity issues in the discourse of the maroon community leaders Santo Domingo in Paracatu-MG, analyzing the conflicting discursive practices, through the theoretical and methodological framework of Critical Discourse Analysis (CDA). It treats of a reflection grounded in speeches of the leaders and ex-leaders about the process of identity construction of the community and representation of miner Kinross, in the voice of the Maroons, in a view social, ideological, cultural and discursive of subject. The research had as theoretical assumptions the pillars of Critical Discourse Analysis (Fairclough, 1992, 2001 and 2003); Chouliaraki and Fairclough (1999); Halliday (1975, 1985); also the studies about identity (Giddens, 1991, 2002, Hall, 1992; Bauman, 1999 among others); besides some reflections about ideology, power and hegemony as domination form (Thompson 1995; Althusser 1971 Gramsci, 1971; Fairclough 1992, among others). The research conducted is qualitative, under ethnographic basis, and has as main objective to analyze the constitution of identities and of discursive, social and cultural practices, from the narratives collected of the interviewees of maroon community, concerning the interaction and interference of miner Kinross.

Keywords: Identity, culture, speech, maroon, miner.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: (Página 15) Zona urbana de Paracatu, áreas Quilombolas e área de mineração. Disponível em: <<http://opcaopopular.com.br/mpfmg-recorre-de-sentenca-que-negou-autorreconhecimento-comunidades-quilombolas/>>. Acesso em: 01 de abril de 2014.

Figura 2: (Página 27) Concepção Tridimensional do Discurso.

Figura 3: (página 29) Momentos Prática Social.

Figura 4: (Página 61) Ilustração de engenho colonial brasileiro, operado por escravos. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/brasil-colonia/engenho-de-acucar>>. Acesso em: 02 de abril de 2014.

Figura 5: (Página 62) Áreas de mineração no século XVIII. Disponível em: <<http://jchistorybrasil.webnode.com.br/album/economia-e-sociedade-no-brasil-colonial/areas%20de%20minera%C3%A7%C3%A3o%20no%20seculo%20xviii-jpg/>>. Acesso em: 02 de abril de 2014.

Figura 6: (Página 63) Negros escravos trabalhando na mineração. Disponível em: <http://professordavimarcelino.blogspot.com.br/2012_09_01_archive.html>. Acesso em: 02 de abril de 2014.

Figura 7: (Página 64) Caminho do Ouro. Disponível em: <http://www.espeschit.com.br/historia/historia/caminho_novo/>. Acesso em: 02 de abril de 2014.

Figuras 8 e 9: (Página 66) Córrego Rico no início do século XX com mineradores artesanais e córrego rico ainda assoreado em 2014. Disponíveis em: <https://paracatumemoria.wordpress.com/tag/parque-linear-do-corrego-rico/>. e <http://professor-marciosantos.blogspot.com.br/2013/01/o-garimpo-em-paracatu-uma-historia-que_15.html>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2014.

Figura 10: (Página 69) Localização das comunidades São Domingos e Machadinho, além dos bairros os bairros Alto da Colina, Bela Vista II, Amoreiras II e Esplanada.

Figura 11: (Página 73) Apresentação da caretada e público ao fundo.

Figura 12: (Página 74) Processo artesanal da rapadura.

Figura 13: (Página 76) Explicação sobre as detonações com participação da comunidade.

Figura 14: (Página 80) Articulação dos Elementos da Prática Social.

Figura 15: (Página 82) Asfalto como representação de atividade material na comunidade quilombola São Domingos.

Figuras 16 e 17: (Página 84) Exemplo de atividade material: centro comunitário e pastoral.

Figuras 18 e 19: (Página 86) Imagem da Igreja Católica e da E. M. Severiano Silva Neiva.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADC – Análise de Discurso Crítica

CEDEFES - Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva

CEP/IH – Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília

FCP – Fundação Cultural Palmares

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUCAM – Superintendência de Campanhas da Saúde Pública

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TSD – Teoria Social do Discurso

UNB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
Apresentação dos capítulos.....	18
1 CAPÍTULO TEÓRICO	20
1.1 Identidade.....	20
1.1.1 Identidade na modernidade tardia	22
1.2 Análise do Discurso Crítica	25
1.2.1 Reflexividade	30
1.3 Dimensões sociais do discurso na Análise do Discurso Crítica	32
1.3.1 Significado representacional e Discursos.....	33
1.3.2 Significado Identificacional e Estilos.....	33
1.3.3 Identificação Acional e Gêneros	34
1.4 Ideologia, poder e hegemonia	34
2 CAPÍTULO METODOLÓGICO	38
2.1 Pesquisa qualitativa de cunho etnográfico	38
2.2 Triangulação	43
2.3 Ética e poder	44
2.4 Análise do Discurso Crítica	48
2.4.1 Questão motivadora.....	51
2.4.2 Aprofundando a questão motivadora	51
2.5 Geração de dados	55
2.6 Constituição do <i>Corpus</i>	56
3 CAPÍTULO DE CONTEXTUALIZAÇÃO	60
3.1 Mineração no Brasil.....	60
3.2 Mineração em Minas Gerais	64
3.3 Paracatu e a mineração.....	65
3.4 Comunidade quilombola.....	70
3.5 Comunidade quilombola São Domingos	71
4 CAPÍTULO ANALÍTICO.....	78
4.1 Análise do Discurso Crítica	79
4.1.1 Análise dos elementos da prática em foco	81
4.1.2 Análise Linguística – Categorias.....	91

4.2 Análise das Identidades.....	109
4.2.1 Quanto à construção das identidades dos indivíduos da comunidade.....	110
4.2.2 Quanto à representação da mineradora Kinross na voz dos quilombolas	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	131
APÊNDICES	136

INTRODUÇÃO

O fator responsável pela povoação e criação do município de Paracatu foi a exploração do ouro, que acontece na região desde o século XVIII. A data oficial da descoberta do metal foi no ano de 1744 quando, antes mesmo de receber o título de Vila, o Sr. José Rodrigues Fróis, já estabelecido no povoado São Domingos, hoje comunidade quilombola São Domingos, entrou em contato com o governador informando que havia muito ouro no local.

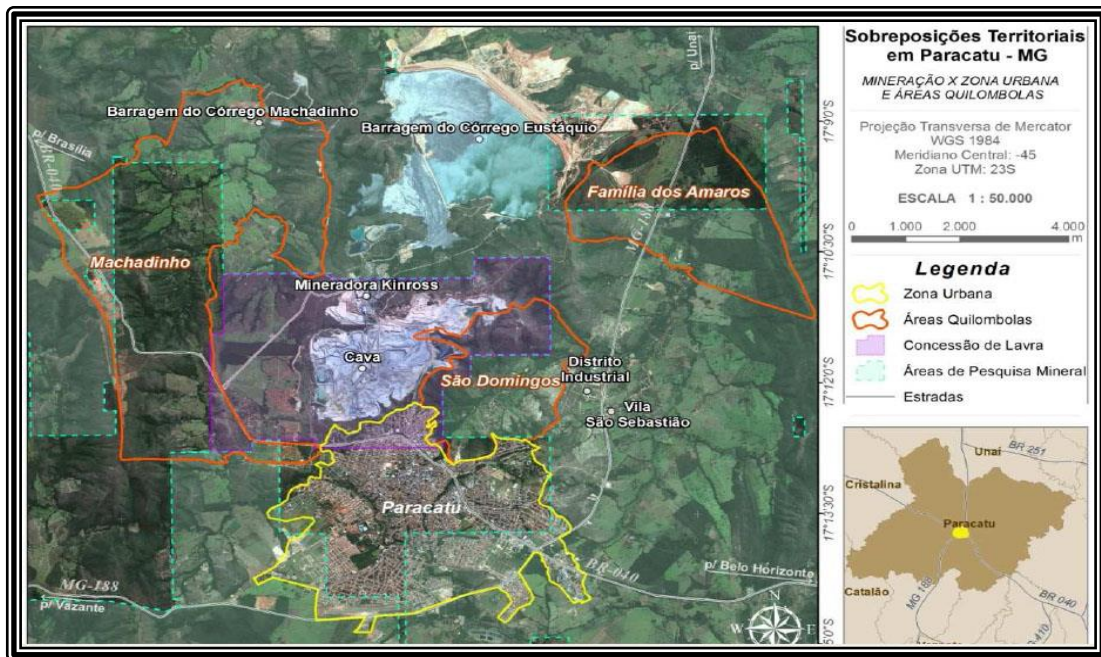
Após um longo período de exploração manual, em que houve grande oscilação na quantidade da retirada de ouro, pois várias jazidas do minério se esgotaram, inclusive com o assoreamento do chamado “Córrego Rico” – local que até hoje é possível encontrar resquícios da exploração da época – no final do século XX, mais exatamente na década de 1980, ocorreu a vinda da transnacional Rio Tinto Brasil.

Através da sucursal Rio Paracatu Mineração S.A., o grupo obtém a concessão de exploração do referido minério, por 20 anos, e começa a exploração no Morro do Ouro. Posteriormente, o grupo Canadense Kinross, através da união com a empresa de Eike Batista, TVX, adquire parte de exploração da Jazida e, somente em 2004, o grupo Kinross adquiriu o restante do capital da Rio Tinto para explorar, sozinha, a mina em Paracatu.

Como nova empresa à frente da exploração do ouro, de 2006 a 2008, a Kinross iniciou um projeto de expansão, com aquisição de novos maquinários, de maneira que aumentou – na mesma mina – três vezes a quantidade de minério extraído, do que hoje é conhecido como a maior mina de ouro a céu aberto do Brasil. Com esse novo projeto, a empresa renovou a concessão de exploração do ouro, sendo que seus estudos apontam a extração do minério até o ano de 2042. Atualmente, a Kinross Gold Corporation S.A. é a quinta maior produtora de ouro do mundo e, no Brasil, somente a mina de Paracatu é responsável por 29% de todo o ouro extraído no país.

O morro do ouro, local onde acontece a lavra (extração do mineral), faz divisa tanto com o município de Paracatu, quanto com várias outras comunidades, como pode se observar na figura a seguir.

Figura 1: Zona urbana de Paracatu, áreas quilombolas e área de mineração



Fonte: Comunidades Quilombolas 2014

A partir da imagem acima, dá para perceber que a concessão de lavra adentra parte do município e parte de áreas de comunidades que são centenárias, assim como a cidade, que inclusive recebeu o título de Patrimônio Cultural Brasileiro, em 2010, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Desde o começo da exploração, muitos conflitos foram gerados tanto com as comunidades Quilombolas que a cercam, quanto com os bairros que fazem divisa com a mineradora.

O nosso objeto de estudo é justamente fazer uma reflexão sobre as (re) construções de identidades na comunidade quilombola São Domingos e representações da mineradora Kinross nessa comunidade, focalizando os discursos da tradição e da modernidade sob uma perspectiva geracional. Assim, procuramos entender de que maneira acontece a construção/perpetuação identitária dos remanescentes, através de seus discursos e de suas práticas culturais, e as representações que a mineradora possui na visão de líderes e de ex-líderes da comunidade quilombola São Domingos. Nesse sentido, analisaremos as contradições e intersecções nos discursos, no seio de prática sociais mais amplas, pertencentes a gerações mais antigas da comunidade e a gerações mais jovens.

O interesse em pesquisar as questões identitárias e ideológicas por trás dos discursos, e as representações desses discursos, surgiu na oportunidade que tivemos em cursar uma disciplina de mestrado, como aluno especial, na Universidade de Brasília, chamada “Tópicos de Análise do Discurso I” com a professora Viviane Ramalho. A partir do contato estabelecido com o arcabouço teórico da Análise do Discurso Crítica (ADC de vertente inglesa- Norman Fairclough), conseguimos visualizar também questões relativas à hegemonia, tendo como foco a comunidade quilombola São Domingos e a mineradora Kinross. Nessa ocasião, vimos a oportunidade e necessidade de colocar em prática vários aspectos estudados na disciplina, aliados a vivências pessoais e profissionais, uma vez que várias questões conflituosas envolviam a mineradora no município de Paracatu-MG.

Nossa escolha por uma tradição analítica com foco nas práticas sociais e discursivas deve-se ao fato de elegermos o discurso como principal fonte de análise em nossa pesquisa, o qual, segundo Fairclough (1992, p. 63), “é uma forma de *prática social* mais do que uma atividade individual ou um reflexo de variáveis situacionais”. Para o autor, a linguagem pode tanto mudar, quanto manter práticas e identidades sociais. Assim, sob essa ótica, a escolha de determinadas formas linguísticas não é aleatória, pois dependerá do momento social específico em que foi produzido, contextualizado, aceito e/ou rejeitado, e também da motivação do grupo social de que faz parte.

Desse modo, desenvolvemos nesta pesquisa um estudo embasado na análise do discurso sobre as práticas sociais e discursivas dos quilombolas da comunidade São Domingos, incluindo reflexões sobre como vivem em relação às interferências que a mineradora proporciona – pois são vizinhas –, através de caminhos que englobam uma visão cultural, social, ideológica e discursiva do tema. Todavia, para que tais caminhos fossem alcançados foi necessário ampliar e articular os estudos realizados com base no conceito de transdisciplinaridade de Chouliaraki e Fairclough (1999: p. 2), o qual se apoia no diálogo de uma teoria com outras formulações conceituais, “de forma que a lógica de uma teoria seja ‘posta em ação’ dentro de outra sem a última ser reduzida à primeira”. Em outras palavras, é um processo de internalização, em que há motivação de categorias de uma teoria no interior de outra teoria, sem que a primeira se reduza à segunda. Assim, esta pesquisa baseia-se no diálogo transdisciplinar entre o discurso, a identidade e um olhar social sobre o tema em questão.

Isto posto, com o intuito de desvelar essa concentração de discursos imbricados nas práticas sociais da comunidade quilombola em foco, consideramos a Análise do Discurso Crítica como um enfoque teórico e metodológico essencial para desenvolver este trabalho. Referenciando a importância do papel e do lugar de uma análise linguística na situação proposta, citamos Fairclough (1992), que se refere à linguagem como uma forma de prática social, que auxilia na construção das identidades sociais, através de relações sociais, assim como dos sistemas de crenças e conhecimento.

Tendo como base os pilares da ADC, baseado em Chouliaraki e Fairclough (1999), para começar uma análise é necessário iniciar pela percepção de um problema referente ao discurso na vida social. Esse problema pode ser encontrado na prática social, isto é, na atividade concreta; contudo, também pode ser encontrado na construção reflexiva de uma prática social, ou melhor, nas representações que os indivíduos fazem de suas atividades, em que são partes constitutivas dessas atividades.

Dessa maneira, para compreender melhor como vivem os representantes dos ex-escravos, hoje conhecidos como quilombolas, da primeira comunidade quilombola de Paracatu, como se dá a construção de suas identidades e representações culturais diante do conflito/harmonia em que vivem com a mineradora, multinacional, Kinross, frequentamos a comunidade e elaboramos questões, semiestruturadas, aos participantes da pesquisa, que também nortearam o desenvolvimento deste estudo:

Questão 1 – Qual a diferença entre presidente da comunidade e presidente da associação?

Questão 2 – A Kinross possui a mesma relação com a presidente da comunidade e presidente da associação? Qual a diferença?

Questão 3 – A mineradora influenciou a vida da comunidade e das pessoas daqui? Como?

Questão 4 - Existe alguma desavença entre comunidade e mineradora? A mineradora alterou, de alguma maneira, a forma de trabalho ou de vida da comunidade?

Questão 5 – Vocês se identificam como quilombolas? Possuem orgulho ou sofrem alguma discriminação por parte de políticos, sociedade e mineradora?

Questão 6 – O que a mineradora trouxe de benefício ou malefício à comunidade São Domingos?

Apresentação dos capítulos

No primeiro capítulo, focalizamos as teorias que nortearam esta pesquisa, assim como seus pensadores. Começamos fazendo algumas reflexões sobre a identidade, tendo como principais teóricos Hall (2003), Bauman (1999) e Giddens (1991). Posteriormente, apresentamos os pressupostos teóricos da Análise do Discurso Crítica com Fairclough (1992, 2001, 2003), Chouliaraki e Fairclough (1999), Halliday (1985, [1975]). Na última seção, trabalhamos com os conceitos de Ideologia, Poder e Hegemonia, tendo como principais teóricos Thompson (1995), Althusser (1971), Gramsci (1995 [1971]) e Fairclough (2003 [1992]).

O segundo capítulo, que corresponde ao capítulo metodológico, expõe os pressupostos metodológicos da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, pois permite compreender como se constroem os sentidos nas interações sociais. As outras seções deste capítulo referem-se à Triangulação; ao arcabouço metodológico da ADC, segundo os pressupostos de Chouliaraki e Fairclough (1999) e recontextualizado por Dias (2011), com subseções referentes à (i) *questão motivadora*, (ii) *aprofundando a questão motivadora*, (iii) *definindo os principais desafios*, (iv) *reconfigurando a questão* e (v) *refletindo sobre a análise*. Segue a seção que trata da geração de dados e da constituição do *corpus*. Este capítulo revela como o corpus dessa pesquisa foi delineado e relata todas as suas etapas, desde a obtenção do acesso ao campo. Este capítulo está embasado no trabalho de Chouliaraki & Fairclough (1999), Dias (2011), Meyer (2001), Flick (2009), Thomas (1993), Tripp (2005), além de Bauer e Gaskell (2011).

No capítulo de contextualização, que é o terceiro, realizamos a análise da conjuntura. De acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 22), conjunturas são “conjuntos relativamente estáveis de pessoas, materiais, tecnologias e práticas – em seu aspecto de permanência relativa – em torno de projetos sociais específicos”. Para os autores, a vantagem de se focalizar as conjunturas é a possibilidade de se perceber tanto o efeito de eventos individuais, como de séries de eventos relacionados na transformação e na sustentação de práticas. Assim, verificamos como se deu todo o processo de mineração, como surgiu a comunidade quilombola São Domingos e suas representações culturais, além dos conflitos que acontecem entre as duas instâncias: comunidade X mineradora.

O quarto capítulo refere-se ao capítulo analítico e abordamos a temática da identidade e da ideologia, no que se refere à análise dos dados gerados. Através da aplicação do arcabouço da ADC, fundamentos em Chouliaraki e Fairclough (1999), destacamos os itens relativos à análise propriamente dita, sendo: *Análise do Discurso Crítica* para verificar e entender como se dava as relações entre comunidade quilombola e mineradora; e *Análise das Identidades* para compreender como os indivíduos da comunidade se representam em seus discursos e se identificam posicionamentos ideológicos em relação a eles, a suas atividades e à mineradora.

Por fim, nas considerações finais do trabalho, retomamos em linhas gerais as questões que permeiam este trabalho, relacionando com as conclusões das análises, com o intuito de caminhar para um desfecho que foi possível apenas pelas escolhas realizadas no decorrer da pesquisa.

1 CAPÍTULO TEÓRICO

Este capítulo está dividido em quatro seções, nas quais pretendemos apresentar a construção das bases teóricas da Análise do Discurso Crítica, numa abordagem transdisciplinar de análises discursivas envolvendo questões sociais. Na primeira seção 1.1, dedicamos-nos às reflexões sobre identidade, dando ênfase às identidades na modernidade tardia, uma vez que o discurso reflete os efeitos construtivos sobre identidades pessoais e sociais. Na segunda seção 2.2, discutimos a questão da transdisciplinaridade embasada na construção teórica da Análise do Discurso Crítica, trabalhando também o conceito de reflexividade. Dando continuidade à teoria, na seção 2.3, prosseguimos relatando as dimensões sociais que englobam a ADC. Finalmente, na seção 2.4, desenvolvemos questões pertinentes à ideologia, poder e hegemonia, que muitas vezes estão a serviço da dominação.

As principais referências para a construção deste capítulo foram Chouliaraki e Fairclough (1999), Fairclough (2001[1992], 2003), Dijk (2012[2008]), Bourdieu (1989), Hall (2003), Woodward (2000), Giddens (1991, 2002) e Thompson (1995).

1.1 Identidade

A identidade cultural do final do século XX perdeu sua estabilidade, pois houve uma fragmentação cultural de classe, gênero, sexualidade que, no passado, nos davam sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações desestruturaram nosso sentimento de sujeitos integrados ocasionando o que chamamos de deslocamento do sujeito que, por sua vez, constitui uma crise de identidade ao indivíduo. (HALL, 2003)

Segundo Mercer, citado por Hall (2003, p. 9), a identidade só se torna uma questão quando está em crise, quando o coerente e estável é deslocado trazendo dúvidas e incertezas. Além disso, esse deslocamento se dá nas mais variadas áreas como a cultural, econômica, social e política, por isso, a identidade é tão abordada em mídias e universidades.

No Brasil, podemos ter como exemplos de movimentações políticas a criação da delegacia da mulher, a abertura de cotas para negros nas universidades, a aceitação e legalização de união homossexual – além de outras mobilizações –, porém observamos que essas mudanças não são totalmente aceitas, pois são combatidos por alguns órgãos fundamentalistas como grupos de defesa de religiões, por deputados que querem que a língua não sofra influência de outras, de grupos que atacam fisicamente pessoas homoeróticas. Segundo Bauman (1999):

Numa localidade homogênea é extremamente difícil adquirir as qualidades de caráter e habilidades necessárias para lidar com a diferença humana e situações de incerteza; e na ausência dessas habilidades e qualidades é fácil temer o outro, simplesmente por ser outro – talvez bizarro e diferente, mas primeiro e, sobretudo, não familiar não imediatamente compreensível, não inteiramente sondado, imprevisível. (BAUMAN, 1999, p. 55)

Nesse contexto, a temática das identidades surge em meio a uma concepção de linguagem engajada no seio das práticas sociais, cuja ideia central é o fato de que todo uso da linguagem envolve ação humana em relação a alguém em um contexto interacional específico. Em outras palavras, o discurso surge no bojo dessa concepção de linguagem como prática relativa a sujeitos sociais que possuem suas marcas identitárias específicas capazes de inseri-lo na vida social e posicioná-lo no discurso de um modo singular, assim como a seus interlocutores.

Quando utilizamos a linguagem não interagimos com apenas o usuário, mas com todas as marcas sócio-históricas que o torna um ser social único. Moita Lopes (2003) diz que o si mesmo é construído em discursos e a seguir re-experenciado dentro dos textos da vida cotidiana tornando-se, portanto, reposicionado ou transformado.

No período chamado por muitos de modernidade tardia¹ (Giddens, 1991; Chouliariaki e Fairclough, 1999), os processos discursivos adquiriram importância central como instrumentos de reflexão, de interpretação e de compreensão da vida social, bem como de construção das identidades sociais e da vida social em um mundo altamente semiotizado.

¹ Este termo possui outras nomenclaturas dependendo do autor. Por exemplo, Bauman (1998, 2005) denomina de modernidade líquida; Jameson (1991), capitalismo tardio e Harvey (1992), sociedade pós-industrial, contudo utilizaremos nesta dissertação a expressão “modernidade tardia” utilizada pelo sociólogo britânico Anthony Giddens (1991, 2002).

1.1.1 Identidade na modernidade tardia

Baseado nos estudos de Stuart Hall (1992), o termo “modernidade tardia” faz alusão às transformações ocorridas com o avançar da modernidade, mas não indica uma ruptura, e sim uma continuidade do projeto moderno.

A principal diferença entre as sociedades tradicionais e as modernas é que estas são sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Anthony Giddens (1991) argumenta que nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio mais fixo de lidar com o tempo e o espaço, pois dá uma continuidade ao passado, no presente e no futuro, sendo estruturados por práticas sociais recorrentes.

Todavia, a modernidade é uma forma altamente reflexiva da vida e não é apenas constituída como a experiência de convivência com a mudança rápida, pois, “as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter” (GIDDENS, 1991, p. 37). Ele cita ainda o ritmo e o alcance da mudança, dizendo que, virtualmente, ondas de transformação social atingem toda a Terra à medida que áreas diferentes do globo são colocadas em interconexão umas com as outras².

David Harvey (1989) discorre sobre a modernidade como um rompimento com qualquer condição precedente, caracterizando um processo sem fim de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior. Como exemplo, ele cita a crise do capitalismo na década de 70, exigindo que seus seguidores reestruturassem o modo de produção: a rigidez do fordismo e sua linha de montagem foram substituídas pelo novo modelo de produção baseado na flexibilidade e em *redes*, propiciadas pela dissolução de fronteiras espaço-temporais. A produção de bens materiais duráveis e de consumo foi substituída pela produção de serviços-pessoais, comerciais, educacionais e de saúde, como também de diversão, de espetáculos, eventos, conhecimento e comunicação.

² Neste momento, Giddens refere-se à globalização e as influências que a mesma proporciona nos pares em que estão envolvidos.

Já Ernest Laclau (1990) revela que as sociedades modernas não possuem nenhum centro, ou princípio organizador, e não se desenvolvem de acordo com o desdobramento de uma única causa ou lei, mas de uma “pluralidade de centros de poder”. Neste momento, ilustramos a teoria destacando as identidades “formadas” na comunidade quilombola São Domingos, onde muitas pessoas desse local possuem orgulho de ser quilombola e manifestam esse orgulho através de suas crenças e culturas, porém essa assertiva não atinge a totalidade da comunidade, pois vários jovens pensam em trabalhar fora da comunidade vislumbrando, principalmente, a mineradora Kinross. A este fenômeno, Laclau chamou de “deslocamento”. Para ele, as sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela “diferença”, pois elas são atravessadas por antagonismos que produzem uma variedade de diferentes posições de sujeito – isto é, identidades – para os indivíduos, que proporcionam às sociedades não se desintegram totalmente, mas serem conjuntamente articuladas. Contudo, devido essa articulação ser parcial, a estrutura da identidade permanece aberta (o que proporciona e justifica as diferenças de aptidão/desejos numa sociedade, ou numa comunidade).

Apesar de essa concepção de identidade ser perturbadora, por diferenciar-se do conceito de identidade que trazíamos dos nossos antepassados e da nossa estrutura social, Laclau (1990) afirma que esse deslocamento possui características positivas, tais como a possibilidade de novas articulações, isto é, a criação de novos sujeitos ou a produção de novos indivíduos.

Outro pensamento que corrobora a ideia de deslocamento de Laclau é a reflexividade, que se refere à revisão dos aspectos da atividade social, por parte dos indivíduos - atores sociais -, à luz de novos conhecimentos gerados pelos sistemas especialistas. Diante da relação entre esses conhecimentos e o monitoramento reflexivo da ação, Chouliaraki e Fairclough (1999) sugerem que a reflexividade inerente à ação humana foi ‘externalizada’ na modernidade tardia, ou seja, as informações de que os atores sociais se valem para a reflexividade vêm “de fora”.

Um traço básico da modernidade é a reflexividade institucional, discutida por Giddens (1991, 2002), na modernidade tardia (ou modernização reflexiva, conforme Giddens, Beck e Lash, 1997), ou seja, a atividade social e as relações materiais com a natureza são intensamente revisadas pelos atores à luz de novos conhecimentos e de novas informações. O monitoramento reflexivo – que analisa a habilidade de olhar para as ações de julgar sua eficácia em atingir os seus objetivos – e que é inerente à ação humana, distingue-se desse tipo

de reflexividade, todavia, passa a influenciar cada vez mais tal monitoramento, no contexto da modernidade tardia.

Segundo Giddens (1991, 2002), a experiência mediada – possibilitada pelas mídias – assume dois traços característicos: o primeiro, denominado de “efeito colagem” referindo-se à construção de narrativas, numa justaposição de estórias e itens, cujo ordenamento expressa um desvencilhamento espaço-temporal, da “prisão” do lugar. O segundo consiste na inserção de eventos no cotidiano consciente dos indivíduos de maneira que ocorrem alterações das noções tradicionais de familiaridade e de experiência, redimensionando o acesso dos agentes a elementos presentes num plano global de comunicação. A experiência mediada tornou o cotidiano da vida mais influenciado pelo conhecimento e pela informação e, nesse cenário, a construção das autoidentidades passou a se sujeitar, numa maior proporção, às revisões da reflexividade institucional. Nas palavras do autor: “os indivíduos em cenários pré-modernos, em princípio e na prática, poderiam ignorar os pronunciamentos de sacerdotes, sábios e feiticeiros, prosseguindo com as rotinas da atividade cotidiana” (GIDDENS, 1991, p. 88).

Assim, práticas podem depender dessas autoconstruções reflexivas, cada vez mais influenciadas pela informação circundante, para sustentar relações de dominação. Os sentidos a serviço da dominação podem estar presentes nas formas simbólicas próprias da atividade social particular ou podem se fazer presentes nas autoconstruções reflexivas, caso a ideologia seja internalizada e naturalizada pelas pessoas. Contudo, a busca pela autoidentidade pode sinalizar possibilidade de mudança social em favor dos menos privilegiados, pois deve ser criada e sustentada nas atividades reflexivas do indivíduo.

A representação e o papel-chave da cultura na produção dos significados que permeiam todas as relações sociais levam a uma preocupação com a identificação (Woodward, 2000). Todas as práticas de significação envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre outras identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade.

As mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas. Assim, é possível observar com clareza o clima de insegurança que rodeia a temática das identidades e, por isso, o apego ao passado em

que, antigamente, se tinha algo para se apegar, algo que era referência, mas que quase não ocorre hoje devido à enorme quantidade de informações que são veiculadas e que as pessoas, agentes de suas práticas, têm acesso. As identidades em conflito estão no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem.

Ao afirmar uma identidade, buscamos legitimá-la por referência a um suposto e autêntico passado – possivelmente um passado glorioso, mas que parece “real” – que poderia validar a identidade que reivindicamos. Esse passado é parte de uma “comunidade imaginada”, uma comunidade de sujeitos que se apresentam como sendo “nós”. Hall (2003) argumenta em favor do reconhecimento da identidade, mas não de uma identidade que esteja fixada na rigidez da oposição binária “nós, eles”, ou “comunidade quilombola e mineradora”. Ele enfatiza a fluidez da identidade ao vê-la como uma questão de “tornar-se”, aqueles que reivindicam a identidade não se limitariam a ser posicionados pela identidade: eles seriam capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum. Embora a comunidade quilombola São Domingos possua origem de remanescentes escravos mineradores, necessariamente não precisa continuar seu legado de ‘mineradores’, mas buscar outras perspectivas de trabalho – que são tantas – no mundo globalizado em que vivemos hoje.

1.2 Análise do Discurso Crítica

A Análise do Discurso Crítica, doravante ADC, embora tenha iniciado com os estudos da Linguística Crítica, não é uma mera continuação desta, pois ampliou tanto a metodologia, quanto a teoria, em relação à descrição, interpretação e explanação crítica da linguagem em um contexto sócio-histórico.

Seu “criador” é o linguista britânico Norman Fairclough, professor da Universidade de Lancaster. Contudo, foi apenas na década de 1990 que a ADC se consolidou, quando estudiosos do discurso se reuniram em Amsterdã, em um simpósio, que contou com a presença de Fairclough, Teun van Dijk, Ruth Wodak, Theo van Leeuwen e Gunter Kress. Segundo Magalhães (2005), a partir deste encontro ficou acordado denominar a Teoria Social do Discurso de Análise do Discurso Crítica – ADC.

A ADC constitui modelo teórico-metodológico aberto ao tratamento de diversas práticas na vida social e procura fazer conexões, através de quadros analíticos, entre relações de poder e recursos linguísticos de grupos sociais e/ou indivíduos. Para a ADC o social e o linguístico são indissociáveis, pois o discurso é compreendido como um momento de prática social. O discurso, nessa concepção, é socialmente constitutivo, ou seja, através do discurso se constituem estruturas sociais e ele varia segundo os domínios sociais em que são construídos, variando com a ordem do discurso a que pertencem.

Discurso é uma maneira particular de construir um assunto, por enfatizar os conteúdos – áreas de conhecimento –, que entram nos textos na forma mediada de construções particulares dos mesmos (FAIRCLOUGH, 2001). A relação entre discurso e estrutura social tem natureza dialética, resultado do contraponto entre a determinação do discurso e sua construção social. Nas palavras de Fairclough (2001, p. 92), “é importante que a relação entre discurso e estrutura social seja considerada como dialética para evitar os erros de ênfase indevida; de um lado, na determinação social do discurso e, de outro na construção social do discurso”.

A prática discursiva considera o discurso como uma forma de prática social, ou seja, é constituído socialmente e constitutivo da estrutura social. Dessa maneira, tanto os variados tipos de discurso, quanto a inserção dos fatores sociais varia na prática discursiva, envolvendo o processo de consumo textual, distribuição e produção.

Já a prática social, segundo Fairclough (2001), é reproduzida pela linguagem, porém possui o poder de transformar essas práticas, ou seja, o discurso é uma forma de ação social que pode ser relacionada com questões de poder e ideologia.

De uma maneira menos abstrata e para uma análise mais clara, Fairclough (1992) propõe um modelo tridimensional de ADC, no discurso: texto, prática discursiva e prática social; e na prática de análise: descrição, interpretação e explanação, respectivamente.

A natureza da prática discursiva varia de diferentes maneiras de discurso, de acordo com fatores sociais envolvidos. Podemos entender por prática discursiva os processos sociais relacionados a ambientes institucionais particulares, políticos e até econômicos. Para Fairclough, a prática discursiva é mediadora entre o texto e a prática social:

A conexão entre o texto e a prática social é vista como mediada pela prática discursiva: de um lado, os processos de produção e interpretação são formados pela natureza da prática social, ajudando também a formá-la e, por outro lado, o processo de produção forma (e deixa vestígios) no texto, e o processo interpretativo opera sobre 'pistas' no texto. (FAIRCLOUGH, 1992, p. 36)

Na figura 2, abaixo, representado em seu livro *Discurso e mudança social*, o que Fairclough propõe é um modelo tridimensional em Análise de Discurso, que abrange a análise da prática discursiva, da prática social e do texto.

Figura 2 – Concepção tridimensional do discurso



Fonte: Fairclough (1992[2001], p. 101)

Fairclough, em relação à ideologia, considera o conceito de Althusser, porém com restrições relacionadas ao sujeito: a ideologia interpela os sujeitos, a ideologia possui existência material nas práticas institucionais e se considera os aparelhos ideológicos do estado (instituições).

Os aspectos ideológicos e hegemônicos na instância discursiva estão relacionados à análise da prática social. Analisando a *ideologia*, observam-se os aspectos do texto que podem ser investidos ideologicamente, como os *sentidos* das palavras, as *pressuposições*, as *metáforas*, o *estilo*. Analisando a *hegemonia*, observam-se as *orientações da prática social*, que podem ser orientações *econômicas*, *políticas*, *ideológicas* e *culturais*. Procura-se investigar como o texto se insere em focos de luta hegemônica, colaborando na articulação, desarticulação e rearticulação de complexos ideológicos.

Gramsci diz que o conceito de "hegemonia" é útil na análise das relações de poder como dominação. A hegemonia é relação de dominação baseadas em consentimento, em vez de coerção, que envolve a naturalização de práticas e suas relações sociais, bem como as relações entre as práticas, como questões de senso comum - daí o conceito de hegemonia enfatiza a importância da ideologia para alcançar e manter relações de dominação (Forgacs 1988; Thompson 1984; Fairclough, 1992a; Larrain, 1994). (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999, p. 24)

Para Chouliaraki e Fairclough (1999), o objetivo da ADC é fazer uma reflexão sobre as mudanças globais de larga escala, incluindo a possibilidade de práticas emancipatórias em estruturas cristalizadas na vida social. Compreender o uso da linguagem como prática social requer entendê-la como um modo de ação historicamente situado, ou seja, constituído socialmente, mas também é constitutivo de identidades sociais, de relações sociais e de sistemas de conhecimento e crença.

A visão científica de crítica social justifica-se pelo fato de a ADC ser motivada pelo objetivo de prover base científica para um questionamento crítico da vida social em termos políticos e morais, ou seja, em termos de justiça social e poder (FAIRCLOUGH, 2003a, p. 15). O enquadramento no campo da pesquisa social crítica sobre a modernidade tardia justifica-se pela apresentação da ADC como uma contribuição para as propostas sistemáticas da pesquisa social crítica sobre o momento discursivo de práticas sociais da modernidade tardia, período em que a linguagem passou a ocupar o centro do modo de produção do novo capitalismo. A teoria e a análise linguística e semiótica, por sua vez, auxiliam a prática interpretativa e explanatória a respeito das consequências e efeitos sociais que podem ser desencadeados pelos sentidos dos textos.

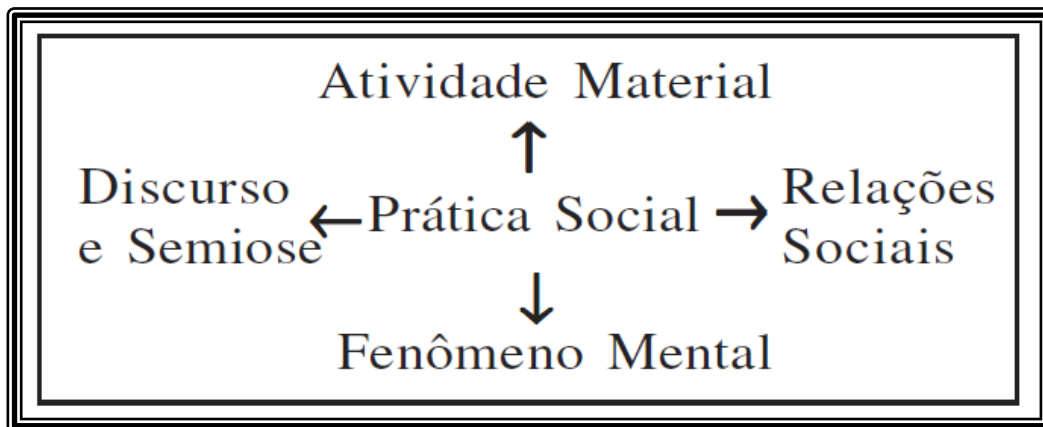
A vida social é constituída de práticas, e das práticas sociais há a ação habitual da sociedade, transformada em modos habituais de ação historicamente situados. Esse conceito de práticas sociais foi trazido do materialismo histórico-geográfico de Harvey (1996). Segundo Chouliaraki e Fairclough (1999), Harvey referenda a importância social do discurso na construção reflexiva da vida social, como parte da ação, assim como reconhece a importância do trabalho socialmente transformador do discurso.

Harvey (1996) defende que o discurso é um momento social e que sua relação com outros momentos é uma questão para se pensar. O autor identifica os seguintes momentos das práticas: relações sociais, poder, práticas materiais, crenças/valores/desejos, instituições/rituais e discurso, e postula que cada momento *internaliza* os outros sem ser redutível a nenhum deles. Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 29) adaptam os momentos

identificados por Harvey (1996) e propõem que a prática social seja composta de discurso (ou semiose), atividade material, relações sociais (relações de poder e luta hegemônica pelo estabelecimento, manutenção e transformação dessas relações) e fenômeno mental (crenças, valores e desejos – ideologia). Esses *momentos da prática social* se entrecruzam, sem se reduzir um ao outro, pela *internalização* e pela *articulação*.

Dessa maneira, o discurso deve ser visto como um momento da prática social ao lado de mais três importantes momentos, que também devem ser analisados. Através de análise de revelações discursivas historicamente situadas percebemos a internalização de outros momentos da prática no discurso. A figura 3, abaixo, ilustra bem esse processo.

Figura 3 – Momentos da prática social



Fonte: Chouliaraki e Fairclough (1999)

O foco nas práticas sociais é vantajoso na medida em que é um ponto de conexão entre estruturas abstratas e seus mecanismos e eventos concretos, entre a sociedade e pessoas vivendo suas vidas.

Segundo Fairclough (1999), por práticas entendemos maneiras, hábitos, vinculados a determinados momentos e lugares, em que as pessoas aplicam recursos (materiais ou simbólicos) para agir em conjunto no mundo. Práticas são constituídas por toda a vida social - nos domínios especializados da economia política, por exemplo, mas também no domínio da cultura, incluindo a vida cotidiana.

1.2.1 Reflexividade

De acordo com Giddens (2002), certas discontinuidades são apresentadas pelas instituições modernas em relação a culturas e modos de vida pré-modernos devido ao dinamismo das indústrias e à grande interferência nos costumes tradicionais e hábitos de uma comunidade. A vinda da mineradora, fazendo divisa com terras quilombola, mudou a forma de viver e hábitos não apenas da comunidade São Domingos, mas praticamente de toda a cidade de Paracatu (MG), pois a empresa obtém a concessão de mineração e mais ninguém pode explorar ouro – nem mesmo de forma artesanal – na região, a não ser ela.

No período que antecedia a era moderna, a reflexividade existia subordinada às tradições. Porém, devido a chegada dos tempos modernos, a reflexividade ganha uma nova vertente, “ela é introduzida na própria base da reprodução do sistema, de forma que o pensamento e a ação estão constantemente refratados entre si” (GIDDENS, 1991, p. 45). O referido autor afirma ainda que nessa reflexividade da modernidade existe o contraste entre o moderno e o tradicional. Isto é, essa modernidade reflexiva ainda está num processo em que o indivíduo possui liberdade para optar pelo seu destino, porém, as velhas tradições ainda fazem parte do seu convívio. As tradições quilombolas que ainda são perpetuadas na cultura da comunidade São Domingos fazem parte dos rituais de seus sujeitos, contudo com o avanço de novas possibilidades como fazer faculdade, trabalhar na mineradora e/ou morar fora, pode gerar conflitos, principalmente nos jovens, que já possuem uma gama maior de possibilidades para sua vida, além da comunidade em que foram criados.

Olhando dessa maneira, notamos que a reflexividade é institucional por ser uma forma de pensar não só do período histórico moderno, mas também das instituições modernas. Contudo, a reflexividade também é social não só por ultrapassar a forma de pensar, mas por ser um modo de vida. Nas palavras de Giddens (1991, p. 45), “a reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformuladas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim construtivamente seu caráter”.

Baseado no pensamento do autor, notamos que a tradição não é vista com bons olhos, mas como um entrave ao desenvolvimento do indivíduo uma vez que exacerba alguns tipos de conduta e valores de maneira que atrapalhe o desenvolvimento da reflexividade. Para Giddens

(1991), tanto os “vícios”, quanto os “desvios”, são produtos de uma “dinâmica social” em que a reflexividade não está desenvolvida, pois são vistos como resquícios de “modos sociais antigos” não reflexivos e que ainda resistem no presente.

A modernidade tardia é uma característica da reflexividade institucional e é tida para Giddens (2002, p. 25) como “a terceira maior influência sobre o dinamismo das instituições modernas”, ao lado da separação espaço-tempo e dos mecanismos de desencaixe e deles derivada. Essa separação espaço-tempo é fundamental ao desenvolvimento de mecanismos de desencaixe, pois se refere ao deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação, além de sua reestruturação, que passa por extensões indefinidas de tempo-espaço.

A reflexividade da vida social moderna, de acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999), devido aos novos conhecimentos fornecidos pelos sistemas (mídias), proporciona aos atores sociais uma possibilidade de revisão profunda relativa a vários aspectos da vida social, por causa da relação entre esses vários conhecimentos, mas também devido ao monitoramento reflexivo da ação.

Segundo Thompson (1998), grande parte desse conhecimento é veiculado na mídia e uma das características dela é, justamente, disponibilizar formas simbólicas no tempo e no espaço, o que implica um desencaixe dessas formas simbólicas de seus contextos originais, que são, todavia, recontextualizadas em diversos outros contextos, podendo outros atores sociais terem acesso e incorporarem esses bens simbólicos veiculados.

Apesar da grande veiculação dos produtos de mídia ser globalizada, a apropriação dos materiais simbólicos ocorre em contextos específicos e por indivíduos localizados, especificamente, em contextos sócio-históricos. Assim, Thompson volta o olhar aos conflitos e tensões oriundos da construção reflexiva de identidades, pela apropriação localizada dos produtos da mídia: “com o desenvolvimento da mídia, indivíduos têm acesso a novos tipos de materiais simbólicos e podem ser incorporados reflexivamente no projeto de autoformação” (THOMPSON, 1998, p. 158), ou seja, na construção reflexiva de suas identidades, os indivíduos podem escolher seus estilos de vida, contrariando as sociedades tradicionais, em que a tradição determina as possibilidades de escolha.

Dessa maneira, podemos concluir que o conceito de reflexividade refere-se à possibilidade de os sujeitos construírem ativamente suas autoidentidades, em construções reflexivas de sua atividade na vida social.

1.3 Dimensões sociais do discurso na Análise do Discurso Crítica

Discurso, de acordo com Fairclough (2003), é um elemento da prática social conectado a outros elementos, que englobam atividades materiais, relações sociais, processos, crenças, valores e desejos. Assim, a análise linguística de textos é perpassada pela análise do discurso ao considerar uma parceria entre as práticas sociais específicas e a estruturação social da linguagem. Nesse sentido, para o autor, a análise de texto não é vista apenas como análise linguística, pois inclui a análise interdiscursiva, ao considerar os textos como discursos, estilos e gêneros que se organizam e se articulam.

De acordo com Fairclough (2003), os textos podem afetar as nossas crenças, o nosso conhecimento, as nossas atitudes e valores, e, posteriormente, é possível reestruturar novas identidades. O autor exemplifica várias esferas da prática social que podem ser afetadas por textos, como mudanças no mundo material ou cultural. Justamente, um dos fatores em estudar a linguagem no foco da ADC realiza-se no fato de os textos poderem produzir mudança social, sendo que essa mudança envolve elementos da prática social, recombinação dos momentos dessa prática. Chouliaraki e Fairclough (1999), baseados em Harvey (1996), sugerem o conceito de “articulação” que abrange a análise dos momentos pertencentes a uma prática e a análise da relação de internalização entre as atividades materiais, relações sociais e fenômenos mentais.

Conforme Chouliaraki e Fairclough (1999), cada prática pode articular, ao mesmo tempo, com muitas outras de múltiplas posições sociais e com diversos efeitos sociais. Assim, Fairclough (2003), baseado no conceito de articulação entre os momentos da prática, associa o momento discursivo de uma prática também com a articulação de elementos como gêneros, discursos e estilos. Posteriormente, ele faz uma relação entre representação e discursos, identificação e estilos, ação e gêneros que discorreremos a seguir.

1.3.1 Significado representacional e Discursos

Na perspectiva da Análise de Discurso Crítica (ADC), discursos vão além da representação do mundo, o que possibilita a mudança social. Portanto, Fairclough (2003, p. 124) considera os discursos “como modos de representar aspectos do mundo – os processos, relações e estruturas do mundo material, o ‘mundo mental’ dos pensamentos, sentimentos, crenças, e o mundo social”.

Dessa maneira, discursos agregam as relações que os indivíduos possuem com o mundo, com suas identidades sociais e pessoais. Além disso, mesmo os discursos sendo localizados, ou seja, num contexto bastante específico, eles possuem outros discursos internos na sua constituição, podendo ser discursos mistos ou híbridos. Nas palavras do autor:

Discursos podem então ser vistos não apenas como modos de representação com um grau de uniformização e estabilidade, mas como modos de representação que constituem *pontos nodais* na relação dialética entre linguagem e outros elementos da vida social. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 126)

Assim, Fairclough (2003) pensa o discurso como a representação de alguma parte do mundo e a representação a partir de uma perspectiva particular.

1.3.2 Significado Identificacional e Estilos

Segundo Fairclough (2003), estilos estão relacionados aos processos de identificação, ou seja, à maneira como as pessoas se identificam e são identificadas pelas outras nas diversas práticas sociais. Dessa maneira, um processo de identificação mais amplo envolve efeitos constitutivos do discurso, que deve ser visto como um processo dialético, em que discursos são manifestados em identidades. Dessa maneira, podemos concluir que estilos são os aspectos discursivos das formas de ser, isto é, das identidades.

O autor, pensando a identidade assevera que “uma ênfase na agência define as formas nas quais os agentes estabelecidos produzem eventos, ações e textos de maneira potencialmente criativa e inovadora” (FAIRCLOUGH, 2003, p.224). Para ele, a capacidade

do sujeito de transformar suas posições identitárias está diretamente relacionada com sua reflexividade, que pode abrir caminhos em direção a uma mudança social.

1.3.3 Identificação Acional e Gêneros

Segundo Chouliaraki e Fairclough (1999), gêneros são os tipos de linguagem utilizados em práticas particulares, ou seja, são os modos de interagir e agir ao longo dos eventos sociais, articulando discursos de modo estável.

Outro autor que explana a ideia de gêneros é Marcuschi (2005). Em sua visão, gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que agem nos variados tipos de controle social e até mesmo no exercício de poder. Para o autor, gêneros textuais são a nossa forma de inserção e de ação no mundo.

Para Fairclough (2003), gêneros estão relacionados ao plano do agir. Já para Marcuschi (2005), a propriedade de utilizar os gêneros e dar sentido a eles é própria dos falantes e permite que haja tanto a preservação, como constantes mudanças e renovação dos gêneros.

1.4 Ideologia, poder e hegemonia

Nesta seção discutiremos o conceito de discurso voltado à ideologia e ao poder, situando este segundo termo numa concepção hegemônica, uma vez que a concepção da linguagem, no âmbito da ADC, assume uma perspectiva interacional entre a linguagem e a sociedade, superando o olhar neutro referente às trocas linguísticas e à visão sobre os sujeitos sociais.

As bases teóricas em que está apoiado o debate sobre o discurso e a ideologia provêm, principalmente, de Althusser (1971) e Gramsci (1971), onde se destacam três asserções:

Primeiro, a asserção de que ela tem existência material nas práticas das instituições, que abre o caminho para investigar as práticas discursivas como formas materiais de ideologia. Segundo, a asserção de que a ideologia ‘interpela os sujeitos’, que conduz a concepção de que um dos mais significativos ‘efeitos ideológicos’ que os linguistas ignoram no discurso (segundo Althusser, 1971: 161, n. 16), é a constituição dos sujeitos. Terceiro, a asserção de que os ‘aparelhos ideológicos de estado’ (instituições tais como a educação ou a mídia) são ambos locais e marcos delimitadores na luta de classe, que apontam para a luta no discurso e subjacente a ele como foco para uma análise de discurso orientada ideologicamente. (FAIRCLOUGH, 1992] p. 117)

Todavia, mesmo o debate sobre ideologia e discurso sendo influenciado por essas posições, também é prejudicado pelas limitações da teoria de Althusser, pois essa teoria possui uma visão de dominação e reprodução de uma ideologia dominante em que a luta de classes está sempre em equilíbrio. Assim, sendo as ideologias construções da realidade (identidades e relações sociais) que são feitas através de práticas discursivas e sob várias formas e sentidos, esse engessamento que a teoria de Althusser nos mostra foge um pouco das construções de relação / dominação, uma vez que as práticas sociais não se dão apenas de forma unilateral.

Thompson (1995 [1984]) também comunga dessa ideia, pois, para o autor, quando a prática discursiva atinge o patamar de senso comum, as ideologias embutidas nessas práticas discursivas são muito eficazes, mas não estáveis, pois existe uma referência de “transformação” que aponta para uma luta ideológica como dimensão da prática discursiva, uma luta que proporciona uma nova visão das práticas discursivas e ideológicas nelas construídas de maneira que se questione e/ou reestruture as relações de dominação.

Para Fairclough (1992), a teoria da ideologia, baseada em Althusser, tem influenciado a abordagem sobre discurso e ideologia, implicando em três assertivas representadas no quadro abaixo:

Assertivas de Ideologia segundo Fairclough (1992), baseado em Althusser

Assertivas	Definição
Existência material	A existência material abre caminho para investigar as práticas discursivas como formas materiais de ideologia.
Interpelação dos Sujeitos	A ideologia, ao interpelar os sujeitos conduz à concepção de um grande “efeito ideológico” que os linguistas ignoram no

A orientação dos “Aparelhos ideológicos de estado”

discurso, que é a constituição dos sujeitos.

Os “aparelhos ideológicos de Estado” (educação e mídias) são locais e marcos delimitadores na luta de classes que apontam para a luta no discurso e subjacente a ele como foco para uma análise de discurso orientada ideologicamente.

Assim, segundo Fairclough (2001), é importante observar, a partir de uma posição dialética, que os sujeitos são posicionados ideologicamente, mas, muitas vezes, não possuem consciência para perceber as diversas práticas e ideologias a que são expostos e reestruturar essas práticas e estruturas de maneira a ter um posicionamento em relação a elas.

Ainda para ele, as ideologias aparecem nas sociedades através das relações de dominação com base no gênero social, na classe, no grupo cultural etc. À medida que as pessoas são capazes de transcender as sociedades, também são capazes de transcender a ideologia, pois contrariamente à concepção de Althusser (1971) da “ideologia em geral” como forma de cimento social que é indissociável da própria sociedade, o fato de todos os tipos de discurso serem abertos ao investimento ideológico, em nossa sociedade, não significa que todos os tipos de discurso são investidos ideologicamente no mesmo grau.

A ideologia como um processo em funcionamento, que molda os indivíduos enquanto sujeitos para servir aos interesses das classes dominantes, encontrou um grande apoio na teoria hegemônica de Gramsci (1971). Em princípio, o conceito de hegemonia se refere ao modo como uma nação exerceria poder ideológico e social, ao invés de exercer um poder militar e coercitivo sobre outra nação. Todavia, vários teóricos, a partir das reflexões de Gramsci, costumam usar o termo para descrever o processo de uma classe dominante conquistar o consenso de classes subordinadas. Este consenso deve ser conquistado e renovado, pois as experiências sociais materiais das pessoas as relembram das desvantagens da subordinação, o que representa uma constante ameaça à classe dominante. A hegemonia também não denota uma relação estática de poder, ela localiza uma contradição incessante entre ideologia e a experiência do subordinado, visto que sempre há resistências às forças ideológicas.

Como exemplo, podemos citar os vários projetos que a mineradora Kinross “patrocina” não só no município, como também na comunidade quilombola São Domingos, como construção de um salão paroquial para a comunidade (que inclusive leva o nome de uma ex-líder da comunidade); revitalização da fábrica de doces, biscoitos e bordados; “apoio” na divulgação dos produtos produzidos na comunidade para sua comercialização, além de emprego. Dentre esses projetos e/ou benefícios, a Kinross procura mostrar ao máximo sua atuação e assistência dadas nas mais diversas áreas de maneira que a população não se esqueça de que ela também está fazendo algo de bom, além de explorar o ouro no município.

A visão de concepção de luta hegemônica em termos da articulação e rearticulação de elementos está em harmonia com o discurso: a concepção dialética da relação entre estruturas e eventos discursivos, considerando-se as estruturas discursivas como ordens de discurso concebidas como configurações de elementos mais ou menos instáveis; e adotando uma concepção de textos que se centra sobre sua intertextualidade e sobre a maneira como articulam textos e convenções prévias.

Apesar de ocorrer essas reorganizações da ordem do discurso, Gramsci também afirma ser comum determinado grupo social, no caso desta pesquisa – a comunidade quilombola São Domingos –, que está numa situação de subordinação em relação a outro grupo – a mineradora Kinross –, adotar a concepção do mundo deste grupo majoritário, mesmo que esta concepção esteja em contradição com a sua atividade prática e ideológica. Além disso, Gramsci ainda ressalta que esta concepção do mundo estabelecido pelo ambiente exterior é desprovida de coerência e consciência crítica. O resultado de uma adoção acrítica de outro grupo social é um contraste entre o pensar e o agir, ou seja, não há um posicionamento crítico diante de ações e pensamentos do “dominador”.

Contextualizando o trecho anterior, será que a comunidade quilombola São Domingos tem consciência de que o “patrocínio” dos projetos pela Kinross é uma forma de “compensar” toda agressão à natureza, que rodeia a comunidade, além de outros problemas como poluição e manipulação do terreno da mineradora? Será que a interferência externa prejudica ou corrobora para que as questões culturais se perpetuem na comunidade?

2 CAPÍTULO METODOLÓGICO

Neste capítulo apresentamos o percurso teórico-metodológico desta pesquisa. A primeira seção privilegia a Pesquisa Qualitativa de Cunho Etnográfico, como métodos que trabalham privilegiando o estudo das origens e relações sociais. A triangulação é trabalhada na segunda seção, apresentando um método de ordem transmetodológica para esta pesquisa. Na terceira seção apresentamos as características de Ética e Poder, baseados em autores consagrados da área. Na quarta seção desenvolvemos a Análise do Discurso Crítica (ADC) como metodologia e várias subseções como Questão motivadora, Aprofundamento da questão motivadora, Definindo os principais desafios, Reconfigurando a questão e Refletindo sobre a análise. Encerramos este capítulo com a Geração de Dados na seção cinco e Constituição do Corpus na seção seis.

Para este capítulo, as principais referências são, além de Chouliaraki e Fairclough (1999) e Dias (2011), Flick (2009), Thomas (1993), Gaskell (2011), Denzin e Lincoln (2006), Manzini (1991), Wodak (2003), Northway (2002) e Moreira e Caleffe (2006).

2.1 Pesquisa qualitativa de cunho etnográfico

Escolhemos a metodologia da pesquisa qualitativa para o desenvolvimento desta pesquisa, pelo fato de ela não possuir um único padrão, ou seja, por admitir aspectos contraditórios e fluidos do palco e dos atores sociais (CHIZZOTTI, 2006), sendo possível compreender, ao utilizá-la, como se constroem os sentidos nas interações sociais.

Recorremos à pesquisa qualitativa uma vez que a consideramos “as ciências que pressupõem a ação humana e que devem levar em conta a liberdade e a vontade dos indivíduos, sendo que estas sempre interferem no curso dos fatos e dão significados muito diversos à ação [...]” (*op. cit.*, p. 28). O vocábulo “qualitativo” refere-se aos indivíduos de maneira que pretende inferir os sentidos de eventos sociais, a partir dos pressupostos significativos de que as pessoas atribuem às suas falas e às suas ações. Assim, as questões

investigativas concernentes à subjetividade dos indivíduos, pela pesquisa qualitativa, tornam-se mais “acessíveis”.

A pesquisa qualitativa foi a metodologia escolhida para o desenvolvimento desta pesquisa por permitir identificar no *corpus* gerado relações de poder em um contexto sócio-histórico. Um dos objetivos desta pesquisa é entender como se dão os discursos de enfraquecimento e reforço da comunidade quilombola São Domingos em relação a uma mineradora, por isso optamos pela pesquisa qualitativa que considera a diversificação das esferas da vida (FLICK, 2009, p. 17).

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que posiciona o observador no mundo. Ela consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo, fazendo uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e anotações pessoais. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma postura interpretativa e naturalística diante do mundo. Isso significa que os pesquisadores desse campo estudam as coisas em seus contextos naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos sentidos que as pessoas lhes atribuem. (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 3)

Como a partir de dados interpretativos coletados podemos lidar com a exposição e interpretação da realidade social, a pesquisa qualitativa demonstra ser um excelente método de pesquisa, juntamente com a ADC, pois permite a compreensão de ideologias, identidades e representações sociais, uma vez que nos dá oportunidade de observar crenças, valores, representações e opiniões. Segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 17) “a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo, todavia esse mundo é constituído de processos comunicativos que representam o indivíduo nele.” Contudo, salientamos, segundo Bauer & Gaskell (2011), que a pesquisa qualitativa não possui o monopólio da interpretação, ou seja, cada situação traz princípios particulares de intertextualidade, uma vez que não há análise estatística sem interpretação.

A relação entre teoria e prática é outro ponto que justifica a união entre a ADC e a pesquisa qualitativa, ou seja, uma relação dialeticamente construída. Segundo Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 21), a ADC referenda que as práticas são um ponto intermediário entre estrutura, eventos e agências, ela dá ênfase não só para o abstrato ou para o concreto, mas realça a intersecção entre ambos. Segundo Flick (2009), esse tipo de pesquisa percorre o caminho da teoria ao texto e, depois, outro caminho do texto de volta à teoria. Dessa maneira, na pesquisa qualitativa, o objeto em estudo é o fator determinante para a escolha do método, e não o contrário. Para Flick (2009, p. 24), o grande objetivo da pesquisa qualitativa está

“menos em testar aquilo que já é bem conhecido [...] e mais em descobrir o novo e desenvolver teorias empiricamente fundamentadas”.

Nesse sentido, Moita Lopes (2006), destaca que a pesquisa qualitativa proporciona estudos interpretativistas que têm o objetivo de, através da observação, conhecer a realidade social investigada em um contexto particular. Desta maneira, este tipo de pesquisa é um trabalho que pode levar à emancipação do indivíduo, pois ela pode dar voz e, conseqüentemente, poder.

Como afirmam Denzin e Lincoln (2006), as práticas inferenciais que o pesquisador detecta, a partir da pesquisa qualitativa, dão visibilidade ao mundo, transformando-as em uma gama de significações e representações, que são realizadas pelos próprios sujeitos da ação. Nesse ambiente, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo circundante, o que significa que os pesquisadores estudam as questões em seus ambientes naturais, com o intuito de interpretar e entender os fenômenos em termos dos significados que os indivíduos a eles conferem. Nas palavras dos autores:

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de matérias empíricas - estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produção culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais. [...]. Entende-se, contudo, que cada prática garante uma visibilidade diferente ao mundo. Logo, geralmente existe um compromisso no sentido do emprego de mais de uma prática interpretativa em qualquer estudo (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

É fundamental que o pesquisador leve em consideração os objetivos das afirmações teóricas como participantes ativos, pois para referendar uma teoria crítica será apenas através da aceitação de sua importância pelos que constituem seus objetos (BAUER, GASKELL & ALLUM, 2008, p. 34). Como por exemplo, destaco os discursos dos quilombolas da comunidade São Domingos e suas práticas sociais e culturais (como a festa da caretada), mediante a influência e discurso da mineradora Kinross que possui a concessão de explorar ouro na região, emprega uma parte considerável da população e faz divisa com a comunidade quilombola São Domingos.

Outra metodologia utilizada nesta pesquisa será a etnografia, que visa a um entendimento dos processos sociais de produção dos eventos a partir de um panorama interno ao processo de pesquisa, através da participação durante o seu desenvolvimento, e do uso reflexivo de diversos métodos. Um ponto que se alinha à vertente crítica da análise do

discurso é justamente a participação efetiva do pesquisador em campo, conforme a atividade do pesquisador pode produzir mudança e transformação do campo etnográfico.

Uma das características da etnografia crítica é atuar sobre a cultura de maneira transformadora e não apenas descrevê-la. Apesar de a etnografia crítica e a etnografia convencional compartilharem de algumas características como adoção de regras etnográficas de análise e interpretação qualitativa dos dados, segundo Thomas (1993), o compromisso com os indivíduos pesquisados é muito maior na primeira etnografia, pois, a partir dos questionamentos suscitados no campo sob a ótica dos próprios sujeitos participantes da pesquisa, há uma preocupação com a mudança social, uma vez que afastam os sujeitos da repressão ao invocar a consciência crítica.

A etnografia crítica parte do problema de que nos falta consciência plena dos recursos simbólicos e processos que modelam nossas vidas diárias e os diversos aspectos da vida social. Ela pode alcançar profundamente as identidades sociais, pois, de acordo com Thomas (1993, p. 6) a etnografia “oferece ferramentas para cavar abaixo da superfície das aparências (...) para mostrar uma multiplicidade de sentidos alternativos”.

Segundo Thomas (1993), a partir da exposição dos mecanismos de controle e de poder, que podem estabelecer o senso comum ideológico e a hegemonia, desperta, segundo os etnógrafos críticos, uma conscientização do processo de domesticação. Ainda conforme o autor, este processo de domesticação implica a isenção de responsabilidade de certos grupos que consideram os problemas sociais como problemas dos outros (governos, polícias etc.).

A domesticação é considerada ideológica, pois envolve um conjunto de crenças e atitudes que compartilham seus problemas sociais acerca do mundo. A consciência crítica da domesticação faz parte do conjunto de interesse da etnografia crítica, pois estuda e analisa os processos que “moldam” tanto as relações humanas, quanto toda a vida social. Assim, a etnografia é “uma cultura estudando cultura” (Thomas, 1993, p. 10), uma vez que sua pesquisa envolve o entendimento da cultura dos pesquisados sob a perspectiva cultural do pesquisador. Dessa maneira, podemos dizer que consciência crítica da domesticação é objeto de interesse da etnografia crítica, pois estuda o processo que modela toda a vida social e as relações humanas.

A característica de estudar o comportamento social num ambiente, confiando em dados qualitativos, em que as interpretações são realizadas no contexto das interações humanas, são peculiaridades da etnografia, conforme afirmam Moreira e Caleffe (2006). Segundo os autores, a interpretação do resultado da pesquisa se dá, com referência ao grupo ou cenário, de acordo com as interações contextuais – sociais e culturais – mediante a observação dos sujeitos participantes da pesquisa. Neste sentido, a etnografia volta-se, prioritariamente, para a descrição e interpretação dos valores, das crenças, das ações e todos os eventos que envolvem a vida dos sujeitos pesquisados.

Segundo Gieve & Magalhães (1998), as perguntas formuladas pelos sujeitos de pesquisa, os interesses e as necessidades dos pesquisados, sob a perspectiva da etnografia crítica, segundo essa metodologia, devem considerar a disponibilidade dos resultados da pesquisa para o próprio grupo pesquisado. Os resultados da pesquisa são interpretados com referência ao cenário ou grupo, de acordo com as interações sociais e culturais que os sujeitos participantes da pesquisa possuem.

Com o intuito de fortalecer esses sujeitos participantes, de acordo com Thomas (1993), a voz do pesquisador procura ir ao interesse dos pesquisados, podendo ter como resultado final da pesquisa a possibilidade de emancipação; a hermenêutica da etnografia trabalha no modo como nós e os nossos sujeitos de pesquisa traduzimos o que vemos de um conjunto de símbolos culturais.

Nesta perspectiva, a pesquisa etnográfica engloba e procura compreender os significados reivindicados pelos próprios participantes relacionados à sua cultura e ao seu contexto. Dessa maneira, esse tipo de pesquisa se utiliza de técnicas voltadas para descrição do contexto estudado, como afirmam Hammersley e Atkinson (1994), ao revelarem que o valor da etnografia como método da pesquisa social está no fato da existência de uma variedade de modelos culturais e do seu significado na compreensão dos processos sociais. Assim, tanto a etnografia crítica, como outras perspectivas de pesquisas qualitativas, procuram estar inseridas no contexto natural para ter acesso aos comportamentos, às interações e às experiências a fim de entender o dinamismo do objeto de estudo. Por todos esses motivos, optamos em utilizar os métodos de pesquisa anteriormente citados, uma vez que há um dinamismo na cultura e trabalho dos quilombolas, assim como uma grande diversidade nos pontos de vista dos indivíduos que a constituem.

2.2 Triangulação

Com o intuito de complementar resultados obtidos através de técnicas quantitativas diversificadas no bojo da área da psicologia, Campbell e Fiske (1959), citado por Tashakkori e Teddlie (1998), começam a construir uma maneira para se chegar a resultados de pesquisa chamado triangulação. Para Berg (2004), a triangulação se utiliza de múltiplas linhas de visão, através de diferentes métodos, para obter interpretações menos parciais de uma determinada realidade simbólica. No caso de nossa pesquisa, a visão dos quilombolas em relação às interferências que a mineradora tem trazido a sua comunidade.

Em 1970, Denzin utilizou a concepção de que a obtenção de diferentes metodologias para coleta de dados e a sua análise, recorrendo a estratégias distintas, melhoraria a comprovação dos resultados. Assim, defendeu a ideia de que uma hipótese testada com o recurso a diferentes métodos poderia ser considerada mais confiável do que uma hipótese testada com o uso de um único método.

Nenhum método único jamais atenderá aos requerimentos da teoria da interação. Enquanto a observação participante permite o registro cuidadoso de situações e pessoas, ela não oferece dados diretos sobre as esferas mais amplas de influência que agem sobre os sujeitos observados. Porque cada método revela diferentes aspectos da realidade empírica, múltiplos métodos de observação devem ser empregados. Isso é denominado triangulação. (DENZIN, 1970, p. 28)

Destacamos as quatro maneiras diferentes de triangulação propostas por Denzin (1989), a saber: (i) triangulação de dados (refere-se ao uso de diferentes usos de dados); (ii) triangulação do investigador (emprego de variados observadores ou entrevistadores); (iii) triangulação da teoria (abordagem de dados tendo em mente perspectivas teóricas diferentes) e (iv) triangulação metodológica (composta por duas ou mais maneiras de coleta de dados). Nesta pesquisa, utilizaremos as duas últimas, pois envolve pesquisa social e possibilita, através de variados métodos e teorias, mensurar formas combinadas de estudo do comportamento humano. É preciso, durante a pesquisa social, usar mais de um nível de análise para os três aspectos básicos que constituem o estudo: nível individual, nível interativo (entre os grupos) e nível das coletividades (organizacional, cultural e societal).

Dessa maneira, optamos pelo método de ordem transmetodológica, que prioriza a combinação de diferentes métodos, para mensurar a mesma unidade pesquisada, de maneira

que os fluxos de um método combinam com os de outro, aproveitando o que há de melhor em cada um deles.

Nesta pesquisa utilizaremos a triangulação teórica, tendo como base a Análise do discurso Crítica e as Ciências Sociais; e a triangulação metodológica fazendo uso dos procedimentos da Análise do Discurso Crítica, da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico e da triangulação de dados utilizando as degravações das entrevistas feitas com líderes e ex-líderes da comunidade quilombola São Domingos, além das anotações de notas de campo.

2.3 Ética e poder

Uma série de desafios ao sistema de revisão ética vigente no Brasil é trazida pela pesquisa social (GUERRIERO, 2006). Em 1980, com a consolidação internacional dos sistemas de revisão ética, ocorreu uma intensa discussão entre os campos sociais sobre as regras de revisão adotadas pelos comitês de ética para as humanidades e, de forma mais específica, para as pesquisas que utilizam técnicas qualitativas de levantamento de dados (BOSK *et al.*, 2004).

As regras de revisão dos comitês de ética em pesquisa são desafiadas pelas técnicas qualitativas por dois motivos. Primeiramente, refere-se à produção do conhecimento, pois segundo Ribbens e Edwards (2000), tanto subjetividade, quanto reciprocidade são valores a serem considerados em um propósito de pesquisa com técnicas qualitativas de levantamento de dados. Para Denzin e Lincoln (2008), esse propósito de pesquisa engloba participantes e investigadores em relações sociais que estabelece um jogo simbólico de interesses e ideologias. O segundo motivo refere-se à produção de conhecimento na pesquisa social; assim, diferentemente das técnicas de pesquisa quantitativa, o conhecimento é gerado a partir da interação entre a teoria e a empiria, ou seja, do encontro entre o pesquisador e o mundo social. De acordo com Diniz (2008), uma parte considerável das pesquisas sociais não são estudos que antecipam achados de pesquisa, ou seja, não possuem hipóteses, pois procuram se aproximar da realidade na busca de novas ideias.

Segundo Flick (2009), no contexto da pesquisa, a ética está tomando grande relevância, tanto que a maior parte da ética tem que ser aprovada por comissões institucionais. Na medida em que a pesquisa qualitativa é quase sempre feita com seres humanos, de uma forma ou de outra, ela tem que ser submetida à análises institucionais com bastante regularidade visando, principalmente, a proteção e preservação do indivíduo pesquisado.

Ainda segundo o autor, toda essa discussão sobre proteção dos pesquisados proporcionou a elaboração de códigos de ética em diversas disciplinas e em diversos países, como a *British Sociological Association*, no Reino Unido, em 1951, e como o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília (CEP/IH), além da documentação como o Aceite Institucional e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que tivemos que explicar e aplicar aos entrevistados desta pesquisa. O enfoque dos comitês concentra-se mais na proteção de todos os participantes do processo de pesquisa, porém, também é uma forma de institucionalizar uma verificação da qualidade da pesquisa em suas dimensões éticas.

Um exemplo clássico e trágico sobre ética foram as experiências que os nazistas faziam com seus prisioneiros judeus. Esses casos de “pesquisa” levaram o conselho de pesquisa alemão a elaborar regras de boa prática profissional, inclusive para receber verbas para custeio da mesma. Todavia, não são apenas pesquisas com pessoas que devem passar pelo crivo da ética, pesquisas com animais também são permanentemente acompanhados.

A formulação dos códigos de ética visa à regulação das relações dos pesquisadores com as pessoas e os campos que pretendem estudar. Os princípios da ética de pesquisa postulam que os pesquisadores evitem causar danos aos participantes envolvidos no processo por meio do respeito e da consideração por seus interesses e necessidades. (FLICK, 2009, p. 51)

Esses códigos exigem que a pesquisa seja baseada no consentimento informado, ou seja, os participantes devem concordar em participar do estudo com base nas informações fornecidas pelo pesquisador. Neste contexto, Murphy e Dingwall (2001) falam de uma “teoria ética”, associando-a a quatro questões:

Não-maleficência – os pesquisadores devem evitar causar quaisquer danos aos participantes;

Beneficência – a pesquisa relacionada a temas humanos deve produzir algum tipo de benefício positivo e identificável, em vez de ser realizada simplesmente em função de seus próprios interesses;

Autonomia ou autodeterminação – os valores e as decisões dos participantes da pesquisa devem ser respeitados;

Justiça – todas as pessoas devem ser tratadas igualmente.

Northway (2002 p. 3) descreveu resumidamente o envolvimento ético em qualquer pesquisa, em suas palavras: “Seja como for, todos os aspectos da pesquisa, desde a decisão do tema, até a identificação da amostra, a condução da pesquisa e a publicação das descobertas, possuem implicações éticas.” Em todas as etapas da pesquisa, as questões éticas são abordadas. O modo como o pesquisador entra em campo, como seleciona os participantes da pesquisa e como lida com eles, suscita a questão sobre a maneira que o pesquisador informa a respeito da pesquisa e seus propósitos, assim como sobre suas próprias expectativas.

A pesquisa qualitativa geralmente é planejada, mas também tem que ser adaptável ao que acontece no campo. Os métodos empregados aqui são menos “fechados” do que os utilizados na pesquisa quantitativa, por isso implica maior cuidado em relação ao comitê de ética, pois não há como prever os tipos de dados que serão gerados em um estudo etnográfico.

A ética na pesquisa é uma questão fundamental no planejamento e execução da pesquisa. Soluções fáceis geralmente não são encontradas para dilemas e problemas, o que demanda um grande esforço do pesquisador em relação à reflexão e sensibilidade. O pesquisador deve tentar se colocar no papel dos participantes da pesquisa a partir de suas perspectivas, assim poderá conduzir um estudo mais reflexivo e alcançar a visão dos participantes em um nível diferente.

De acordo com Cameron (1992), há uma relação entre pesquisador (a) e pesquisado (a) que envolve o fortalecimento e a ética. Desta forma, como este trabalho trata-se de uma pesquisa ‘sobre’ e ‘com’ indivíduos, o pesquisador ético deve evitar a exploração dos dados obtidos de maneira a preocupar-se com a privacidade, de modo a assegurá-la, assim como será realizada nesta pesquisa.

Como mencionado no capítulo anterior, a etnografia crítica procura despertar uma conscientização do processo de domesticação, baseado na exposição de mecanismos de controle e poder da vida social e das relações humanas (THOMAS, 1993).

Para Roland Barthes (1988), o poder é pensado como a capacidade da classe dominante de tornar suas representações particulares aceitas por todos como se fossem

verdades universais. Desta maneira, o específico da ideologia não é o que a torna um mecanismo de poder, mas é impedir que a dominação e a exploração sejam percebidas em sua realidade concreta. Situação semelhante vive a comunidade quilombola São Domingos em relação à exploração da mineradora Kinross, pois, apesar de todas as consequências “maléficas” causadas pela extração mineral do ouro, a comunidade fica subjugada às intempéries físicas e sociais, mas tem a multinacional como importante parceira em “projetos” que a comunidade tenta alavancar.

Ainda para Barthes, todo discurso é ideológico e é discurso de poder. Isso porque o poder não é uma força estranha ao discurso que, em um determinado momento, dele se apodera. O poder mora no interior do próprio discurso e faz parte da sua construção textual. Assim, todo dispositivo de enunciação é um dispositivo de poder. Para o autor:

O poder está presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social: não somente no Estado, nas classes, nos grupos, mas ainda nas modas, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações, nas relações familiares e privadas, e até mesmo nos impulsos libertadores que tentam contestá-lo. (BARTHES, 1988 p. 11)

Toda língua é legislação, prescrição, imposição, poder. Mas essa não é uma particularidade da língua em si - que, enquanto um sistema de regras (vocabular e gramatical), exerce sobre o indivíduo forte coerção -, mas também do discurso, que impõe aos indivíduos as regras não menos prescritivas de gêneros (como demonstrou Bakhtin, 1987). A linguagem (tanto enquanto estrutura, quanto enquanto processo produtivo concreto) implica em uma relação fatal de alienação na medida em que impõe coerções iludíveis ao falante.

A linguagem classifica o poder e expressa poder. Esse poder se manifesta segundo os usos que as pessoas fazem da linguagem e suas competências para tanto. Ele pode ser, em alguns casos, negociado ou mesmo disputado, pois é rara a ocasião em que um texto é obra de uma pessoa só. Ressalta Wodak (2003):

Nos textos, as diferenças discursivas se negociam. Estão regidas por diferenças de poder que se encontram, por sua vez, parcialmente codificadas no discurso e determinadas por ele e pela variedade discursiva. Como consequência, os textos são com frequência arenas de combate que mostram as pistas dos discursos e das ideologias encontradas que contenderam e batalharam pelo predomínio (WODAK, 2003 p. 31).

O autor acima ainda ressalta que é bom entendermos que o poder não se origina da linguagem. Contudo, é possível, na linguagem, valer-se do próprio poder para desafiá-lo ou, mesmo, corrompê-lo, alterando as distribuições em curto ou longo prazo. O poder, através das

formas gramaticais, não se efetiva somente no interior do texto, mas, também, no controle que um indivíduo é capaz de desempenhar, através do texto, sobre uma situação social.

Fairclough (2001), baseado em Gramsci (1995), caracteriza "hegemonia" como domínio exercido pelo poder de um grupo sobre os demais, baseado mais no consenso que no uso da força. A dominação, entretanto, sempre está em equilíbrio instável, daí a noção de luta hegemônica como foco de luta sobre pontos de instabilidade em relações hegemônicas.

Na concepção de Gramsci (1995), o poder de uma das classes em aliança com outras forças sociais sobre a sociedade como um todo nunca é atingido senão parcial e temporariamente na luta hegemônica. Para ele, há uma relação direta entre revolução e crise hegemônica, ou seja, uma crise dos dirigentes que estão no poder. Eles não conseguem manter mais uma determinada situação coesa através da ideologia; por isso as alianças são tão importantes para se manter o "controle".

2.4 Análise do Discurso Crítica

Existe uma relação dialética entre estrutura social e discurso, em que este molda a sociedade, mas que também é moldado por ela, desenvolveremos este estudo baseado em Chouliaraki e Fairclough (1999), que considera a vida social o objeto de estudo da Ciência Social Crítica. Segundo esses autores, a vida social é feita de *práticas* e o *discurso* é tido como um dos elementos dessa prática social, que, concomitantemente, constrói outros elementos dessa prática e que, dialeticamente, é constituído por eles.

Práticas e estruturas sociais possuem uma natureza bidirecional da linguagem, pois tanto determinam a escolha lexical dos elementos linguísticos, como influenciam as práticas e as estruturas sociais. Para esses autores, as práticas são modos cotidianos de ação social, interligados a um tempo e espaço particulares, em que os indivíduos utilizam-se de recursos (simbólico e material) para agir no mundo, e incluem diversos elementos da vida: atividade material; fenômenos mentais (valores, crenças, desejos); relações sociais e processos (relações sociais, instituições, poder) e discurso, que são articulados entre todos esses elementos.

Esses elementos, quando reunidos em uma prática, são denominados de *momentos* dessa prática, que são dialeticamente articulados, internalizando outros elementos sem serem reduzidos a eles. Chouliaraki & Fairclough (1999) reiteram que para ocorrer a compreensão do momento discursivo, demanda a articulação não só de diversos momentos inseridos em uma prática, mas também a relação entre diferentes práticas, produzindo uma ordem discursiva ou (re)articulando as práticas.

Na versão de Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60), os autores apresentam não só uma nova teoria, mas também um método para análise das práticas sociais, mais especificamente para os momentos discursivos, ligando teoria e prática na vida social. Eles propõem o seguinte arcabouço:

1. Problema
(atividade, reflexividade)
2. Obstáculos a serem resolvidos;
 - a) Análise da conjuntura;
 - b) Análise da prática em foco (em que o discurso é um momento)
 - (i) Prática(s) relevantes (s)?
 - (ii) Relação do discurso com os demais momentos;
 - . discurso como parte da atividade;
 - . discurso e reflexividade;
 - c) Análise do discurso:
 - (i) análise estrutural: a ordem do discurso;
 - (ii) análise interacional
 - . análise interdiscursiva;
 - . análise linguística e semiótica
3. Função do problema na prática
4. Possíveis formas de vencer os obstáculos
5. Reflexão sobre a análise

Seguindo os passos de DIAS (2011), baseado em parte de sua pesquisa de doutorado, na seção intitulada “Repensando o arcabouço da ADC” em que Chouliaraki e Fairclough (1999) sugerem que o arcabouço exposto anteriormente pode ser adaptado à realidade de cada

análise, nós também optamos por selecionar tópicos que interessam, assim como fazer a inversão e/ou a exclusão de outros que se fizerem necessários nesta pesquisa. Nas palavras da autora:

[...] optei por modificar o tópico (2), unificando o item ‘b’ e ‘c’ e propondo um novo item para ‘c’, qual seja, a “análise das identidades”, em função da relevância teórica desse aspecto da vida social nas pesquisas em ADC. Resolvi retirar o tópico (3), “Função do problema na prática”, e o substituí por “Definindo os principais obstáculos”, com base na afirmação dos autores de que, a partir das análises realizadas no tópico (2), seria viável e possível o analista enumerar os principais desafios encontrados nos itens “a”, “b” e “c”. Por fim, desdobrei o último tópico (5), Reflexões na análise, em dois outros: em (5) “Reflexões sobre a análise” e em (6) “Reflexões finais sobre o problema”, por acreditar que assim as reflexões finais acerca da questão e da própria análise se organizam de modo mais detalhado. (DIAS, 2011, p. 235)

O novo arcabouço sugerido por Dias (2011), baseado em Chouliaraki e Fairclough (1999), apresenta as seguintes propostas e modificações.

1) Questão motivadora

2) Aprofundando a questão:

- a) Análise da conjuntura;
- b) Análise do discurso;
- c) Análise das identidades

3) Definindo os principais desafios

4) Reconfigurando a questão

5) Refletindo sobre a análise

Assim, durante o percurso na elaboração das análises, DIAS (2011) verificou a necessidade de alterar a versão de Chouliaraki e Fairclough (1999), chegando às seguintes modificações, como exposto no quadro acima:

1. Troca da denominação “Problema” por “Questão motivadora” (tópico 1);
2. Inclusão da Análise das Identidades no item “c” do tópico 2;
3. Retirada dos tópicos “Função do Problema na prática” e “Possíveis formas de vencer os obstáculos”;

4. Elaboração do tópico 3: “Definindo os principais obstáculos”;
5. Desdobramento do último tópico do original em dois tópicos diferentes: (4) Refletindo sobre a Análise e (5) Reconfigurando a Questão.

2.4.1 Questão motivadora

A análise do Discurso Crítica (ADC) é posta em prática ao observar algum problema que se refere ao discurso, baseado em alguma parte da vida social. Esse problema, segundo Chouliaraki e Fairclough (1999) pode se referir à construção reflexiva da prática social, ou a atividades (concretas) da vida cotidiana social, ou seja, nas representações que os indivíduos fazem de suas atividades que são, elas próprias, partes constituintes dessas atividades.

A comunidade existe desde o período do ciclo da exploração de ouro no Brasil, uma vez que as primeiras explorações do município, que antigamente não era nem “Vila”, começaram justamente aos arredores de onde hoje é a comunidade São Domingos, todavia, a mineradora está na região a cerca de 20 anos, fazendo divisa de terras com esta e outras comunidades e, desde então, interesses são discutidos, debatidos, numa visão dialética, em que há assimilação de ideias e propostas a favor e contra o que a mineradora propõe aos seus pares.

2.4.2 Aprofundando a questão motivadora

Ao considerar a vida social com o intuito de analisar algum aspecto discursivo, tendo um foco de interesse, é necessário que se aproprie de uma visão analítica, o que será feito a partir de três análises proposta no arcabouço, para que se entenda tanto as implicações estruturais da questão, quanto as razões motivadoras.

Os obstáculos propostos correspondem a três tipos de análises para aprofundar a questão motivadora: são as análises da conjuntura, a análise do discurso e a análise das identidades.

a) análises da conjuntura: as conjunturas podem reunir diferentes instituições, contudo congrega pessoas, materiais, tecnologias e práticas (culturais ou sociais) em torno de projetos sociais específicos. A análise se volta para a configuração das práticas em que o discurso em foco se situa e o objetivo é dar uma visão do quadro da prática social em que o discurso se localiza. No caso, o relacionamento do discurso com os processos de produção e consumo são focalizados na análise da conjuntura mais imediata em que o discurso acontece, contudo é necessário entender e refletir sobre os mecanismos históricos que atuam na questão da pesquisa.

b) análise do discurso: neste estágio é analisada a prática social da qual o discurso é um momento e são analisadas as relações dialéticas entre o discurso e os outros momentos da prática social. A análise do discurso, segundo Fairclough (2003), se baseia na suposição de que a linguagem é parte irreduzível da vida social, que é dialeticamente interconectada com vários outros elementos da vida social, de maneira que tanto a análise, quanto a pesquisa social têm a ver com a linguagem.

O discurso analisado faz parte de entrevistas em forma de narração em que líderes e ex-líderes da comunidade quilombola São Domingos-MG fazem sobre a relação entre comunidade e mineradora Kinross.

Apesar de terem consciência da devastação ambiental, das mais variadas formas de poluição, como do ar devido à poeira, dos mananciais devido às barragens de rejeitos da mineração, a visão em relação à multinacional é bastante atenuada, uma vez que a empresa busca “manter” um bom relacionamento com a comunidade incentivando e contribuindo em algumas necessidades como financiamento de projetos, construção de salão para uso da comunidade etc.

c) análise das identidades: é nesta fase que é possível entender os diversos papéis que assumem os indivíduos, nas diferentes posições das práticas sociais em foco, podendo observar se há uma continuidade da identidade na relação tempo/espaço, ou se há a construção reflexiva de uma autoidentidade pelo sujeito.

Dentro das práticas sociais, as práticas discursivas são essenciais para as análises a serem realizadas no escopo da ADC, uma vez que são realizadas a partir dos discursos que envolvem integrantes da comunidade quilombola e mineradora.

A percepção de relações de dominação faz parte dos estudos que a ADC propõem, contudo não é sempre que essas relações são bastante distintas de maneira que os indivíduos possam perceber. Uma das funções da ADC também é promover a flexibilidade no indivíduo para que nos momentos de prática social possam identificar, pensar e agir, numa visão dialética, sobre a hegemonia que um órgão ou instituição possa exercer sobre outrem; no caso desta pesquisa, sobre os sujeitos que constituem a comunidade quilombola São Domingos.

2.4.2.1 Definindo os principais desafios

Feitas as análises do item anterior, é possível que o pesquisador elenque, de maneira mais consistente, quais os desafios que a questão apresenta na realidade social dos indivíduos pesquisados. Não fica apenas nas hipóteses, mas em parâmetros concretos para que o pesquisador reflita sobre a análise e sobre a própria questão que foi suscitada no início da pesquisa, construindo uma visão de toda a situação vivenciada – neste caso, a relação entre comunidade e mineradora – para que possa transmitir as conclusões às pessoas interessadas no processo de pesquisa.

De acordo com o postulado de Dias (2011, p. 241), baseado em Chouliaraki e Fairclough (1999), a estabilidade relativa das práticas, como um efeito de poder e como um fator de reprodução das relações assimétricas, recai sobre a tensão dialética entre as estruturas e as atividades práticas das pessoas engajadas na prática social em foco.

A dialética também paira nesta fase, pois percebemos que o interesse não mais está em localizar a estabilidade relativa das práticas, mas sim analisar a estabilidade como um efeito de poder e como fator de reprodução das relações assimétricas entre às práticas discursivas das instituições e ou pessoas pesquisadas.

Segundo Chouliaraki e Fairclough (1999), esta etapa da pesquisa fica marcada pela troca daquilo que “é” com o que “deveria ser”, isto é, a troca da explicação usual sobre a questão para uma avaliação da questão em termos dos resultados problemáticos.

2.4.2.2 Reconfigurando a questão

Nesta fase da pesquisa, o foco não fica restrito às estruturas reprodutivas, mas procuram ressaltar os percursos que os indivíduos fazem em determinados momentos e condições estruturais. É muito importante que se focalize as estruturas como sistemas abertos para que haja ação transformadora, que geralmente são caracterizadas por contradições e tensões dentro de uma determinada prática.

Assim, o que realmente importa é a visualização de novos aspectos que não foram observados anteriormente, ao longo do processo de pesquisa proposta pelo arcabouço, ao invés da questão inicial da pesquisa.

2.4.2.3 Refletindo sobre a análise

Segundo Chouliaraki & Fairclough (1999), a singularidade da perspectiva não é em si negativa, desde que tal singularidade esteja clara e desde que outras perspectivas sejam reconhecidas. Neste momento são inseridas a relação da prática teórica do pesquisador e as práticas analisadas, ou seja, os pesquisadores partem de um posicionamento referendado por um campo teórico, possuindo interesses em conhecer as perspectivas que levaram aos problemas, ideologias, poder etc.

As questões iniciais e os objetivos traçados, nesta etapa da pesquisa, são revistos com mais revisões teóricas e analíticas por meio de uma autoavaliação dessas mesmas questões e objetivos, numa perspectiva reflexiva que ocorre no decorrer da pesquisa.

2.5 Geração de dados

Com o intuito de fazer um primeiro contato para o levantamento das informações sobre os possíveis conflitos entre a mineradora do grupo Kinross e a comunidade quilombola São Domingos, frequentamos a comunidade em vários momentos como festas religiosas – em homenagem a São João -, expressões culturais típicos dos quilombolas de Paracatu – como a caretada – e também conhecemos o restaurante da comunidade, onde tivemos a oportunidade de conversar, previamente, com o dono – que é quilombola – e obter algumas informações sobre como ter acesso às lideranças “responsáveis pela comunidade”.

Essas interações e movimentos de expressões culturais foram registrados por meio de vários instrumentos, como:

- Entrevistas semiestruturadas gravadas em áudio, em forma de narrativas, com cinco lideranças e ex-líderes que fazem e fizeram parte da “condução” da comunidade junto à sociedade, mas principalmente junto à mineradora Kinross. Os locais onde se deram as entrevistas foram todos na comunidade, porém em locais distintos como a sede a associação, praça e residência de uma das líderes, pois a mesma se encontrava em recuperação por ter torcido o pé. Enfatizo que todas as cinco entrevistas fizeram parte da constituição do corpus.
- Notas de Campo, no período de 06 meses, em que pudemos observar a movimentação das pessoas indo ao trabalho e à escola, além de acompanhar a elaboração de festividades e a produção da rapadura;
- Participação de eventos, como espectador, e registro das expressões culturais como a caretada e a festa em homenagem a São João em forma de fotos e vídeos;
- Consulta a reportagens veiculadas em três jornais locais (Jornal Dinâmico, Jornal O Movimento e jornal O Lábaro) que constam no acervo do Arquivo público municipal José Michael Gonzaga, sobre os conflitos entre mineradores e Kinross; sobre poluição das águas devido exploração do ouro, pela mineradora; e conflito entre as comunidade quilombola e mineradora Kinross.

Foi fundamental e fez uma grande diferença ter conhecido, antecipadamente, esse novo universo da ordem do discurso dos quilombolas para que pudéssemos apossar de conhecimentos e entender a temática das comunidades quilombolas e os conflitos com a multinacional.

Devido ao fato de não pertencer à comunidade quilombola e com o distanciamento natural do lugar do qual observamos (qual seja, da nossa prática discursiva de pesquisador), conseguimos entrever a questão do cotidiano da comunidade – seus anseios e dificuldades – e das relações com a mineradora de maneira menos parcial, ou seja, procuramos não influenciar ou induzir os participantes da pesquisa nas respostas às indagações. Como morador do município de Paracatu há nove anos, não estava nem inteiramente fora do contexto a ponto de influenciar a análise, nem inteiramente dentro, de maneira que o envolvimento pessoal pudesse influenciar na visão do estudo.

2.6 Constituição do *Corpus*

Como Professor Universitário da Universidade Estadual de Montes Claros, fomos convidados, em 2004, a coordenar um Campus da UNIMONTES na cidade de Paracatu-MG. A partir dessa oportunidade, trabalhamos no município desde o ano de 2004 e fixei moradia desde 2006 até os dias atuais.

Através de passeios, tivemos a oportunidade de conhecer e usufruir de restaurantes, cachoeiras e outros locais mais distantes da cidade, razão pela qual conhecemos a comunidade quilombola São Domingos, onde há um restaurante e campos para a prática de futebol que são bastante conhecidos e frequentados, principalmente aos finais de semana.

Com o tempo, presenciamos o período de renovação da concessão da mineradora Kinross, antiga RPM (Rio Paracatu Mineração), para exploração de ouro na região e pudemos presenciar, via reportagens e conversas, no município, os embates que a mineradora travava com alguns moradores, geralmente agricultor familiar, pessoas de bairros vizinhos à mineradora, mas principalmente com comunidades que faziam divisas com “suas terras”.

Dentre essas comunidades há o “Quilombo do Machadinho” e também a comunidade quilombola São Domingos, que é objeto de nossa pesquisa.

Baseado nos estudos de Fairclough (2001, 2003), a produção de significados dentro do processo interativo sugere três elementos distintos dentro das práticas sociais: a produção do texto, a composição e a recepção. Enquanto a produção refere-se aos autores, faltantes e produtores, a recepção diz respeito aos intérpretes, suas interpretações e aos seus ouvintes. O autor entende que os sentidos são produzidos no decorrer da interação uma vez que a relação entre os elementos em diferentes níveis do texto/discurso como conhecimento, posição institucional e valores dos interlocutores do texto/discurso e os desejos, valores, interesses e intenções dos produtores devem ser levado em conta na produção de sentido dos textos/discursos. Dessa maneira, para que as análises sejam significativas e contextualizadas, levaremos em consideração os elementos da prática social citado acima.

Para uma análise de discurso crítica interacional, analisaremos entrevistas em forma de narrativas gravadas e posteriormente degravadas, com lideranças, moradores, comerciantes e ex-líderes da comunidade São Domingos com o intuito de desvelar e entender a conjuntura de como o discurso e o relacionamento da mineradora Kinross são vistos pelos integrantes da comunidade, sob a ótica de seus representantes.

Para que a entrevista acontecesse, as lideranças e ex-líderes foram procurados e foram bastante receptivos no que tange à entrevista para a realização desta pesquisa. A geração de dados se deu através de entrevista semiestruturada.

De acordo com Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada tem como foco um determinado assunto sobre o qual elaboramos um roteiro com perguntas principais que, provavelmente, são complementadas por outras questões pertinentes às questões da entrevista. Para ele, com esse tipo de abordagem (entrevista) há a possibilidade de suscitar novas informações, de forma mais livre, sendo que as respostas não estão necessariamente relacionadas a um padrão de alternativas.

Contudo, o autor se refere à extrema importância de perguntas básicas e principais para atingir o objetivo da pesquisa. Dessa maneira, Manzini (2003) salienta que é possível um planejamento da coleta de informações por meio da elaboração de um roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos. O roteiro serviria, então, além de extrair as informações

básicas, como um meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o indivíduo pesquisado.

Para Gaskell (2011, p. 65), o fundamento da entrevista qualitativa é “uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos”. Nesse sentido, as entrevistas desta pesquisa tiveram questões semiestruturadas, também conhecidas como tópico-guia que, como alerta Gaskell (2011), apesar de transmitir a ideia de uma conversa, aparentemente, casual e natural, exige um preparo especial do pesquisador. Nas palavras do autor:

O tópico-guia se fundamentará na combinação de uma leitura crítica da literatura apropriada, um reconhecimento do campo (que poderá incluir algumas observações e/ou conversações preliminares com pessoas relevantes), discussões com colegas experientes e algum pensamento criativo. (GASKELL, 2011, p. 66)

Dessa maneira, a função pesquisa semiestruturada é criar um referencial para uma discussão de tom menos formal, ou seja, mais natural, mas não menos relevante. Conforme o tópico-guia é desenvolvido, o pesquisador pode se lembrar de outras questões também relevantes para o seu trabalho e inserir novas questões.

Por exemplo, no início de uma das entrevistas, em que eu falava com um integrante da comunidade, que é empresário, o mesmo interrompeu minha fala, assumiu o turno da conversa e disse: *“e também fabricante de rapadura... também, rapadura é uma... essa rapadura que eu acho que é mais importante do que o próprio restaurante, porque rapadura é uma tradição, né? É coisa que vem lá... de (antigamente).”*

Eu ainda estava contextualizando a pergunta, que se referia à questão cultural, e quando me referi ao seu ofício, fui interrompido e o próprio entrevistado iniciou sua fala sobre o produto que produzia na comunidade e que era motivo de muito orgulho para ele, pois, de certa maneira, é fruto não só do seu trabalho, mas “apresenta” e “representa” a comunidade ao mundo, uma vez que seu produto leva o nome da comunidade quilombola São Domingos e é vendido em vários locais.

Como a comunidade quilombola São Domingos é considerada a mais antiga comunidade local, ela procura preservar, dentro de suas limitações, suas tradições culturais (rituais), religiosas e culinárias. Além dos assuntos pertinentes ao convívio entre mineradora e comunidade, estas tradições – culturais, religiosas e culinárias – foram abordados e se

demonstraram pertinentes, pois há a intervenção da mineradora no que tange perpetuação e divulgação dessas tradições.

De acordo com Da Matta (1997), os rituais são momentos (eventos sociais) importantes que possuem o intuito de promover e perpetuar a identidade social de um grupo. A comunidade possui várias tradições culturais, mas que estão se perdendo, porém uma que ainda resiste e que a comunidade abraça, sendo a mais conhecida no município é a chamada “Caretada”, que será abordada com mais detalhes no capítulo de contextualização. A comida também, segundo o autor, é uma das manifestações mais importantes e que se destacam na sociedade brasileira e foi desenvolvida desde o início da formação do Brasil com a miscigenação cultural que ocorreu no país. Na comunidade não é diferente, tanto que em uma das entrevistas, o entrevistado fala da importância que se tem em fazer, vender e divulgar a “rapadura” que é feita na comunidade. É um produto artesanal e que leva o “rótulo” de ser feito na comunidade quilombola São Domingos.

Após o período de observação e geração de dados, para fins de análise, trechos das entrevistas foram selecionados com o intuito de dedicar à análise do discurso propriamente dita. Assim, as informações apresentadas no decorrer desta pesquisa foram classificadas da seguinte maneira: os líderes, ex-líderes e remanescentes da comunidade quilombola São Domingos são identificados pela letra “E”, representando os cinco entrevistados da pesquisa, ou seja, de “E1 a E5”, com a finalidade de preservar a identidade dos indivíduos participantes deste trabalho. Além disso, utilizamos nos fictícios para representar as pessoas cujos nomes, em alguns momentos da pesquisa, foram citados.

3 CAPÍTULO DE CONTEXTUALIZAÇÃO

Iniciaremos este capítulo fazendo uma pequena retrospectiva da mineração no Brasil e em Minas Gerais, do período colonial aos tempos atuais, na tentativa de entender a evolução e os processos que se deram no Brasil, além das relações que possuem com a sociedade, pois uma das questões motivadores desta pesquisa é justamente entender como se dá o processo de convivência entre mineradora e comunidade quilombola no município de Paracatu-MG. Posteriormente, descreveremos o processo de implementação da mineradora no município de Paracatu, destacando sua “convivência” com um de seus vizinhos a comunidade quilombola São Domingos.

3.1 Mineração no Brasil

O termo Mineração, que provém do século XVI, é a nomenclatura utilizada ao ato de retirar substâncias do solo ou da rocha. Todavia, a retirada de minerais da natureza possui registros antes mesmo da organização do calendário cristão e, nesse período, sua preocupação precípua era encontrar materiais em que se pudessem produzir ferramentas, armas e utensílios domésticos como potes e jarros.

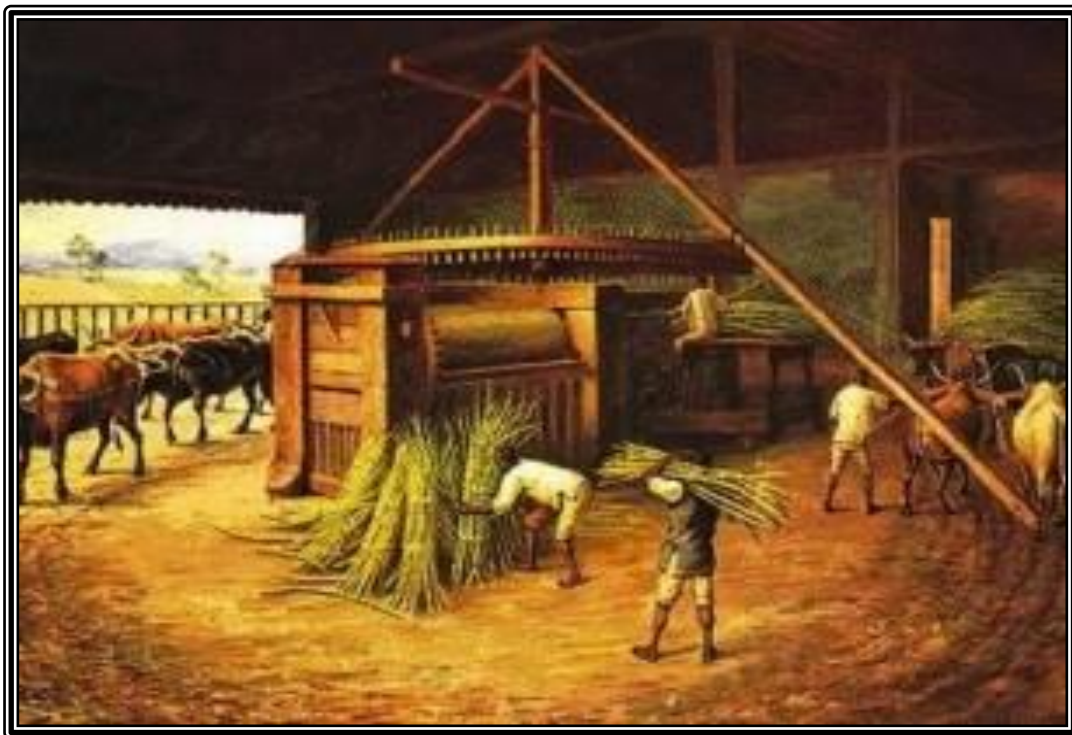
A exploração de minerais pode ser realizada por minas de superfície – a céu aberto, como as pedreiras – ou subterrâneas. Dentre os vários recursos minerais que podem ser extraídos citamos: ouro, diamante, petróleo, gás natural, ferro, prata, água entre tantos outros. Contudo, todos os minerais extraídos se encontram em sua forma bruta e devem ser trabalhados para que sejam comercializados.

No Brasil, desde o final do século XVI, já ocorrera uma escassa exploração mineral do chamado ouro de lavagem que, em razão da baixa rentabilidade, foi rapidamente abandonada, sendo retomada apenas no século XVIII, período em que a mineração efetivamente passou a dominar o cenário brasileiro, intensificando a vida urbana da colônia. Com essa retomada da exploração de ouro e também de diamantes em Goiás, Mato Grosso e principalmente no

estado de Minas Gerais, em apenas 100 anos a população brasileira passou de trezentos mil para três milhões de habitantes.

Outra situação que corroborou para a retomada da exploração mineral foi a dificuldade com a exportação do açúcar, pois quando os holandeses foram expulsos do Brasil, no século XVII, acarretou problemas para a economia da colônia de Portugal, uma vez que este perdeu o monopólio do açúcar e os holandeses passaram a vender um produto mais barato na Europa.

Figura 4 - Ilustração de engenho colonial brasileiro, operado por escravos



Fonte: Infoescola (2014)

A contribuição dos escravos para a região foi muito grande devido sua experiência no manejo de metais e alguns obtiveram algumas regalias, como trabalhar livre ou até mesmo comprar sua própria liberdade. O povo indígena também contribuiu com o ciclo da mineração servindo como guia de expedições. A população da colônia cresceu muito rapidamente tendo como consequência a transferência de sua sede que era em Salvador, para o Rio de Janeiro, destacando a elevação do Brasil a Vice-Reino.

Figura 5 – Áreas de mineração no século XVIII



Fonte: jchistorybrasil (2014)

Os primeiros garimpos foram no Vale da Ribeira, mais precisamente em São Vicente, no estado de São Paulo. Posteriormente, os bandeirantes paulistas se espalharam por Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais, sendo que o ouro e os diamantes dos aluviões³ eram retirados manualmente com pás, lançados em calhas e depois bateados, sendo os rejeitos lançados manualmente em locais próximos. De acordo com Germani (2002):

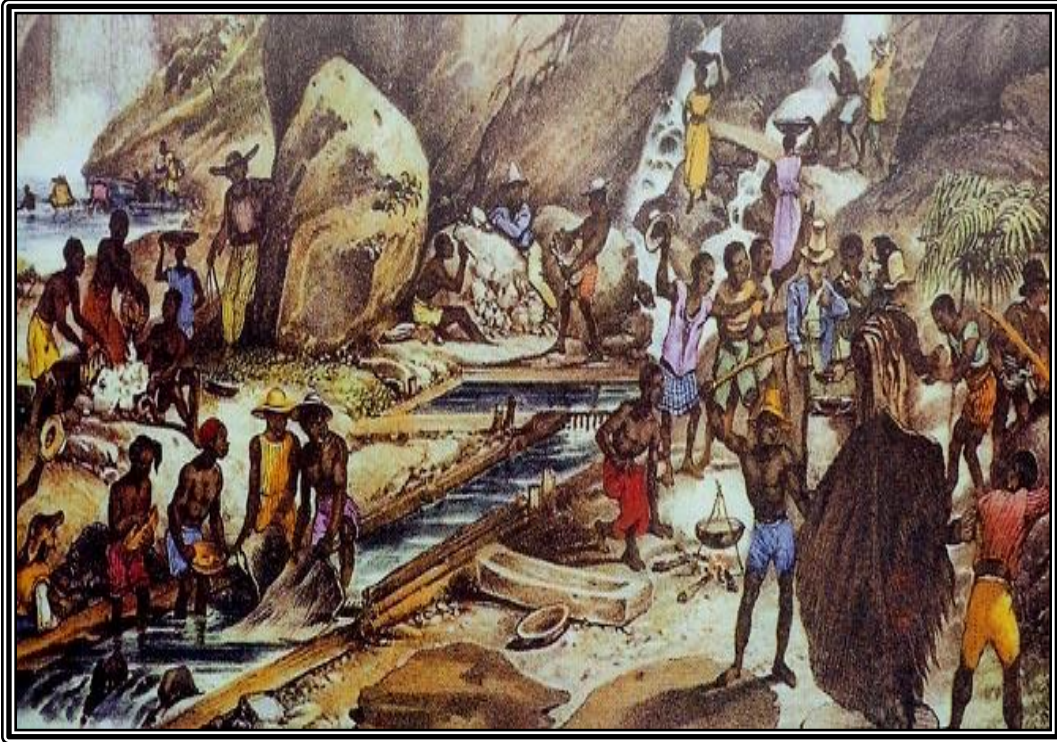
Os veios que penetravam nas encostas eram perseguidos por galerias perfuradas com ponteiros e malhos e, quando necessário, eram detonados também com pólvoras caseiras. O minério era em seguida carregado igualmente por pás em carrinhos de mão. Os poços verticais ou inclinados, que se faziam necessários para acompanhar as camadas ou veios, eram perfurados da mesma forma, sendo o minério içado em baldes de madeira por sarilhos manuais. O transporte mais longo era feito em carroções por tração animal. As aberturas eram sempre de seções acanhadas, pouco iluminadas, dificultando o trabalho e causando danos à saúde dos operários (a maioria escravos) que nelas trabalhavam. A falta de conhecimento geológico dificultava sobremaneira o trabalho. (GERMANI, 2002, p.5)

No período colonial brasileiro, a economia é integrada ao processo mundial de expansão do capitalismo mercantil. Assim, baseada no monopólio colonial – Portugal tem a exclusividade do comércio com a colônia –, é altamente especializada e dirigida para o

³ Em geologia, aluvião é um depósito de cascalho, areia e argila que se forma junto às margens ou à foz dos rios, proveniente do trabalho de erosão.

mercado externo, sendo que internamente possui postura predatória sobre os recursos naturais encontrados, como mostra a figura abaixo.

Figura 6 – Negros escravos trabalhando na mineração



Fonte: Mundoeducação (2014)

Com a descoberta das jazidas minerais no centro-sul do país, em meados dos séculos XVII e XVIII, Portugal volta seus olhos para a mineração e, com a criação de novas vilas como Sabará, Mariana, Vila Rica de Ouro Preto, Caeté, São João del Rey, dentre outras, ela se preocupa em controlar a extração e retirar o que lhe é de direito. Assim, a Coroa põe em prática “o quinto”, que nada mais é que o pagamento de um quinto de tudo que é explorado. Com o intuito de garantir o pagamento do quinto, a partir de 1720, as casas de fundição são criadas, transformando o ouro encontrado em barras timbradas com o selo real. Caso a quantidade mínima de ouro não fosse alcançada, ou seja, houvesse déficit na extração, ainda havia “a derrama”, que era o confisco de bens de moradores para cobrir o valor estipulado, caso o quinto não cobrisse.

3.2 Mineração em Minas Gerais

De acordo com Fausto (1995), os bandeirantes começaram efetivamente a exploração do interior brasileiro por incentivo das descobertas de metais preciosos pelos espanhóis na América espanhola, assim, os portugueses acreditaram que também poderia haver metais preciosos nas terras que lhes pertenciam. Além disso, o período coincidiu com a contrarreforma na Europa, o que impulsionou os religiosos a evangelizarem os índios do interior brasileiro.

Ainda segundo o autor, as transformações ocorridas não aconteceram apenas no estado de Minas Gerais, pois surgiu uma grande movimentação entre outros estados diante da necessidade de alimentos e suporte para a extração de minérios. Como exemplo, citamos o gado que vinha tanto do sul do país, quanto da Bahia. Além disso, outra grande transformação foi a transferência do eixo econômico, que era na região nordeste, para o sudeste; sendo acompanhado pela transferência política, uma vez que a capital federal saiu da Bahia para se instalar no Rio de Janeiro, no ano de 1763.

As principais cidades, como mostra a figura abaixo, que integravam o “Caminho do Ouro” responsável pelo escoamento da produção do minério aos portos, podem ser vistas abaixo.

Figura 7 - Caminho do Ouro



Fonte: Jchistorybrasil (2014)

Apesar das tentativas de controle metropolitano repressivo – quanto ao aspecto tributário – a inexistência de uma estrutura adequada favoreceu a desordem, agravada por uma pulação ingente e sedenta de ouro, desarticulando a vida da Colônia, no início do século XVIII.

Nas regiões de garimpo faltavam utensílios mais elementares para a prática da exploração mineral, que foi sendo desenvolvida de forma rudimentar e precária, de acordo com a necessidade de cada situação. A tecnologia utilizada na prospecção e concentração do ouro – já conhecida e aprimorada na Europa do século XVI – não chegou às minas brasileiras, mesmo porque a facilidade com que se obtinha o ouro de aluvião não impedia o minerador, nas primeiras décadas do descobrimento, a aperfeiçoar seus precários conhecimentos. A introdução de técnicas, ainda que rudimentares, coube ao escravo “mina”, proveniente da Costa do Ouro, na África.

A pecuária, que desempenhara importante papel no desenvolvimento da atividade canavieira no nordeste brasileiro, participava ativamente da nova fase da economia colonial abastecendo, com o produto de seu rebanho, a região aurífera de Vila Rica.

Os criadores de gado partiam da Bahia, margeavam o Rio São Francisco, no qual encontravam o sal para seu rebanho e, subindo pelo Rio das Velhas, Chegavam à região mineradora.

As características inerentes à atividade criatória possibilitavam o estabelecimento de “fazendas de criar” às margens do Rio São Francisco e seus tributários: o Carinhanha, o Urucuia, o das Velhas, o Paracatu etc., iniciando os primeiros núcleos de povoamento na região noroeste de Minas Gerais.

3.3 Paracatu e a mineração

Paracatu, nome de origem tupi que significa “rio bom”, possui uma extensão territorial de 8.229 km² e possui uma população de 84.718 habitantes (IBGE 2014). O município está

localizado no noroeste de Minas Gerais e fica a 506 km da capital mineira, Belo Horizonte, e a 250 km da capital federal, Brasília.

Paracatu, cidade histórica da região Noroeste de Minas Gerais conta com 215 anos de história que refletem a cultura em suas mais variadas edificações. A diversidade ecológica permeia a cidade enriquecendo sua paisagem com grutas, cachoeiras, flora e fauna diversificadas e grandes manifestações culturais. Justamente devido a toda história e patrimônio que conserva, no dia 10 de dezembro de 2010, garantindo o acesso e o envolvimento da sociedade, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN apresentou ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural proposta de proteção do patrimônio cultural que aprovou por unanimidade o tombamento federal do Núcleo Histórico de Paracatu, através Processo de Tombamento 1592-T-10.

A cidade também possui um importante afluente do Rio São Francisco, o Rio Paracatu, que é formado pelo encontro de pequenos córregos, alguns deles com suas nascentes próximas à antiga Capitania de Goiás. Um desses córregos emerge em uma elevação constituída por uma rocha na qual a natureza encontrou condições favoráveis para acomodar o metal que o homem procura, incansavelmente, há séculos – o ouro. Esse córrego ficou conhecido como Córrego Rico, nome herdado e que até os dias atuais é conhecido como ilustram as imagens abaixo.

Figuras 8 e 9 - Córrego rico no início do século XX com mineradores artesanais e córrego rico ainda assoreado em 2014



Pela ação das águas pluviais, as partículas desse metal desprenderam-se da rocha matriz (jazida primária) no topo do morro e acomodaram-se nos leitos dos córregos, através de um processo geológico milenar, constituindo as jazidas secundárias chamadas de aluviais.

Devido a densidade do ouro ser superior à densidade da maioria dos metais, a sua sedimentação ocorre nas proximidades do local em que se origina.

Oficialmente, sobre a descoberta do ouro em Paracatu, afirma Olympio Gonzaga (1910, p.3): “Todos os autores que fazem referência à descoberta de Paracatú, erraram em sua data, afirmando ser no anno de 1744, por falta talvez de documentos exactos e verídicos.”

A afirmativa do historiador pode ser fundamentada na carta patente datada de 26 de janeiro de 1722, que já registra a ocorrência de ouro nas “cabeceiras do Rio Paracatu”. Nesse documento, o Governador da Capitania de Minas Gerais defere o requerimento de Thomaz Lago de Medeiros que solicitava autorização para exercer a patente de “Coronel de Paracatu”.

O Coronel, que recebeu o título de “Guarda-mor dos descobertos”, queria “descobrir o ouro que não falta na dita paragem” e foi instruído pelo governador para que não levasse em sua companhia nem malfeitores nem criminosos, e que depois de repartidas as datas “acomodasse seus parentes e amigos”. A partir dessa época muitas sesmarias foram distribuídas na região do Rio Paracatu.

Conforme o historiador Oliveira Mello (2002), em 1733 chega a essa região Felisberto Caldeira Brant, que fugia da justiça de Goiás e de Minas por envolvimento criminosos. Instalou-se entre os Córregos Rico e Pobre, iniciando a formação do Arraial de São Luiz e Sant’Anna das Minas do Paracatu.

Ainda nessa época registra-se a chegada dos Rodrigues Fróes, seguidos por inúmeras famílias que povoaram, rapidamente, a região.

Apesar da ocorrência de ouro em Paracatu já ter sido registrada desde 1722, somente em 1744 o descobrimento das minas é, oficialmente, reconhecido pelo então governador Gomes Freire de Andrade, que atribui a Rodrigues Fróes o seu manifesto legal.

Em 20 de outubro de 1798, por alvará de D. Maria I, o que antes era distrito é elevado à categoria de vila e passa a denominar-se Vila de Paracatu do Príncipe, em homenagem ao

Príncipe Dom Pedro, que seria o proclamador da independência do Brasil, era o maior município da província de Minas Gerais, mas por lei provincial nº 163, no dia 09 de março de 1840, Paracatu foi elevada a cidade.

A atividade extrativista desenvolvida sem o conhecimento das autoridades era crime passível de severas penas. No entanto, a possibilidade de se obter o ouro sem pagamento de impostos atraía o minerador, fazendo-o esquecer as penalidades.

A imigração para a região de Paracatu obteve um significativo contingente populacional (constituído em grande parte por escravos), fenômeno natural das descobertas auríferas, alcançou tal dimensão que, em 1750, já não havia lugar para quem quisesse minerar. Muitos mineradores partiram para a região de Goiás à procura de ouro, abandonando os congestionados córregos aluvionares das minas de Paracatu.

Passados alguns séculos da descoberta e ocupação do noroeste de Minas Gerais, mais especificamente no município de Paracatu, no século XX, no ano de 1987, a empresa Rio Paracatu Mineração, hoje denominada Kinross, pertencente ao grupo Canadense Kinross Gold Corporation, está presente na América do Sul (Brasil e Chile), América do Norte (Estados Unidos e Canadá), África (Gana e Mauritânia) e Eurásia (Rússia). Hoje, sendo uma das maiores produtoras no país, somente esta empresa é responsável por 25% de toda a extração aurífera no Brasil. Todavia, registramos que nenhum grama do ouro extraído fica no Brasil, todo ele é exportado.

Em 2005, a Kinross Gold Corporation assumiu o controle das operações da Mina, antes feito pela Rio Paracatu Mineração, e desde então tem convivido com o município, fazendeiros e comunidades, muitas delas quilombolas, existindo grande discussão que dialoga entre conflitos e/ou reconhecimento dos moradores dessas regiões em relação à mineradora.

Explorando o Morro do Ouro, no município de Paracatu-MG, situado no noroeste mineiro, desde a década de 80, no ano de 2006 a empresa iniciou o projeto de expansão fazendo com que a produção do minério triplicasse, assim, anualmente é retirado da mina cerca de 17 toneladas de ouro ao ano. Com um investimento de cerca de US\$ um bilhão, entre 2010 e 2012, a empresa renovou a concessão de exploração do ouro e ampliou em cerca de 30 anos a vida útil da mina, tendo previsão de exploração até o ano de 2042. Segundo site da empresa:

A unidade é um importante empreendimento industrial da região, respondendo por 22% dos postos de trabalho formais do município. São cerca de 1.300 empregos diretos e mais de 2,5 mil terceirizados. Além de ser a principal geradora de impostos e responsável pelo fomento a outros negócios, a Kinross investe em iniciativas que contribuem para o desenvolvimento do território e é certificada por normas nacionais e internacionais ligadas à saúde, segurança, gestão ambiental e responsabilidade social. (<http://www.kinross.com.br/index.php/conheca-a-kinross/quem-somos/>)

Apesar de ser uma empresa fonte de grandes oportunidades de emprego e responsável por grande parte dos impostos recolhidos pelo município, desde o período de instalação, até os dias atuais, sempre houve bastantes conflitos com antigos mineradores – tendo, inclusive, assassinatos –, moradores e comunidades instaladas há centenas de anos ao redor do Morro do Ouro, como a comunidade quilombola de São Domingos, objeto de nossa pesquisa, comunidade Machadinho, isso sem falar dos bairros próximos e vizinhos à mineradora, pois a mesma fica à beira de alguns bairros do município, como ilustra a figura abaixo.

Figura 10 - Na seta verde identificamos a comunidade quilombola São Domingos, nas setas alaranjadas identificamos os bairros Alto da Colina, Bela Vista II, Amoreiras II e Esplanada. Na seta vermelha identificamos outra comunidade chamada Machadinho.



Fonte: Acervo do autor através de imagem de satélite (2014)

3.4 Comunidade quilombola

De acordo com Moura (1987), quilombo é toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados. Moura comenta que o conceito de quilombo sofreu uma modificação sendo hoje comunidades negras ocupadas por descendentes de africanos, mantendo laços de parentesco e vivendo, pelo menos em parte, de culturas de subsistência, em terra comprada, doada ou ocupada. Geralmente, as pessoas que residem nessas comunidades, remanescentes de quilombos, valorizam as tradições culturais dos antepassados, religiosas ou não, recriando-as no presente.

No Brasil, as comunidades quilombolas passaram a ser reconhecidas ou estão em vias de reconhecimento pela sociedade brasileira, apesar de terem seus direitos assegurados desde a Constituição Federal de 1988. Segundo Arruti (2006), essa categoria ainda é considerada recente e recebeu a nomenclatura de quilombola, antes sendo conhecidos como comunidades negras rurais (mais ao centro, sul e sudeste do país) e terras de preto (mais ao nordeste e norte). Essas comunidades, apesar de serem reconhecidas como rurais, hoje estão bem mais próximas aos perímetros urbanos devido a expansão das cidades, chegando, em alguns casos a penetrar o meio urbano, como é o caso da comunidade quilombola São Domingos, em Paracatu, pois esta encontra-se há apenas três quilômetros do centro urbano do município.

Numa visão antropológica, a concepção de grupo étnico é fundamentada nas comunidades quilombolas, pois elas são formadas por grupos sociais que compartilham de uma identidade que os diferencia dos demais.

A identidade étnica pode estar baseada em diversos fatores, como a autoclassificação, uma ancestralidade comum, uma estrutura de organização política própria, um sistema de produção particular (incluem-se aí as formas específicas de exploração e relacionamento com a terra), em características raciais, em elementos linguísticos e religiosos, ou em símbolos específicos. (ANDRADE E TRECCANI, 1999, p.4)

Após uma imensa pressão política das comunidades quilombolas, dos centros de referências e movimentos étnico-raciais, em 2003 o presidente da República do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva publica o decreto 4887, composto de 25 artigos, referente ao reconhecimento e identificação das comunidades quilombolas, que as definem da seguinte maneira no artigo 2:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critério de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotado de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com resistência e opressão histórica. (BRASIL, 2003, p. 1)

As reminiscências culturais e sociais dos quilombolas em Minas Gerais são, em grande parte, oriundas das populações do povo Bantu e a maioria dessas comunidades estão localizadas em áreas rurais, pois no período de escravidão, os negros fugidos buscavam áreas desocupadas e distantes da população de origem europeia. Geralmente, escolhiam locais de difícil acesso, como grotas, serras e matas fechadas, porém com o fim da escravidão, diversos grupos se espalharam pelo estado em busca de locais isolados que pudessem sobreviver. Essa é ainda a situação de inúmeras comunidades localizadas na atualidade.

Todavia, na comunidade quilombola São Domingos, em Paracatu (MG), sua formação se deu através de bandeirantes que buscavam regiões que pudessem conter ouro e, com o fim da escravidão, antigos escravos e moradores continuaram em seu espaço de maneira que o município crescia, relativamente perto, da comunidade.

Em Minas Gerais, são quatrocentos e trinta e cinco comunidades quilombolas, algumas identificadas e outras em processo de identificação, conforme informação divulgada em 2007 pelo Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES, com base em seu Projeto Quilombo Gerais. Dessas comunidades, quatorze está no noroeste do estado, sendo que cinco delas no município de Paracatu. São elas: Cercado, comunidade dos Amaros, Machadinho, Pontal e São Domingos, que é nosso objeto de pesquisa.

3.5 Comunidade quilombola São Domingos

A comunidade quilombola São Domingos está localizada em Paracatu, na região Noroeste de Minas Gerais, com uma distância de apenas 3 km do centro da cidade. O nome da comunidade foi uma homenagem a São Domingos, após uma epidemia de febre que se abateu sobre os moradores, foi pedido ao santo que os curasse e a solicitação foi atendida, em agradecimento a comunidade foi batizada com o nome do santo padroeiro.

De acordo com uma publicação no Diário Oficial da União nº 43, de 4 de março de 2004, a Portaria Interna nº 06 da Fundação Cultural Palmares, reconhece a comunidade de São Domingos, em Paracatu, como remanescente das comunidades dos quilombos.

A história da comunidade São Domingos é antiga, com data provável de 1731. Os primeiros moradores da comunidade, segundo relato dos remanescentes do quilombo foram Manoel Lopes e Josefá Caldeira, posteriormente com outras duas famílias: os Ferreira e os Mendanha.

As casas da comunidade foram construídas com adobe, porém devido a grande infestação de Barbeiros, a extinta Superintendência de Campanhas da Saúde Pública – SUCAM – sugeriu a demolição das casas. Hoje existem apenas duas casas de adobe na comunidade São Domingos.

Atualmente, a comunidade conta com aproximadamente 400 moradores, distribuídos em 69 famílias, mas a maioria das casas está distribuída de forma dispersa. Segundo informações dos moradores, a água proveniente de riachos próximos está contaminada pela mineradora Kinross, o que diminuiu de forma significativa a proliferação dos peixes, a utilização da água para afazeres domésticos e também para consumo.

As famílias do quilombo possuem a tradição de, após o casamento, fixarem moradia perto da casa dos pais, isto acontece também por motivos financeiros, uma vez que se trata de famílias pobres, assim os lotes se transformam em propriedade coletiva. Esta tradição perpetua os costumes e tradições, mas acima de tudo preserva a definição da identidade da comunidade quilombola São Domingos.

O patrimônio imaterial do São Domingos merece destaque. As festas religiosas, a culinária, o artesanato, as histórias locais e o folclore são algumas das manifestações reconhecidas. A caretada é uma típica expressão cultural da comunidade. Nela participam apenas os homens, que, vestidos com máscaras e roupas coloridas, cantam e dançam pelas ruas da comunidade.

A caretada, também conhecida como caretagem, típica do noroeste mineiro, também nasceu em Paracatu no fim do século XVIII e é uma expressão cultural em que somente os homens participam. A festa, que é dedicada a São João Batista, começa no dia 23 e termina dia 24 de junho. Porém, a preparação à homenagem começa no primeiro domingo do mês de

junho e termina na tarde do dia 24 de junho.

O grupo conta com a participação da comunidade que se reúne para assisti-los. Os homens, mulheres e as crianças ficam atentos às instruções dadas pelo comandante da caretagem que utiliza, como auxílio para organizar o ensaio, uma cornetinha de sopro em bronze, que possui uma “idade” desconhecida pelo grupo. A festa começa efetivamente, com levantamento do mastro em homenagem a São João Batista. Após o levantamento, o grupo sai em dança pela comunidade, visitando as casas e recebendo comida e bebida (não alcoólica) dada pelos anfitriões.

Figura 11 – Apresentação da caretada e público ao fundo



Fonte: Arquivo do pesquisador (2014)

Na festa da caretada, somente os homens podem dançar. O grupo é composto de aproximadamente 30 membros, sendo que a metade deles se veste de dama e a outra de cavalheiro. Um careta nunca começa a dançar de cavalheiro, devendo exercer primeiro o papel de dama.

A constituição do quilombo é estruturada de forma organizada: existe a Associação de Moradores e a Associação de Quilombolas de São Domingos. Segundo a Presidente da Associação dos Quilombolas, Adelaide⁴, há diferença entre as duas associações:

⁴ Todos os nomes próprios apresentados neste capítulo foram alterados com o intuito de preservar as identidades dos participantes e das pessoas citadas nos discursos.

(...) que a associação da comunidade São Domingos, ela não tem somente moradores remanescentes daqui, tem outras pessoas que não são remanescentes daqui, por isso tem duas associações, associação di moradores e associação di remanescentes (...) a diferença é qui é presidente da comunidade é porque quando a gente tem uma uma liderança com o povo, né, dá bem com o povo, e presidente da associação porque a gente precisa se organizar, né?

A comunidade possui luz elétrica, telefone público e assistência de coleta de lixo pela prefeitura. A atividade econômica do São Domingos é a agricultura de subsistência, pequenas roças, onde o trabalho é feito por toda a família. O açafraão é um produto tradicionalmente comercializado, existe na comunidade a casa da farinha, moinho de cana e olaria, a rapadura produzida na comunidade também é muito famosa, sua produção artesanal proporciona aos moradores um momento de festa e descontração nos períodos de fabricação da rapadura. Existe também a criação de gado leiteiro, e os empregos fora da comunidade, na cidade e na mineradora, uma vez que na comunidade não existe oferta de emprego para todos os moradores. Algumas moradoras realizam atividades artesanais de cestas e variedades de doces.

Sobre o trabalho em família, Leandro (dono do restaurante e fabricante de rapadura), comenta, reforçando os laços familiares no trabalho da comunidade:

Essa rapadura que eu acho que é mais importante do que o próprio restaurante, porque rapadura é uma tradição, né? É coisa que vem lá de antigamente... a gente procura trabalhar com o povo da gente mesmo, né? É irmã, é filha, é nora, é mulher...

Figura 12 – Processo artesanal da rapadura



A multinacional Kinross proibiu o acesso às terras da mineradora pelos moradores do São Domingos, esta atitude gerou uma série de conflitos entre os quilombolas e a mineradora, uma vez que muitos moradores usavam este espaço para lazer e até para a subsistência retirando ouro e madeira de forma artesanal. Segundo a moradora D. Ana:

... mas o pessoal acha ruim porque eles (*Kinross*) proíbe de tá entrando e o pessoal tava acostumado, o pessoal ta acostumado a entrá, pega lenha... pegá frutas, que tinha muitas, acho que hoje a maioria já acabou, hoje as vezes eles proíbe assim de tá entrando...

Um grande conflito entre a mineradora e a comunidade é o domínio de terras, existem várias versões para as aquisições de terras de quilombolas pela Kinross, até mesmo os próprios moradores entram em contradição ao tratar deste assunto que é polêmico dentro da comunidade, uma vez que esta divisão de terras favorece a diminuição das tradições que mantém os laços e costumes da comunidade e reforçam a identidade do quilombo.

Leandro, fabricante de rapadura, comenta em relação à invasão de terras pela mineradora:

Invadiu. É fato verídico mesmo porque... não sei se você chegou a conhecer Samuel⁵, irmão de Marco Aurélio cachorro, pai de Júlio, eles tinha uma chácara aqui embaixo e o pai dele era dono dessa área aí, na RPM. Então, na época, a RPM pagava uma porcentagem para eles. Acho que ainda paga pra família deles. Do ouro que eles extraia lá. Aí, ele foi lá require essas divisa com Carlos Augusto. Quando ele chegou lá, ele chegou de Belo Horizonte. Ele não desceu nem na casa dele. Ele parou aqui na porta e falou. Eu tenho que revelar um negócio procê. Eu fui em Belo Horizonte requerer umas divisa, iscritura de 100 ano atrás, coisa antiga. E lá no cartório em Belo Horizonte reza as divisa todinha. E lá não tem meu pai dividino nada com Carlos Augusto. Meu pai dividi com José Osvando – que é tio do meu avô (*Leandro*). Meu avô é José Gomes, ele (*tio do avô de Leandro*) é Antônio Gomes. Então, esse terreno é seus, cara. Entra no pau e leva esse trem pro pau, tal, tal. Eu falei: _Ah, brigar com a Kinross é meio complicado, cara. A gente não tem bala na agulha não. E aí ficou por isso mesmo. Mas que eles têm uma área aí, que é dos quilombola, é. E foram tomadas, têm. Essa foi tomada porque o Carlos Augusto, chegou na época comprou 8ha⁶ e fechou 150ha. Entendeu como é que é?

Ex-líder, D. Ana, sobre apropriação de terras da comunidade pela Kinross:

não...realmente eles apropriaram mas, as terras não pertenciam mais a comunidade, né? Já tinham sido vendidas para outros proprietários... já passou por vários proprietários e no final eles compraram, quando eles compraram agente ainda não tinha esse trabalho de ser reconhecida, aí o pessoal falou assim que as terras é nossa e tal, mas eu vou contra, é uma coisa que eles comprou documentada, já num foi da gente, foi de outros que já tinha sido vendida há muitos anos...

⁵ Todos os nomes na degravação das narrativas foram alterados para preservação das identidades.

⁶ O termo “ha” é a abreviação do nome hectare (uma unidade de medida agrária).

A mineradora Kinross também é acusada por causar prejuízos aos moradores em relação aos danos nas residências provocadas pelas explosões na área de lavra. Para amenizar as discussões, a Kinross estabeleceu um tipo de monitoramento composto por um grupo de moradores com o objetivo de acompanhar os trabalhos de explosão, trabalho remunerado que gera conflitos entre os moradores, pois, de um lado, a Associação Comunitária percebe a Kinross como parceira da comunidade, enquanto que alguns moradores afirmam que a mineradora apenas compra o silêncio da comunidade para extrair tudo que precisa com a concessão de todos.

Na figura abaixo, podemos analisar uma das mensagens veiculadas pela mineradora, num jornal semanal, que é distribuído no município de Paracatu e também em várias outras cidades da região.

Figura 13: Explicação sobre as detonações com participação da comunidade

KINROSS MITOS E VERDADES

Tudo o que você sempre quis saber de forma clara e objetiva.

VOCÊ JÁ PAROU PARA PENSAR EM QUE DIREÇÃO O VENTO SOPRA?

A Kinross pensa sobre isso a cada instante e em tudo o que pode fazer para assegurar o bem-estar de seus empregados, vizinhos e toda a comunidade.

Com respeito e transparência, a empresa desenvolve suas atividades sempre em conformidade com a legislação e padrões internacionais de segurança e qualidade.

Continue lendo e você vai descobrir como é feito o **desmonte** da rocha na Mina do Morro do Ouro.

Afinal, você sabe o que é um desmonte?

DESMONTE

É o processo de fragmentação das rochas por meio de detonação, que possibilita o transporte do inócuo até o local de beneficiamento.

Na Kinross, o desmonte é executado com técnica, pessoal treinado e tecnologia de última geração.

Contra!

MONITORAMENTO TRANSPARENTE

Todas as detonações são registradas por sensores em 2 pontos na comunidade.

BIRUTAS

Equipamentos que sinalizam a direção do vento orientam o melhor momento da detonação, sempre com o vento na direção noroeste para oeste. Ou seja, na direção contrária à cidade.

APROFUNDAMENTO DE CAVA

Escavação vertical cria uma barreira natural contra o ruído.

BARREIRAS ACÚSTICAS

Instalação de pilha de material estéril, volume de terra após a retirada do minério (sem valor econômico), evitando a propagação dos ruídos.

POEIRA SOB CONTROLE

Água dos tanques da mina, armazenada no período de chuvas, e borrifada na mina e vias de acesso.

7 CAMINHÕES-PIRA COM CAPACIDADE TOTAL DE 225 MIL LITROS EM OPERAÇÃO 24 HORAS POR DIA.

PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE

Pessoas da comunidade acompanham e verificam o monitoramento da Kinross.

204 MONITORES AMBIENTAIS TREINADOS ATÉ 2014.

DETONAÇÃO PROGRAMADA

CONFORME ACORDO COM A COMUNIDADE

15h

de segunda a sexta.

A KINROSS NÃO usa dinamite em suas operações de desmonte.

SIMULAÇÃO COMPUTADORIZADA DAS OPERAÇÕES

Permite definir a metodologia mais adequada a cada tipo de desmonte, com precisão e total segurança.

TEMPORIZAÇÃO


O que seria uma grande detonação é fracionado em múltiplas cargas com detonadores eletrônicos, que acionados em intervalos de milissegundos de diferença, promovem o desmonte com uma redução significativa de vibração, ruído e poeira.

FACE LIVRE

As detonações são direcionadas para a face livre da rocha em relação à comunidade. A descontinuidade do bloco reduz grande parte da vibração, que somente se propaga em meio líquido, ou seja, na rocha.

PRE-CORTE: Nos casos em que não há face livre, a descontinuidade é tecnicamente criada.

Vibração e ruído bem abaixo dos limites recomendados pela legislação.



15 mm/s² ACELERAÇÃO

2 mm/s² VIBRAÇÃO

GRÁFICO DE VIBRAÇÃO

Essa é a Kinross.
Esse é o nosso jeito de fazer mineração responsável.

Saiba mais:
www.kinross.com.br
0800 038 1051

KINROSS

Paracatu

Dona Ana sobre os danos causados nas residências:

inclusive o pessoal já teve aqui na discussão aí, pra ver os problema, porque tem muita casa rachada, devia ce devido essa bomba,virem pessoas pra fazer análise, disse que não é, que as casa mesmo é sem estrutura, mas que abala, abala bastante. Aqui em casa não tem pilar, essa casa não tem pilar, até depois eu fiquei assim, com medo, que ela é muito grande assim sem pilar, aí eu desmanchei e mandei passar uma fiada de canaleta e uns ferro por cima pra amarrar e segurar, né, porque não tem pilar não tem sustentação.

Sobre o Grupo de monitoramento financiado pela Kinross, dona Ana comenta:

então, tem vários jovens que trabalham lá, né? Empresa que é filiada lá...sabe, eles tem assim procurado, que são muito amigos né? Procura estar aqui, reunindo com agente, quando vai ter qualquer coisa lá, assim, eles vem, reúne com agente, fala. Tem um grupo de monitoramento daqui que vai no dia de soltar as bombas, eles vem, busca, pra ir, pra ficar lá, pra presenciar, pra ver como foi o barulho, se foi muito forte, sabe? Tem pra ver, outro grupo que faz a noite, o ruído, se ta tendo barulho, se ta perturbando a noite, né? E eles também pagam essas pessoas para fazer esse monitoramento. é a associação que indica, eles falam assim, pessoas que tão desempregadas, né? Quem tá trabalhando nem tem tempo, tem vez que é de dia, tem vez que é a semana toda, um grupo vai um dia, outro vai outro, eles pedem pra escolher quem não ta trabalhando, quem tá desempgado.

Nas falas de líderes e ex-líderes da comunidade percebemos que não há uma consonância de pensamentos de maneira que uma das líderes, que não concordava com as ideias passadas pela empresa e com a aceitação das “migalhas” dadas pela mineradora, sofreu ameaças e foi orientada a se mudar de Paracatu para que a situação se acalmasse. Percebemos que após a saída dessa ex-líder, a mineradora retomou várias parcerias que havia com a comunidade. A situação foi tão séria que hoje, quando conversamos com as líderes atuais sobre as indagações da moradora que teve que ir embora, percebemos que a mesma não possui credibilidade perante as atuais líderes. Várias dessas e de outras situações serão melhor explanadas e analisadas no próximo capítulo.

4 CAPÍTULO ANALÍTICO

Este capítulo apresenta as análises realizadas no âmbito da pesquisa em Análise de Discurso Crítica a partir do aparato teórico metodológico da ADC orientado especialmente por Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003). As análises foram feitas a partir do corpus gerado em trabalho de campo na comunidade quilombola de São Domingos compreendendo, sobretudo, os trechos das conversas em forma de narrativa que foram degravadas de entrevistas semiestruturadas realizadas com os participantes da pesquisa, a saber, morador comerciante, lideranças e ex-líderes.

Na seção 4.1.1, intitulada “Análise dos elementos da prática em foco”, analisamos os momentos da prática social que a pesquisa enfoca com base nos postulados de Harvey, citado por Chouliaraki e Fairclough, 1999); no caso desta pesquisa, a interação da comunidade quilombola São Domingos com a mineradora Kinross, buscando compreender as relações entre o discurso e os demais momentos da prática particular. De acordo com a observação de Chouliaraki & Fairclough (1999), o discurso é apenas um elemento da prática social – ligado dialeticamente – a outros elementos que compõe a prática social. Esses elementos, que são atividade material, relações sociais e processos e fenômenos mentais (crenças, valores e desejos), segundo Harvey (1996), permitem visualizar a realidade social da prática.

A seção 4.1.2, intitulada “Análise Linguística – Categorias”, traz as análises das categorias elencadas para essa pesquisa, a saber:

- Processos Verbais e Modalidade;
- Referências pronominais;
- Intertextualidade;
- Construção de Espaços Simbólicos e Ideológicos;
- Silenciamento nos discursos.

A seção 4.2, que chamamos “Análise das Identidades”, trata dos aspectos linguísticos e discursivos relacionados às identidades dos quilombolas e os papéis dos agentes sociais envolvidos nas representações da mineradora, baseado nos discursos registrados, em forma de narrativas, pelos líderes e ex-líderes da comunidade quilombola São Domingos.

4.1 Análise do Discurso Crítica

A primeira análise desenvolvida com o intuito de verificar como se dá as relações entre comunidade quilombola e mineradora será a partir da *Análise do Discurso Crítica*, concomitantemente orientada, para entender a interação em si, bem como o modo como se organiza a estrutura dessa interação. Isso quer dizer que, neste momento, as questões centrais são: como é o relacionamento da comunidade quilombola São Domingos com a mineradora Kinross e se a “voz” dos sujeitos da comunidade é ouvida, de maneira que possamos identificar traços que caracterizam ideologias ocultas e relações de poder subjacentes.

Como explicado de forma mais detalhada no capítulo metodológico deste trabalho, na seção 5 - Constituição do Corpus; baseado em Fairclough (2003), para que um texto faça sentido três elementos fundamentais são levados em conta na análise do discurso crítica: *a produção*, que focaliza autores do discurso; *o texto* em si; e *a recepção*, que inclui os ouvintes. A interação entre esses três elementos é fundamental no processo de construção dos sentidos, todavia, além desses elementos, devemos levar em consideração outros fatores subjacentes a esses elementos como os valores, as intenções, os interesses, a posição institucional e os desejos que os produtores do discurso enunciam – explicitamente, ou não –, além dos conhecimentos, posições, propostas e valores que os receptores trazem consigo.

Quando nos referimos aos sentidos mobilizados na produção/recepção de um texto, o que faz parte do conteúdo não é apenas o que está explícito, mas principalmente o que não aparece de maneira clara, ou seja, o que está nas entrelinhas, no campo da implicitude. Na ADC, o que é “aparente” em um texto, geralmente traz informações e pressuposições do que “não está aparente” e uma das funções da análise é justamente tentar identificar essas pressuposições.

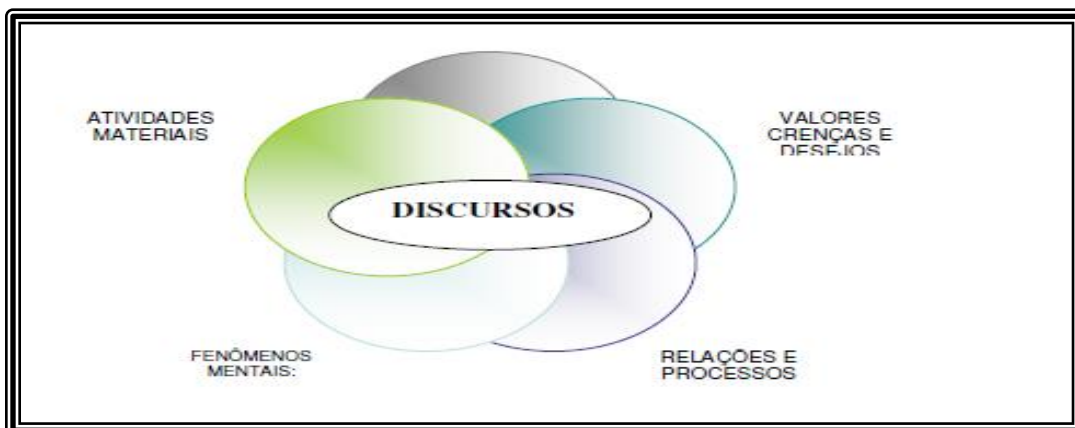
Segundo Fairclough (2003), quando discursos distintos, de partes diferentes com interesses próprios entram em conflito, o que é mais notório é o jogo de poder formado nas construções do discurso. Uma forma de perceber a recorrência desse jogo é notar as colocações das palavras nos textos e identificar quais são seus pares que antecedem e/ou estão na sequência da construção, nos dando um ou outro tipo de interpretação dependendo da posição das palavras no texto construído. Outro ponto importante a ser observado é a

polissemia das palavras, pois dependendo do discurso elas podem possuir conotações distintas em construções diferentes e são as relações estabelecidas semanticamente que indicarão os sentidos que as mesmas tomarão.

Segundo Brandão (1994), o discurso é a articulação dos processos ideológicos, juntamente com os fenômenos linguísticos. Ele é pronunciado pelo movimento próprio do contexto sócio histórico do qual faz parte, constituindo uma prática dialética. Para a autora, a discursividade é dependente de suas relações com o contexto sócio histórico pelo qual é determinado.

Para Chouliaraki e Fairclough (1999), o discurso⁷ refere-se tanto à atividade concreta, quanto à construção reflexiva da prática. Para eles, a prática social é composta, entre outros elementos, *pelo discurso*, que são recursos semióticos particulares e maneiras de uso da linguagem particulares; também pelo elemento chamado *atividade material*, que está associada aos tipos particulares de atividade, ligadas de maneiras particulares a condições materiais, temporais e espaciais específicas; pelos elementos das *relações sociais*, que são pessoas particulares em relações sociais particulares (relações de hegemonia e poder pela transformação e manutenção dessas relações); além dos elementos chamados de *fenômeno mental*, que são representados pelas pessoas particulares com suas experiências, conhecimentos e disposições particulares (composta pelas crenças, valores e desejos, ou seja, ideologia), como ilustra a imagem abaixo.

Figura 14: Articulação dos Elementos da Prática Social



Fonte: Dias (2007)

⁷ Fairclough (2003a, p. 26) distingue duas acepções do termo discurso: como substantivo abstrato, significando linguagem e outros tipos de semiose como elementos da vida social e, mais concretamente, como um substantivo contável, significando modos particulares de representação de parte do mundo.

O discurso é composto por esses outros momentos, que fazem parte da atividade concreta ou também como construção reflexiva da prática, sem ser reduzido a um deles e vice-versa. Isto é, existe uma relação dialética com esses momentos, pois todos eles, de alguma maneira, internalizam o discurso, como podemos observar na representação da articulação no diagrama anterior.

4.1.1 Análise dos elementos da prática em foco

Como o discurso é considerado um elemento das práticas sociais, há uma articulação constante e relativamente instável entre esses elementos. Neste momento, vale ressaltar que a relação entre esses momentos é dialética, pois nesse processo de interação não há como dissociar as práticas sociais dos momentos discursivos.

No contexto desta pesquisa, discursos antes articulados de formas mais estáveis no bojo das práticas sociais da cultura local, talvez devido à ideologia subjacente nos discursos tradicionais dos coronéis – pessoas ricas que detinham o controle de quase todas as situações em sua região devido ao grande poder aquisitivo – ou das instituições multinacionais, como a mineradora Kinross, nos dias de hoje podem estar configurados de maneira menos “ditatorial”, mais heterogênea, implícita nos discursos emitidos.

Na emissão desses discursos podem ocorrer traços de deslocamento ideológico⁸, ou não, o que caracteriza o caráter híbrido não só dos discursos, como também das identidades dos sujeitos em foco, ou seja, em alguns momentos seus discursos / ideologias estão voltados a favor da comunidade ou voltados a favor da mineradora.

Neste momento, baseado no arcabouço teórico de Chouliaraki e Fairclough (1999), propomos analisar a articulação dos momentos da prática social em foco – redes de práticas sociais que marcam a relação entre comunidade e mineradora –, através de narrativas geradas em entrevistas semiestruturadas ao longo do trabalho de campo, levando-se em consideração

⁸ Para Pêcheux (1978), deslocamento ideológico refere-se às lutas de classes que podem intervir na transformação/reprodução das relações de classe, contudo sem se inscrever na lógica da oposição ou fortificação estável de posições prévias. A saber, as relações contextualizadas nesta pesquisa referem-se aos discursos emitidos pelos indivíduos da comunidade quilombola e as representações da mineradora Kinross.

os discursos dos sujeitos entrevistados, que são quilombolas, no que diz respeito à ação da mineradora do grupo canadense Kinross, que possui a concessão de exploração do ouro na região e que faz divisa com a comunidade quilombola São Domingos, conforme explicitado no capítulo metodológico desta dissertação.

Comunidade quilombola é a nomenclatura usada na contemporaneidade para indicar que os sujeitos que a compõem, ou que, pelo menos, os descendentes desses sujeitos, em geral ex-escravos, organizam-se em comunidades e possuem na sua cultura marcas, ou pelo menos traços de uma tradição que existiu, a respeito da qual, por meio de relatos históricos, sabemos que foi bastante forte, apesar de muito combatida.

Essas comunidades trazem consigo traços de alguns aspectos culturais que sobreviveram, após muitas gerações em meio a lutas, para perpetuar suas tradições culturais e/ou materiais, de maneira que os registros de suas histórias não se perdessem com o tempo, mas que fossem lembrados pela posteridade, além de ser motivo de orgulho para seus descendentes.

Na comunidade quilombola São Domingos, que é tida como a comunidade mais antiga e tradicional dentre as comunidades quilombolas do município de Paracatu, capturamos algumas de suas atividades materiais que vêm sofrendo, mudanças consideráveis, através dos tempos.

Logo na entrada da comunidade, identificamos como atividade material o asfalto, que era reivindicado pelos moradores há tempos e só conquistaram no final do mandato do último prefeito, em 2012, conforme figura abaixo. Na entrada, que é um trecho longo, há poucas casas até a passagem do córrego, onde se concentra a maioria das moradias da comunidade e se encontram edificações públicas e comuns aos moradores como escola, igreja, praça, parada de ônibus e salão paroquial.

Figura 15: Seta alaranjada, asfalto que leva à comunidade; seta azul, setor onde fica a maior aglomeração de casas, assim como a igreja, praça, cemitério e escola.



Fonte: Acervo do autor através de imagem de satélite (2014)

O asfalto, que inicia desde a entrada da comunidade e vai até o “ponto final” é uma representação de atividade material e teve intervenção da mineradora, como diz a presidente da associação.

***Entrevistado 3**

_ A mineradora ajuda na divulgação da cultura ajuda com instrumentos né, projeto de instrumentos, na questão também do asfaltamento, a gente sabe qui ela ajudou muito pra que aqui fosse asfaltado né. A água que o pessoal usa é ela quem paga, hum.

***Entrevistado 4**

_ Nu final du du mandato, du primeiro mandato di Vasquinho (*prefeito que governou por dois mandatos seguidos*) eli fez é, dali de abaixo de José⁹ (*nome do primeiro morador na entrada da comunidade*) até lá na porta da igreja, eli fez o asfaltamento, né.

⁹ Nome fictício para preservar a identidade do morador.

Notamos que além de apoiar a questão do asfaltamento, a mineradora também assume algumas despesas da comunidade como a água, que apesar de ser de posto artesiano, é a empresa que custeia a energia para retirada da mesma. Além disso, como informou o terceiro entrevistado, em se tratando da parte cultural, houve também a aquisição de instrumentos musicais para auxiliar no desenvolvimento, por exemplo, da caretada: manifestação cultural típica dos quilombolas a qual analisamos no capítulo de contextualização.

Outra atividade material (a partir deste momento vamos nos referir a essa atividade como elemento 1) bastante representativa que encontramos é o salão paroquial (imagens 15 e 16), que foi construído pela mineradora em terras quilombolas e serve para encontros, reuniões da igreja católica e também para a catequese, uma vez que o espaço é todo equipado, como informou a ex-líder da comunidade em sua fala. Há também a igreja e uma escola próximas a esse salão, ou seja, ele está localizado no seio de diversas práticas sociais da comunidade, configurando uma maneira de o nome da mineradora passar a fazer parte do imaginário das pessoas da comunidade. É por meio da inclusão material de um espaço concreto associado ao nome da mineradora que a ideologia de dominação pode começar a penetrar no cotidiano da comunidade, tanto nas práticas educacionais, quanto religiosas. Assim, algo que não existia na comunidade (salão paroquial) se infiltra e, com o tempo, se cristaliza, para posteriormente se naturalizar, ou seja, dá a impressão que sempre fez parte das edificações e tradições da comunidade.

Figuras 16 e 17: Exemplo de atividade material: Centro Comunitário e Pastoral



Fonte: Acervo do autor (2013)

***Entrevistado 1**

_ Alguns (*projetos apoiados pela mineradora*) não foram pra frente, né? Mas nós temos é... agora foi inaugurado, ano passado, o Centro Pastoral, né? Que até... eles colocaram meu nome, em homenagem a mim pelo meu trabalho na comunidade.

_ Centro Pastoral Ana Silva, todo mobiliado, todo equipado.

Entrevistador: E foi a mineradora que fez?

_ Foi. Foi uma verba, que toda a verba foi a Kinross que... Isto aí foi Flávia¹⁰, a minha filha, que administrou essa obra e ela serve para a comunidade, né?

O nome “Centro Comunitário e Pastoral Ana Silva¹¹” em homenagem à Dona Ana, senhora que foi líder, tanto da associação de remanescentes, quanto da associação de moradores da comunidade quilombola São Domingos por muito tempo e que, apesar de não ocupar nenhum cargo formal, representando a comunidade, ainda é atuante e ocupa um lugar de referência na comunidade quilombola.

Neste momento, percebemos que há outra atividade da prática social pensada por Fairclough, *relações e processos*, em que há um cruzamento de relações entre mineradora e comunidade, através de um representante. Ainda ocorre, implicitamente, o processo de aproximação dos envolvidos, pois a mineradora através de “ajuda à comunidade” estreita os laços de convivência.

Ao lado da escola municipal, que hoje funciona apenas um projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos (EJA), devido à falta de demanda de alunos da comunidade, está o cemitério da comunidade. Diante de todos esses espaços – centro pastoral, igreja, escola e cemitério – há uma praça, onde fica o cruzeiro, que é o ponto de encontro da comunidade para festejar os dias santos. A praça também é lugar de lazer, pois como podemos constatar, há vários equipamentos de ginástica, que foram colocados pela prefeitura, e também é o ponto final para o ônibus que faz o transporte das pessoas que querem ir ao centro da cidade.

¹⁰ Nome verdadeiro foi modificado para preservar a identidade do indivíduo.

¹¹ O nome verdadeiro do Centro Comunitário e Pastoral foi modificado para preservar a identidade do sujeito entrevistado nesta pesquisa, uma vez que o Centro é em homenagem a ela.

Além do elemento 1 das práticas sociais, detectamos o elemento 2 (relações e processos) e o elemento 3 (valores, crenças e desejos), pois sendo um lugar de encontro no dia a dia e festividades da comunidade, a todo instante pode-se perceber a atividade material (Salão Paroquial), que estabelece uma relação de valor e desejo em “ajudar” a comunidade, além de construir uma boa relação no processo de convívio entre mineradora e comunidade. Ou seja, há um processo ideológico subjacente nos discursos e representações elucidadas nas análises a respeito da mineradora que, mesmo explorando e retirando o que há de mais valioso (financeiramente) da terra, preocupa-se com os que estão a sua volta.

Figuras 18 e 19: Imagem da Igreja Católica e da E. M. Severiano Silva Neiva



Fonte: Acervo do pesquisador (2013)

Na fala de um dos indivíduos entrevistados, que é quilombola e também empresário no ramo de alimentação, pois possui um restaurante na comunidade, ao lado de sua casa, onde se prepara especificamente frango caipira, ele enfatiza que a produção da rapadura – que é um produto sazonal – possui ainda mais importância do que o seu negócio.

Entrevistado 3

_ E também fabricante de rapadura...também. Rapadura é uma...essa rapadura que eu acho que é mais importante do que o próprio restaurante, porque rapadura é uma tradição, né? É coisa que vem lá... de (antigamente). Pra você ter uma ideia, eu ainda uso um tacho, ali, que meu pai usava ainda quando eu tinha cinco anos de idade, bicho...

_Pesquisador: Tacho de cobre?

_ De cobre. Você vê que é coisa de tradição mesmo, né?

O produto ‘rapadura’ é uma produção própria da comunidade quilombola e não possui o “apoio” da mineradora. Percebe-se na fala do entrevistado que esse produto possui muito mais valor que os outros produtos que eram apoiados pela mineradora. Até por que o processo de colheita da cana-de-açúcar, moagem e beneficiamento da rapadura ainda perpetua, pois acontece desde a época em que o pai do entrevistador era vivo, e leva o nome da comunidade quilombola para outras regiões. Segundo o sujeito participante da pesquisa, tem gente que vem de longe só para levar a rapadura que é feita na comunidade, cuja embalagem leva o nome da comunidade.

Neste momento, além do elemento 1, notamos a presença do elemento 3 (Fenômenos mentais – que engloba os valores, crenças e desejos), pois percebemos em sua fala a importância que o entrevistado 3, como parte da comunidade quilombola, dá ao poder perpetuar algo que aprendeu com seus antepassados, pois *“É coisa que vem lá... de (antigamente). Pra você ter uma ideia, eu ainda uso um tacho, ali, que meu pai usava ainda quando eu tinha cinco anos de idade”*. Percebemos o valor ideológico, pertencente à esfera cultural, e identificacional, presente em seu discurso quando imprime um grande valor ao que produz.

Como forma de representação do elemento 2, a mineradora faz “parcerias”¹² de maneira a alavancar alguns projetos desenvolvidos pela comunidade que, por serem de comunidade quilombola, traz embutido, em seus produtos, valores agregados. Um produto (por exemplo – rapadura) pelo fato de ser de uma comunidade de remanescentes, tem um

¹² Essas “parcerias” que a mineradora possui com a comunidade são bastante diversificadas como criação de frango de granja, bordados, fábrica de biscoito e edificações. Geralmente, ela entra com a parte financeira, estrutural e às vezes até capacita para que os envolvidos possam dar continuidade ao projeto de maneira independente.

valor tanto cultural, quanto financeiro maior, e ajuda a perpetuar sua cultura, conforme informa alguns entrevistados.

Quando questionamos os participantes da pesquisa se a mineradora ajudava a comunidade em algum trabalho, obtivemos respostas positivas em relação à tentativa de ajudar a comunidade.

*** Entrevistado 1**

_ A Maria¹³ falou que parece que tem uns projetos, mais não foi pra frente, de avicultura.

*** Entrevistado 2**

_ Mais tem us ponto positivo também né. Disinvolvi vários projetos com a gente.

Entrevistado 3

_ Com projeto, né? Tivemos um projeto aí, da criação de frango, aí não prosperou porque a comunidade não abraçô o projeto, mas era um projeto bom, onde a RPM (Kinross) deu da comida até o abate, você tá me entendendo? Pra cada comunidade, pra cada família, então acho que faltou empenho da própria comunidade e depois teve também a fábrica de biscoito, que foi montada. Aí também eles não abraçaram a causa. Até...até acho que é um problema sério na comunidade, porque na hora de repartir o lucro, tem muita gente, mas na hora de pegá tem poucos...então aqueles que pegam acabam...acabam desistindo. O problema maior é esse!

Levando em consideração os depoimentos obtidos, na visão das lideranças da comunidade quilombola, a mineradora tentou ajudar a comunidade algumas vezes, com projetos sustentáveis, semelhante a uma cooperativa, pois o lucro seria dividido por todas as famílias da comunidade. O que se percebeu nas análises das falas foi que os projetos não foram para frente devido à falta de compromisso de muitas pessoas (outros componentes da

¹³ Nome fictício para preservar a identidade do sujeito.

comunidade), que, apesar de não participarem do processo de criação das aves e do processo de fazer biscoitos, exigiam a parte que lhes conferia simplesmente pelo fato de fazer parte da comunidade. Como as pessoas que trabalharam não queriam repartir o lucro do suor do seu trabalho com as pessoas que não estavam contribuindo, os projetos acabaram.

Neste momento percebemos, através da conclusão do entrevistado, que há uma nítida referência entre o elemento 1, com o elemento 2 (Relações sociais e Processos), pois o fato de nem todos abraçarem o projeto gerou conflitos entre os participantes da comunidade de maneira que afetaram os relacionamentos entre si, além do relacionamento com a mineradora. Segundo Fairclough (2003), a mudança envolve formas de transgressão, o cruzamento de fronteiras, tais como a reunião de convenções existentes em novas combinações, ou a sua exploração em situações que geralmente as proibem.

Assim, enquanto ocupam a posição social de produtores isolados que buscam seus sustentos para seus familiares, e não para a comunidade, não há conflitos, pois cada um procura suprir suas necessidades/ambições da sua maneira, o que acarreta a fragmentação dos sujeitos no seio da vida em comunidade, diminuindo, assim, a chance de articulação política e social entre os seus membros a fim de lutar por mudanças sociais mais consistentes. Segundo Hall (2005), as sociedades contemporâneas possuem como característica a “diferença” que promove divisões e contrastes sociais que traçam divergentes posições do sujeito e de sua identidade, que são passíveis de contradições internas num grupo, fazendo com que a identidade coletiva se fragmente.

Dessa maneira, fica evidente na fala do entrevistado que, com a necessidade de união da força de trabalho para o bem comum, não houve consenso em relação ao compromisso como projeto, apenas com os benefícios que o mesmo traz. Nas palavras de Fairclough:

Tais contradições, dilemas e entendimentos subjetivos dos problemas em situações concretas têm suas condições sociais em contradições e lutas estruturais nos níveis institucional e societário. (...) Entretanto, o que decisivamente determina a forma como essas contradições se refletem em eventos específicos é a relação desses eventos com as lutas que se desenvolvem ao redor das contradições. (FAICLOUGH, 2003, p. 127)

Ainda sobre as práticas sociais envolvendo o elemento 2, que demonstra alterações e mudanças no que se refere às assimetrias e poder, destacamos as mudanças ideológicas que ocorreram com os indivíduos da comunidade quilombola São Domingos, uma vez que, com a

vinda da mineradora, as relações e os processos sociais se modificaram, transformando drasticamente a vida de todo um povo.

Em princípio, antes da vinda da antiga Rio Paracatu Mineração (RPM), hoje mineradora Kinross, a vida na comunidade girava em torno de trabalhos artesanais como doces, quitandas, produtos derivados do leite como queijo, requeijão que eram vendidos na cidade, além da mineração artesanal que vários quilombolas, assim como pessoas da cidade, praticavam. Com a vinda da mineradora, que possui a concessão da extração do minério, todas as casas de fundição foram fechadas e a exploração do ouro foi proibida em toda a cidade; pois apenas a mineradora poderia fazê-la. Todavia, ainda há notícias de algumas pessoas que exploram o ouro de maneira bastante rudimentar e fora das terras que pertencem à mineradora, pois há vigias armados que patrulham todo o terreno da mineradora, principalmente os limites que divide com outros moradores.

***Entrevistado 1**

_ Esta exploração de ouro, ela sempre existiu, né? Hoje se você descer aqui nessa praia, pegando ela no início aqui, até dá lá no São Sebastião, cê ainda vai encontrar aí, todos os dias da semana, pelo menos três pessoas que sobrevive disso aí.

_ Fora na praia (*neste momento, o entrevistado refere-se à exploração do ouro fora das terras que pertence à mineradora*), que desce dividindo a comunidade aqui...não é dentro do terreno da Kinross não, mas é coisa manual mesmo, ali, pegando...pegando com a pá, botando com a bateia, coisa simples mesmo, não afeta em nada não...

Ao questionar os moradores em relação à vinda da mineradora, percebemos que apesar das mudanças geradas – o que sempre causa estranhamento até que haja uma acomodação na nova maneira de lidar com a situação – posteriormente, eles veem mais vantagens do que desvantagens na atuação da mesma.

***Entrevistado 1**

_ Ó cara, de um lado eu acho que influenciou, de outro fez soma alguma coisa, porque na realidade essa vida de ouro que q gente fazia... eu já fui tirador de ouro, a gente ficava tirando aí...parece que é um trem sabe, amaldiçoado o dinheiro do ouro, não prospera não!

_ Cê vai ali, pega aquele mundo de coisa. Pensa, pô! Pra você ter ideia, quando cabô o garimpo, ninguém tinha nada, né? Aqueles que tinha ainda perderam, não acho que influenciou, assim, pro lado negativo não. Muita gente abandonou aquilo e já... foi aprender fazer outras coisas, outras profissões. Eu acho que de um lado sim, outro não. Única coisa que eu acho ruim é porque a comunidade é muito rígida. A RPM (*hoje a atual Kinross*) é muito rígida, né?

***Entrevistado 3**

_ (...) Mais por outro lado, tem a a parte qui a maioria dos projetos bons qui tem aqui é através dela (*mineradora*).

Percebemos que, a partir dos discursos analisados, a questão que envolve ideologia e poder é bastante recorrente em suas falas, pois mesmo a empresa sendo “rígida”, como informa o entrevistado e apesar de explorar o ouro que está em terras que são dos remanescentes, ainda assim, a comunidade, de uma maneira geral, enxerga a empresa como benfeitora, independente dos males ambientais e físicos (pois há muita poluição do ar e contaminação dos lençóis freáticos, como informado no capítulo de contextualização).

4.1.2 Análise Linguística – Categorias

As marcas linguísticas e discursivas consideradas relevantes em nossa análise serão apresentadas neste item do arcabouço para análise do *corpus*. Assim, trabalharemos com as categorias analíticas: modalidade, referências pronominais, intertextualidade, além da construção de espaços simbólicos e ideológicos, concretizados em tais elementos linguísticos.

Outras análises referentes aos aspectos linguísticos e discursivos serão tratadas na próxima seção, quando analisaremos a questão das identidades.

4.1.2.1 Processos verbais e modalidades

Nesta categoria analítica, analisaremos o modo como se utiliza a linguagem para declarar, oferecer ou procurar de maneira que materialize um discurso que demonstra os níveis de envolvimento dos sujeitos em relação àquilo que dizem. Dessa maneira, o que se destaca são os fatos, os graus de certeza, as incertezas, possibilidades, necessidades e até mesmo as permissões ou obrigações. Para Fairclough (2003, p. 165) “a questão da modalidade pode ser vista como a questão de como as pessoas se envolvem quando fazem declarações, perguntas, ofertas ou procuras”.

As manifestações das modalidades ocorrem mediante o uso de alguns tipos de modos e tempos verbais, advérbios modais, indeterminações, entre outras maneiras de demonstrar os diferentes graus de afinidade e comprometimento¹⁴ com a expressão, ou seja, o que está sendo dito.

Segundo Fairclough (2003) a modalidade é uma categoria que fortalece a dialética entre os significados do discurso, pois nela conseguimos visualizar os três significados do discurso representados pelos estilos (significado identificacional), pelos gêneros (significado acional) e pelos discursos (significado representacional).

Neste momento, apresentamos algumas modalidades identificadas nas entrevistas e as funções desempenhadas nos textos analisados.

Identificação do entrevistado com a comunidade quilombola

E1

1) A gente **tem** duas associação (...)

¹⁴ Fairclough (2001, p. 200) fala de graus de afinidade, além dos graus de comprometimento com base em Hodge e Kress (1988, p. 123). Para ele a afinidade vai além do comprometimento, pois demonstra um desejo de solidariedade compartilhado entre os interlocutores.

2) Eu **trabalhei bastante tempo**, né? Desde a criação delas (*associação*) **vem trabalhando**, né ... que foi em 84 que foi fundada a associação de moradores aqui, aí eu **vinha sempre trabalhando**.

Quando perguntada pelo pesquisador se E1 havia trabalhado por muito tempo na associação, em 1, com o verbo “*ter*” no presente do indicativo, o sujeito participante se inclui como pertencente à comunidade citando a presença de duas associações. Na fala 2, novamente, ele coloca-se como uma pessoa que não só trabalhou há muito tempo, pois o advérbio “*bastante*” enfatiza o nome subsequente, mas que desempenhou e continua desempenhando, “*vinha sempre trabalhando*”, uma função de destaque, apesar de não ser mais presidente de nenhuma das associações. Podemos dizer que essa pessoa é uma referência dentro da comunidade e assim ela se identifica, pois a última construção analisada também nos dá a ideia de processo, ou seja, há verbos no gerúndio indicando ação desde o início. Como veremos adiante, até um salão para uso coletivo na comunidade em seu nome foi construído, o que denota a importância que ela possui dentro da comunidade no sentido de ser uma referência, o que é reconhecido pelos seus pares e pela própria mineradora.

E3

3) Não, eu não **nasci**. Mas a minha mãe **é** daqui e quando eu **vim** pra cá eu tinha três anos de idade, né? Quer dizer que... a maioria dos meus irmãos **nasceram** todos aqui...

4) Uns já falam, mas na realidade... a maioria que eu falo são uns 90%, porque se você analisar aqui hoje, dentro da comunidade nós temos 1,2,3,4; só tem 4, 5 casas aí que não é. Seis casas aqui não é de famílias daqui. Aqui se você for mexer assim, você não **consegue tirar** a raiz não... sabe? Eu acho assim, até uma hora assim, eles não devia ser assim como eles **é**. Aqui **tem** primo com primo primeiro, casa aí toda hora.

Quando questionado se o entrevistado tinha nascido na comunidade, ele informou que não, mas que morava lá desde pequeno e que a maioria de seus irmãos nasceram na comunidade, informando inclusive que nasceram “de parteira”¹⁵. O verbo *ser*, no presente do indicativo, informa que a mãe é daquela localidade, o que o legitima a ser considerado

¹⁵ No dicionário Aurélio, parteira é a mulher que, sem ser médica, assiste a parto, ajudando ou socorrendo a parturiente.

também daquele lugar, mesmo não tendo nascido lá, pois o entrevistado enfatiza que pertence, efetivamente, à comunidade desde os três anos de idade. Em seguida, referenda sua justificativa informando que a maioria dos irmãos *nasceu* na comunidade e que todos fazem parte deste lugar.

Posteriormente, quando questionado se as pessoas da comunidade se intitulavam quilombolas, se tinham orgulho desse título, a resposta foi que “sim”, pelo menos a maioria, pois a comunidade não era composta em sua totalidade por quilombolas, pois já havia algumas famílias de fora morando na comunidade. Contudo, ele revela que o enraizamento da comunidade está tão imbricado e é tão forte que não se “*consegue tirar a raiz*”, ou seja, a locução verbal utilizada dá ideia de um processo contínuo e consistente, pois, mesmo em caso de negação das origens de forma insistente, não conseguirá se desvencilhar de suas origens. A expressão “*tem primo com primo*” referenda o exposto anterior, pois quando se fala de união marital entre parentes – no caso, primos de primeiro grau – o que nos transmite é que existe uma união e um pertencimento entre eles quase indissociável.

Sobre “ajuda” da mineradora à comunidade quilombola

E4

5) (*a mineradora*) **Apoia** todas as culturas, ela apoia. (...) qualquer coisa que você **precisar** eles **têm** a parceria e **ajudam a pagar** as ..., qualquer coisa que você precisa você **faz um pedido** e **eles mandam**, aí, ah, **tem** uma verba de cinquenta mil reais pra **trabalhar** com a comunidade, que são os projetos né. Ah, além do seminário de parceria.

E1

6) (*a mineradora*) **Tem ajudado** sim, até, uns projeto né...ela **fez** alguns projetos. Alguns não foram pra frente, né? Mas nós **temos** é...agora foi inaugurado ano passado o Centro Pastoral, né, que até eles **colocaram** meu nome, em homenagem a mim pelo meu trabalho na comunidade. Foi foi uma verba, que toda a verba **foi** a RPM (*atual Kinross*) que (*deu*).

E2

7) Eu costumo sempre **dizer** que a mi... que a mineradora **é** mais parceira que a prefeitura, a política. A mineradora **responsabiliza** pela energia que **mantém** a igreja, que **mantém** as sedes das associação.

Na fala dos entrevistados, percebemos que há bastante uso de verbos que denotam a mineradora como uma instituição parceira, quase uma “mãe”, pois aparentemente sempre está pronta a ajudar a comunidade quando ela possui alguma necessidade. No discurso dos sujeitos, a mineradora, em 5 e 6, *apoia, ajuda a pagar, tem ajudado, fez, deu*. Notamos, pela análise dos verbos e nas construções do discurso, que os verbos no indicativo, expressam processos regulares e habituais (reificados) – pois a “ajuda” existe desde um passado, pois há verbos no pretérito –, assim como também transmite a imagem de uma validade permanente nessa ajuda, pois, segundo o discurso “*você faz um pedido e eles mandam*”. Na verdade, não é bem assim como parece. Em outro discurso que analisaremos mais à frente, essa mesma entrevistada informará da necessidade de projetos e uma burocracia a ser seguida, mas que de uma maneira geral, a mineradora ‘ajuda bastante’.

Referendando o discurso anterior, na fala degravada número 7, outros verbos corroboram com a imagem de uma instituição responsável, pois “a mineradora é mais parceira que a prefeitura”. Neste momento, percebemos um valor de verdade através do verbo “ser” no presente do indicativo, o que Fairclough (2003) configura de modalidade epistêmica, e pensamos o valor que a instituição possui para a comunidade, pois se, nas palavras dos seus representantes, a mineradora ajuda mais que a prefeitura, que é o órgão responsável por gerir e resolver situações problemáticas no município e/ou comunidade que faz parte do município, pensamos qual o real motivo de ela se preocupar tanto com essa comunidade.

Outro quesito a ser pensado é sobre a omissão dos poderes públicos (município, estado e união) responsáveis pela benfeitoria e manutenção, do espaço comum, na comunidade quilombola São Domingos. Se os poderes públicos sanassem, ou minimizassem, as mazelas e necessidades que lhes competem, não daria espaço para que a intervenção de redes privadas – no caso, a mineradora –, ocorresse, de modo que as relações e representações da comunidade e mineradora poderiam ser bastante diferentes.

A mineradora também “*mantém e responsabiliza pela energia*” (trecho 7). Aqui, notamos que a comunidade possui mais um benefício que é o pagamento da energia que não só alguns órgãos recebem (associação e igreja), mas também a comunidade, pois a maioria da comunidade recebe água de poço artesiano, porém a energia é paga pela mineradora. Tais verbos denotam uma modalidade deôntica, pois referem-se ao comprometimento com a necessidade/obrigatoriedade de a mineradora assumir tais despesas da Comunidade. Através de todos os verbos destacados nas análises anteriores, nesta seção, percebemos que

mineradora possui, dentro das *atividades materiais*, um posicionamento acional em relação à comunidade, assim como dentro das *relações sociais e processos* podemos inferir um jogo de poder e de interesses, como se pretendesse “compensar” de alguma maneira os contratemplos que a instituição causa à comunidade.

Ao analisarmos os verbos e processos verbais acima revelados, e outros que não entraram nas análises, mas que fazem parte da pesquisa, em nenhum momento os participantes utilizaram verbos que remetessem ao futuro, ou seja, em construções discursivas em que não há referência ao futuro, percebemos que, em suas falas, possuem – implicitamente – a consciência de que as parcerias, ajudas e apoio não perpetuarão, uma vez que a mineradora possui data máxima para exploração do ouro e permanência no município.

Possibilidades da comunidade com a ajuda que recebe

E4

8) Nossa! Aqui, se a comunidade é... fosse assim, aquela comunidade que batalha mesmo, qui qui corre, qui vai à luta, que abraça. Ah, ah, a coisa aqui era completamente diferente.

Com o verbo ser (*fosse*) no pretérito imperfeito do subjuntivo, percebemos uma expressão de desejo que se refere a uma ideia que exprime uma ação irreal, hipotética; seguido por uma sequência de verbos no presente do indicativo ‘*batalha*’, ‘*corre*’, ‘*vai à luta*’, ‘*abraça*’ demonstrando que, se a ação indicada pelos verbos fossem reais, a comunidade seria muito melhor e a vida de seus integrantes mais próspera; além disso, com o verbo ser (*era*) referindo-se à comunidade, no pretérito imperfeito do indicativo, inferimos que representa um processo verbal que exprime um fato passado com uma ação durativa, mas como o intuito de que não fosse dessa maneira, principalmente com a sequência do advérbio *completamente* antecedendo o vocábulo “diferente” em seu discurso, pois a ideia é de desejo de uma comunidade melhor, porém não é devido à falta de compromisso com o trabalho referente aos projetos apoiados pela mineradora Kinross.

Referente às construções e aos verbos destacados no trecho 8 da gravação, percebemos um discurso que traz uma ideia de “culpa”. No trecho em que a entrevistada pronuncia a interjeição “Nossa!” dá ideia de chamamento por ajuda, provavelmente divina,

pois a referida interjeição é um dos chamamentos de “Nossa Senhora, mãe de Jesus”. Esse tipo de discurso sugere que a comunidade está em dificuldades e apresenta características de fragmentação ideológica, pois, segundo Thompson (1995), a comunidade não possui uma unidade de pensamento e ações. Esse fator de culpabilidade, juntamente com um desfacelamento ideológico e, conseqüentemente identitário, favorece a mineradora, pois ganha força e espaço acional, representacional e identificacional dentro da comunidade.

4.1.2.2 Referências pronominais

Ao escolher o pronome ao invés do substantivo, podemos obter pistas implícitas que caracterizam o sujeito em nível ideológico, uma vez que é possível desvelar traços de identidades sociais ou pistas das relações dentro da prática social em foco. Os pronomes pessoais também podem ser marcas de comprometimento com o discurso proferido ou de alinhamento de identidades representando os atores sociais. Além disso, poderemos utilizar os pronomes como um útil recurso analítico, pois pode desvelar se os sujeitos são atores, afetados ou beneficiados nos processos, já que são reflexos de relações sociais. Dessa maneira, segundo Fairclough (2003), os pronomes – além dos processos – podem ser utilizados para especificar ou generalizar, explicar, organizar e legitimar fatos e situações, além de posicionar sujeitos dentro das ordens do discurso.

Vejamos algumas situações para análise nesta pesquisa.

Pronomes na construção da autoidentidade de líder

E1

9) **Alguns** não foram pra frente, né! Mas **nós** temos é...agora foi inaugurado ano passado o Centro Pastoral, né! Que até, **eles** colocaram **meu nome**, em homenagem **a mim** pelo **meu trabalho** na comunidade.

Neste momento, a entrevistada foi solicitada a falar sobre os projetos que a mineradora Kinross apoiava, contudo ela muda radicalmente o foco da resposta tentando minimizar o fato

de os projetos não terem dado certo, utilizando o pronome indefinido *alguns*. Em sua narrativa, ela explora o assunto da construção do centro pastoral, obra apoiada pela mineradora e que já está pronta, dando ênfase a uma sequência de pronomes possessivos justificando o fato de o salão ter recebido seu nome, como uma pessoa merecedora, pois foi uma “homenagem” por todo trabalho dela na comunidade. Outro fator interessante é a referência da ex-líder com relação à mineradora, por meio do uso do pronome pessoal “*eles*”, personificando a instituição como alguém que a respeita e que tem poder de decidir. Ela afirma que “*eles colocaram*” o nome da construção em sua homenagem, porém não foi bem assim, uma vez que houve uma votação na comunidade para definir como se chamaria o centro pastoral.

Fica claro nesse trecho da entrevistada um discurso de pessoa (líder) importante, que possui uma identidade fortalecida, pois foi homenageada pela instituição, economicamente, mais poderosa da região; fato que, de certa maneira, enaltece o ego de uma pessoa. Esse tipo de representação de autoidentidade não condiz com a ideia de união de uma comunidade que valoriza suas tradições. Ao contrário, trabalha a ideologia de engrandecimento de alguém, que é reconhecido pelo seu trabalho e apoio junto à comunidade, perante a mineradora, para que outros possam se espelhar na homenageada e quem sabe, um dia, obter o tão sonhado reconhecimento pela prestação de serviço da comunidade, em relação à Kinross.

Pronomes na personificação da mineradora

E2

10) Ela é mais parceira que a prefeitura.

11) E tem também, ela ela ajuda muito na questão da divulgação da cultura, né.

E4)

12) Oh, os benefícios tão aí, né. Que a gente sabe que ela refaz o repasse pra Prefeitura né, então a prefeitura teve um um olhar voltado aqui pra comunidade né, que o maior, maior investimento foi esse asfalto, né.

13) Sim. Ela inclusive, esses projetos quase todos eles, é é começou com a associação de remanescente que na época era a minha mãe Dona Ana que era a presidente.

Em momentos distintos nos discursos aparece, entre entrevistados diferentes, a personificação da mineradora como uma “pessoa” que ajuda a comunidade. Podemos inferir através do constante uso do pronome reto “Ela”. Quando se referem a algo que beneficia toda a comunidade, há a utilização do sintagma “a gente”, que se trata, segundo Thompson (2002), de uma estratégia ideológica, pois ganha forma no discurso através da universalização em que determinadas ações particulares são apresentadas como se fossem para o benefício de todos.

Para Hall (1997), o fenômeno da representação pode ser compreendido como algo dentro da lógica do sistema de representação. Assim, se uma instituição (igreja, comércio, indústria etc.), através de seus representantes, possui alguma atitude, boa ou ruim, as pessoas podem relacionar o fato não com os indivíduos que praticaram a ação, mas com a instituição aos quais representa. Nas palavras do autor:

Podemos formar conceitos de coisas que percebemos – gente e objetos materiais, como cadeira, mesas e escritório. Mas também formamos conceitos de coisas mais obscuras e abstratas, que não podemos ver, nem sentir ou tocar de maneira simples. Pense, por exemplo, em nosso conceito de guerra, ou morte, ou amizade, ou amor. E como podemos observar, também formamos conceitos sobre coisas que nunca vimos, e possivelmente nunca veremos, e sobre gentes e lugares que simplesmente inventamos. (HALL, 1997, p. 4)

Dessa maneira, através da personificação da mineradora, notamos nos discursos proferidos pelos líderes da comunidade que eles acreditam, ou pelo menos referem-se à mineradora não como uma instituição, mas como um ser, ou pessoa, que possui vontades, desejos e está integrada à vida da comunidade.

Pronomes na representação de identidade do grupo

E1

14) É... quando eles compraram a gente ainda não tinha esse trabalho de ser reconhecida.

15) É lá que nós morava, meu pai, minha vó, meu vô (...).

E2

16) É claro que tem os impactos ambientais, a gente sabe disso e a mineradora também, né?

E3

17) (...) a gente sempre tira lenha lá. Mas a gente só tira árvore que o fogo queimou o pé dela.

18) Nós tira isso aí há 40 anos. (...) Nós não tamo devastano nada.

E5

19) A gente sabe do potencial, do poder que ela tem. A gente percebe esta influência de uma forma muito negativa. A gente observa todo diferencial da vida.

20) Mas não é contra a mineradora que nós brigamos. A luta é por um direito letivo. Propriedade esta que sempre pertenceu aos nossos antepassados.

A expressão “a gente” é uma locução pronominal constituída pelo artigo definido feminino e pelo substantivo gente, que se refere a um conjunto de pessoas e deve ser utilizada apenas em circunstâncias informais. Apesar de a expressão ser equivalente ao pronome pessoal reto de primeira pessoa “nós”, semanticamente, possui uma carga significativa menos comprometida com a declaração, sendo considerada, muitas vezes, como um sujeito indeterminado.

Na fala dos entrevistados, quando utilizam a expressão “a gente” sabemos que se referem a toda comunidade quilombola São Domingos, todavia as expressões seguintes não trazem posicionamentos firmes de agentes e responsáveis pelos seus atos. Na estrutura das frases, os locutores aparecem quase como agentes passivos em seus discursos.

Já nas estruturas em que aparecem o “nós” – que não são muitas, e na fala de um entrevistado nem aparece, como em “E2” – os posicionamentos dos entrevistados em relação aos seus discursos se mostram bem mais comprometidos, uma vez que a carga semântica que as estruturas trazem revela um posicionamento de agente, ou seja, um sujeito ativo, que assume seus posicionamentos “nós brigamos”, “nós tira isso aí”. Contudo, esses

posicionamentos aparecem apenas em alguns momentos quando se referem apenas à comunidade e parentes; em momento algum aparecem nos discursos o uso do pronome “nós” incluindo a mineradora. Assim, percebemos que a multinacional, nos discursos dos entrevistados, não faz parte da identidade de grupo da comunidade quilombola São Domingos.

4.1.2.3 Intertextualidade

Segundo Fairclough (2003), para qualquer texto particular, há um conjunto de outros textos e/ou um conjunto de outras vozes potencialmente relevantes incorporadas no texto/discurso, sendo que podemos identificá-los de maneira mais explícita, ou não.

Outra questão a respeito da intertextualidade é sobre a recontextualização, ou seja, um movimento de um contexto para outro, englobando específicas transformações consequentes em como o material realocado, recontextualizado, configura-se dentro do novo contexto na fala de outro enunciador. Dessa maneira, no caso de fala, escrita ou pensamento relatados, há dois levantamentos a fazer:

- (a) a relação entre o relatado e o original (o evento que é relatado)
- (b) a relação entre o relato e o resto do texto no qual ele ocorre – como o relato configura-se no texto.

Ainda para o autor, dentro da intertextualidade há outra nuance que fará parte da análise, que é a *suposição*. O implícito é uma propriedade persuasiva (contaminante) do texto, além de ser uma propriedade de importância social bastante considerável. Todas as formas de fraternidade, comunidade e solidariedade dependem dos sentidos que são compartilhados e podem ser tomados como dados, e nenhuma forma de comunicação ou interação social é concebida sem tais ‘campos comuns’. Por outro lado, a capacidade de exercer poder social, dominação e hegemonia inclui a capacidade de se adequar a um significativo nível de

natureza e conteúdo desses ‘campos comuns’, que tornam as suposições e conteúdos implícitos questões importantes com respeito à ideologia.

Podemos distinguir três principais tipos de suposições:

- Suposições existenciais: suposições a respeito do que existe.
- Suposições proposicionais: suposições sobre o que é ou pode ser.
- Suposições morais: suposições sobre o que é bom ou desejável.

Cada uma dessas categorias pode ser ‘identificada’ (Levinson, 1983) por marcas linguísticas do texto, embora nem todas as suposições sejam ‘marcadas’. Por exemplo, suposições existenciais são ‘armadas’ por marcadores de referência definida como os artigos definidos e os demonstrativos (o, a, este, aquele, esse, isso etc.). Suposições proposicionais são ‘armadas’ por certos verbos (‘verbos factivos’) – esquecer, lembrar. Suposições morais podem ser ‘armadas’ por certos verbos, por exemplo, ajudar.

Intertextualidade sobre invasão da mineradora

E3

14) Invadiu. É fato verídico mesmo (...). Aí, ele foi lá require essas divisa com Carlos Augusto¹⁶. Quando ele chegou lá, ele chegou de Belo Horizonte. Ele não desceu nem na casa dele. Ele parou aqui na porta e falou. Eu tenho que revelar um negócio procê. Eu fui em Belo Horizonte requerer umas divisa, iscritura de 100 ano atrás, coisa antigona. E lá no cartório em Belo Horizonte reza as divisa todinha. E lá não tem meu pai dividino nada com Carlos Augusto. Meu pai dividi com José Osvando – que é tio do meu avô (E3). Meu avô é José Gomes, ele é Antônio Gomes. Então, esse terreno é seus, cara. Entra no pau e leva esse trem pro pau, tal, tal. Eu falei: _Ah, brigar com a Kinross é meio complicado, cara. A gente não tem bala na agulha não. E aí ficou por isso mesmo. Mas que eles têm uma área aí, que é dos quilombola, é. E foram tomadas, têm. Essa foi tomada porque o Carlos Augusto, chegou na época comprou 8ha¹⁷ e fechou 150ha. Entendeu como é que é?

E1

¹⁶ Todos os nomes na degravação das narrativas foram alterados para preservação das identidades.

¹⁷ O termo “ha” é a abreviação do nome hectare (uma unidade de medida agrária).

15) Realmente eles apropriaram, mas, assim...que as terras não pertenciam mais, né? Já tinham sido vendidas para outros proprietários... quando eles compraram, a gente ainda não tinha esse trabalho de ser reconhecida, aí o pessoal falou assim que as terras é nossa e tal, mas eu vou contra. É uma coisa que eles comprou documentada, já num foi da gente, foi de outros que já tinha sido vendida há muitos anos...

Os discursos acima foram produzidos em decorrência da pergunta sobre alguma invasão e/ou apropriação indevida de terras que pertenciam à comunidade quilombola. Todavia, apesar de as respostas confirmarem o fato da invasão, há duas vertentes de discursos distintas, uma para cada entrevistado. Fairclough (2003) chama esse fenômeno de recontextualização, ou seja, a relação entre o relato e o resto do texto no qual ele ocorre – como o relato configura-se no texto.

Na fala 14, de E3, o próprio entrevistado teria direito de parte das terras que a mineradora adquiriu de um terceiro. Antigamente, era relativamente comum a prática das pessoas comprarem uma quantidade de terras e cercar (demarcar) uma quantidade bastante acima do que constava nos documentos. Quando ia revender essa terra, a pessoa que a adquiriu já possuía direito legal, pois já tinha trabalhado nas terras por muito tempo o que lhes dava direito legal de posse. Pelo que se explica aqui, foi o que ocorreu. Todavia, pelo fato de as terras estarem dentro da demarcação do território quilombola, E3 acredita ter direito, mas não possui “*bala na agulha*”, ou seja, dinheiro e poder para ir contra uma Instituição Multinacional, rica e bastante influente, inclusive na política. “*E aí, ficou por isso mesmo*” marca de suposição existencial. Neste momento, fazemos referência ao mecanismo intertextual denominado *Suposição*, uma característica dentro da intertextualidade – pois há outros discursos sobre o mesmo assunto – que denota claramente uma ideologia de dominados em relação à mineradora, pois essa instituição demonstra a capacidade de exercer um poder social, de dominação e hegemônico perante os indivíduos da comunidade quilombola.

Para Thompson (1984, 1990), quando a prática discursiva atinge o patamar de senso comum, as ideologias embutidas nessas práticas discursivas são muito eficazes, mas não estáveis, pois existe uma referência de “transformação” que aponta para uma luta ideológica como dimensão da prática discursiva.

Dessa maneira, mesmo tendo consciência de seus direitos, os quilombolas estão desarticulados e sentem-se desmotivados a lutar por algo, antes mesmo de começar; porém, segundo o discurso do autor acima, mesmo possuindo um senso comum em relação às perdas da terra fica uma angústia e um pensamento que pode, a qualquer momento, reverter em um discurso e ação para reaver as terras que lhes pertenciam. A suposição proposicional, através do verbo *ter* referenda a consciência de E3 da invasão de terras que pertencem ou pertenciam à comunidade quilombola, como vemos no seguinte trecho “*Mas que eles têm uma área aí, que é dos quilombola, é. E foram tomadas, têm.*”

No discurso de E1, há plena convicção da apropriação indevida através do verbo “apropriar” no indicativo, enfatizado pelo advérbio “realmente”. Contudo, dando sequência à construção do texto, a enunciativa repensa sua afirmação, com a introdução da conjunção “mas”, seguido pelo advérbio “assim”, introduzindo uma justificativa contrária à afirmação do início da enunciação. Neste momento, com base em Fairclough (2003), fazemos referência ao mecanismo intertextual denominado *Negação*, em que geralmente se causa polêmica devido ao antagonismo das informações. Em suas palavras, “as frases negativas carregam tipos especiais de pressuposição que também funcionam intertextualmente, incorporando outros textos somente para contestá-los ou rejeitá-los” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 157).

Neste momento, percebemos que o discurso de E1 é mais favorável à mineradora do que à comunidade a que pertence, talvez pelo fato de, implicitamente, saber que não compensa entrar em atrito com a mineradora, uma vez que a ideologia de dominação já está enraizada em seu discurso e, principalmente, em sua identidade enfraquecida. Conforme Woodward (2000), a identidade é vista como o produto de uma intersecção de diferentes componentes, de discursos políticos e culturais e de histórias particulares em que as representações encontradas nos discursos revelam a construção de uma identidade marcada pela diferença ou pela assimilação social.

Chamamos atenção, mais uma vez, para a personificação da mineradora. Os entrevistados se referem à mineradora através do pronome relativo “eles”, ou seja, a representação do discurso da mineradora não parte de uma instituição, mas pelos indivíduos que a representam.

4.1.3.4 Construção de espaços simbólicos e ideológicos

Para Habermas (1980), além da dimensão cultural, o mundo da vida articula os processos de interação social e de socialização dos indivíduos. O mundo da vida fica assim constituído por três estruturas simbólicas: cultura, sociedade e personalidade. Além destes três componentes simbólicos deve-se considerar a reprodução material do mundo da vida, que se realiza através do meio da ação teleológica, que é o estudo filosófico dos fins, isto é, do propósito ou objetivo.

Nas palavras de Wernick (1991), a cultura contemporânea, como “cultura de promoção”, é assumida como a gama dos fenômenos culturais que, ao menos como uma de suas funções, serve para comunicar uma mensagem promocional transformada, hoje, virtualmente coextensiva com o mundo simbólico.

Segundo Fairclough (2003), ideologias são representações de aspectos do mundo que podem ser mostradas para contribuir para o estabelecimento, manutenção e mudança das relações sociais de poder, dominação e exploração. Para a ADC, um dos efeitos causais dos textos são os efeitos ideológicos - os efeitos dos textos em inculcar e sustentar ou mesmo mudar ideologias (Eagleton, 1991; Larrain, 1979; Thompson, 1984; van Dijk, 1998).

Espaços simbólicos e ideológicos da Kinross com a construção de um salão

E1

16) Centro Pastoral, **todo mobiliado, todo equipado**. Quando a comunidade que precisa tem um **salão muito bom, muito grande**, uma cozinha, né?

E2

A mineradora **responsabiliza pela energia que mantém a igreja, que mantém as sedes das associações**. É **foi criado aqui um centro pastoral** ali. **Uma outra sede que tava ali ela restaurou**, né?

E4

Mais aí a a associação de moradores entrou começou, **nós fizemos o centro comunitário** né, **com parceria com a igreja** (católica), nós construímos o centro comunitário, ele é

todo mobiliado, tem todas as mobílias, tem todos os utensílios de cozinha.

Na comunidade quilombola São Domingos, no final da rua principal, que atravessa toda a comunidade, há uma pequena praça com um cruzeiro – cercada pelo cemitério, pela escola, pela igreja e também pelo centro comunitário, que foi todo patrocinado pela mineradora, utilizando mão de obra de pessoas apenas da comunidade. Durante toda a semana, é bastante comum as pessoas se socializarem em conversas informais tanto na praça, quanto nas outras construções vizinhas. Contudo, nesses locais também acontecem discussões de interesses comunitários – principalmente no salão paroquial que, como informado nas entrevistas “tem todas as mobílias” – várias celebrações festivas como São João, momentos religiosos, festa de São Domingos, Natal, festa de Reis, finados e Semana Santa. Além desses momentos específicos, o ponto do transporte coletivo também fica na praça. Dessa maneira, percebemos que é um local bastante frequentado e utilizado tanto no dia a dia, quanto nos momentos de festividades.

Ao analisar as falas dos participantes da pesquisa, percebemos um paralelismo em falas distintas E1 e E4, quando se referem ao salão como sendo “um salão muito bom, muito grande, uma cozinha, né?” dando ênfase aos adjetivos que dão qualidade ao salão; além de falar da cozinha, que ainda complementa a estrutura do salão, mostrando que realmente é uma estrutura completa. Na ênfase dada em “ele é todo mobiliado, tem todas as mobílias, tem todos os utensílios de cozinha.”, percebemos novamente um paralelismo com o uso do advérbio “todo”, sugerindo grande satisfação pessoal e enfatizando o status do salão “estar pronto”.

O salão foi feito em parceria com a igreja católica, ou seja, também é um espaço para catequização das crianças, reuniões de interesses religiosos e comunitários. Analisando todos os benefícios que o salão traz à comunidade, em parceria com a igreja católica, num local onde as pessoas estão diariamente, mas também em dias festivos, além de levar o nome de uma ex-líder da comunidade que ainda é bastante atuante na comunidade, pensamos qual a simbologia que esse espaço possui aos moradores e qual o processo ideológico que está por trás dessa construção, pois junto à placa com o nome do salão, há o patrocinador – a mineradora Kinross. Será que essa não seria uma forma de lembrar aos moradores da comunidade que a multinacional está a favor dos moradores e não ocupando o lado contrário?

Em outras palavras, a mineradora não estaria só explorando ouro, trazendo barulho com as explosões, poeira, provocando rachaduras nas casas, mas trazendo benefícios à comunidade – através de um espaço simbólico e ideológico – de maneira que essa é “recompensada” pelos transtornos causados pela exploração do ouro. Nas palavras de Thompsom (2002), sobre espaços simbólicos:

Ao interpretar as formas simbólicas, os indivíduos as incorporam na própria compreensão que tem de si e dos outros. Eles as usam como veículos para a reflexão e auto-reflexão, como base para refletirem sobre si mesmo, os outros e o mundo a que pertencem. Usarei o termo “apropriação” para me referir a esse extenso processo de conhecimento e auto-conhecimento. Apropriar-se de uma mensagem é apoderar-se de um conteúdo significativo e torna-lo próprio. É assimilar a mensagem e incorporá-la à própria vida – um processo que algumas vezes acontece sem muito esforço, e outras, requer deliberada aplicação. É adaptar a mensagem a nossa própria vida e aos contextos e circunstâncias em que a viemos; contextos e circunstâncias que normalmente são bem diferentes daqueles em que a mensagem foi produzida (THOMPSON, 2002, p. 45).

Tendo como referência a explanação sobre ideologia feita por Fairclough (2003) no início desta seção, percebemos que, através dos espaços reais (como o salão paroquial), mas também simbólicos (com todas as vantagens que esse espaço traz), a ideologia subjacente à mineradora está a todo o momento estampada na “cara” da comunidade. Através dos “patrocínios” sejam eles de construção de área, de pagamento de contas, ou de subsídios de projetos, nota-se um mascaramento de todos os malefícios causados aos indivíduos da comunidade e outras regiões, já citados anteriormente, em relação aos “auxílios” dados.

4.1.3.5 Silenciamento nos discursos

O silenciamento, segundo Orlandi (1992), pode nos levar a um processo de produção de sentidos silenciados. É um processo que trabalha a separação do “dizer” e do “não-dizer”, que impedem tanto o sujeito, quanto a sociedade, de trabalharem o movimento de identidade e de elaborarem os sentidos. Assim, podemos inferir que o silêncio interfere na formação dos sentidos, pois esse silêncio trabalha os limites e a constituição das formações discursivas, determinando os limites do que pode ser dito.

Para que o indivíduo se inscreva num processo de significação, é o silêncio que produz esse estado significativo, através de outros jogos da linguagem, mesmo na censura. Na relação

de formação discursiva com o sujeito, o silêncio é um dos fatores que atua no não-fechamento, constituindo espaços para o deslocamento tanto do sujeito, conforme Althusser (1971), quanto do sentido.

E1

São, todas das comunidade vizinhas...

E2

Qui a associação a comunidade São Dumingu ela não tem somente moradores remanescentes daqui, tem outras...

E3

(...) tem pessoas fazendo faculdade. Tem minhas irmãs que trabalha comigo aqui, é enfermeira, então tem muita...

E4

Então, foi uma outra pessoa qui criou um um certo conflito, mais a gente percebeu assim, que havia especulação por parte de terceiros, né? Na influência...

E5

Na verdade, esse seminário de parceria, na minha visão, enquanto moradora, enquanto...

Na fala de E1, em relação às pessoas que são pagas para monitorarem o processo de desmonte das pedras da mineradora, a entrevistada disse que não eram pessoas apenas da comunidade quilombola São Domingos, mas de todas as comunidades vizinhas. Após a resposta, houve um período de silenciamento como se a ex-líder questionasse a si própria, “somente as comunidades e os bairros que são vizinhos à mineradora”, será que há algum motivo para buscarem apenas pessoas ao redor da comunidade, e ainda desempregadas?

No discurso de E2, a entrevistada referia-se às outras pessoas que vivem na comunidade, mas não são quilombolas, por isso o motivo da existência de uma associação dos quilombolas e outra da comunidade. Nesse caso, as pessoas que não são quilombolas fazem parte da segunda associação.

Em E3, o entrevistado estava discorrendo sobre as várias formas de trabalho que os indivíduos da comunidade possuem. Não estão mais prezas apenas às questões manufaturadas

do passado, mas que ainda perpetuam. Hoje, esses indivíduos buscam novas perspectivas de trabalho e formação fora da comunidade quilombola.

No discurso de E4, uma líder fala da saída de uma ex-líder que deixou o cargo por influência externa, por buscar indenizações e ir de encontro aos ideais da mineradora. Dessa maneira, a entrevistada não quis citar quem foram as pessoas e/ou instituições, apenas que “houve influência” seguida de um silêncio que informa um certo receio em se citar nomes.

Na fala de E5, ao se falar de Seminário de Parcerias da mineradora com a comunidade, ela se coloca como moradora, e quando ia se colocar como “ex-líder” lembrou-se de sua condição de não mais moradora e de toda situação que a fez deixar o cargo de líder. O silenciamento remete à algo sério que aconteceu de maneira que não era interessante expor neste momento.

As reticências e as hesitações que aparecem nos exemplos acima demonstram todo o poder e necessidade, às vezes, do silenciamento em determinados momentos dos discursos. Por não quererem se comprometer, se expor, ou revelar algo que não seja interessante na ordem do discurso, os entrevistados recorrem a esse elemento discursivo para dizer, através do silêncio, como fala Orlandi (2005), p. 85 “entre o dizer e o não dizer desenrola-se todo um espaço de interpretação no qual o sujeito se move. É preciso dar visibilidade a esse espaço através da análise baseada nos conceitos discursivos e seus procedimentos”.

4.2 Análise das Identidades

Nesta seção, faremos as análises das identidades dos indivíduos pertencentes à comunidade quilombola São Domingos, nas vozes de seus representantes, dando foco às questões identitárias, sob a perspectiva da análise do discurso crítica de Norman Fairclough. Assim, identificaremos as práticas linguísticas discursivas contidas nas entrevistas degravadas, enfatizando características permeadas por valores sociais e que favorecem a uma determinada percepção da realidade, ao invés de outras, deixando expostos os possíveis choques ideológicos na concepção de seus autores (entrevistados).

De acordo com Fairclough (2001), o discurso possui traços de elementos constitutivos de identidades sociais. Dessa maneira, uma prática discursiva de domínio consiste em permitir a perpetuação de uma ideologia dominante, uma vez que, através da linguagem, o dominador restringe e controla os sujeitos sociais. Assim, faremos um cruzamento de identidades, enfatizando várias características identitária, nas vozes dos representantes da comunidade quilombola São Domingos.

Outra categoria analítica que também será analisada é a representação da mineradora Kinross, na voz dos atores representantes da comunidade. As maneiras como atores sociais são representados em seus discursos identificam posicionamentos ideológicos em relação a eles, a suas atividades e à mineradora. Por isso, a análise de tais representações é útil no desvelamento de ideologias e interações. Segundo, Resende e Ramalho (2006), analisar os textos, em quais vozes são representadas e quais as consequências disso para a valorização ou depreciação do que foi, pode lançar luz sobre questões de poder no uso da linguagem.

4.2.1 Quanto à construção das identidades dos indivíduos da comunidade

Neste primeiro quadro, analisaremos as marcas discursivas presentes nas vozes dos líderes e ex-líderes da comunidade quilombola São Domingos, em Paracatu-MG, as quais apontam para seus papéis, representações e lugar na comunidade.

As identidades dos indivíduos que compõem as comunidades estão sofrendo modificações devido à conscientização dos mesmos, através de campanhas de igualdade racial e valorização cultural. Percebemos, através da análise dos discursos, uma fluidez na construção das identidades, pois, historicamente, sabemos das imensas dificuldades e lutas, além da discriminação por que passaram, e às vezes ainda passam, os antigos negros escravos e seus descendentes.

CARACTERÍSTICAS IDENTITÁRIAS	EXEMPLOS	MARCAS LINGUÍSTICO- DISCURSIVAS
Traços de Indivíduos trabalhadores	<p>(1) <i>É, eu <u>trabalhei</u> bastante tempo...né...desde a criação delas (associação) vem trabalhando né, que foi em 84 que foi fundada a associação de moradores aqui, aí eu vinha sempre trabalhando. E1</i></p> <p>(2) <i>(<u>Empresário</u>) e também <u>fabricante de rapadura...</u> também, rapadura é uma... essa rapadura que eu acho que é mais importante do que o próprio restaurante, porque rapadura é uma tradição, né? E3</i></p> <p>(3) <i><u>Esta exploração de ouro, ela sempre existiu, né?</u> Hoje se você descer aqui nessa praia, pegando ela no início aqui, até dá lá no São Sebastião, cê ainda vai encontrar aí, todos os dias da semana, <u>pelo menos três pessoas que sobrevive disso aí.</u> E3</i></p> <p>(4) <i>(...) <u>primeiro a gente via carregando lenha na cabeça, vendendo mandioca, né?</u> Então isso aí muitas vezes a gente lembra, <u>fazendo chapéu, vassoura...</u> hoje, já, já expandiu mais, né? Por exemplo, <u>tem muitos que trabalham no dia a</u></i></p>	<p>Nas falas dos pesquisados, percebemos, através de seus discursos, que a relação de trabalho ainda é bastante diversificada. Quando relembram as atividades manufaturadas, destacadas em (4), também notamos que houve mudanças em relação a outras formas trabalho, através do estudo (pessoas formadas), todavia a tradição ainda persiste na produção de rapadura (2) e na exploração do ouro (3), mesmo sendo de forma bastante tímida.</p> <p>No trecho (1) fica evidente que não é recente a organização da comunidade para que pudessem crescer e buscar melhorias para seu povo.</p>

	<p><i><u>dia, diarista. Tem pessoas fazendo faculdade. Eu mesmo tenho meu filho que já formou, então tudo isso. Tem minhas irmãs que trabalha comigo aqui, é enfermeira, então tem muita... várias áreas hoje. E3</u></i></p>	
<p>Vestígios de autoidentidade de pertencimento à comunidade quilombola</p>	<p>(5) <i>Que <u>a gente tem</u> duas associação. E1</i></p> <p>(6) <i>A diferença é qui é... presidente da comunidade é porque quando <u>a gente tem</u> uma liderança com o povo né dá bem com o povo, ee presidente da associação porque <u>a gente precisa se organizar, né.</u></i></p> <p>(7) <i><u>A gente</u>, eu... acho que <u>a gente</u>, por ser quilombola. (...) <u>A gente não tem bala na agulha, não. E3</u></i></p> <p>(8) <i>Então, <u>a gente</u> sabe que seria outra vida aqui na comunidade. Então o que <u>a gente</u> fala é isso, né (...) E4</i></p>	<p>Necessariamente, em todas as entrevistas concedidas, os participantes utilizaram a expressão “a gente”, seguida de verbos que dão ideia de pertencimento e de coletividade, pois as falas referem-se a toda comunidade e não apenas para um grupo de pessoas. Além disso, explicitamente, um dos entrevistados utilizou o termo “ser quilombola”, que referenda a ideia de pertencimento citado acima.</p>
<p>Indícios de autoidentidade de líder</p>	<p>(9) (...) <i>agora foi inaugurado, ano passado, o Centro Pastoral, né, que até, eles colocaram <u>meu nome</u>, em homenagem <u>a mim</u> pelo <u>meu trabalho</u> na comunidade. E1</i></p>	<p>Na fala da entrevistada E1, neste pequeno trecho, destacamos o excessivo uso dos pronomes possessivos em primeira</p>

<p>CONTINUAÇÃO:</p> <p>Indícios de autoidentidade de líder</p>	<p>(10) <u>É, eu trabalhei bastante tempo...né (...)</u> <u>eu vinha sempre trabalhando.</u> E1</p> <p>(11) <u>Eu, enquanto estive como presidente da associação</u> <u>pude observar.</u></p> <p>(12) <u>Vejo assim, primeiro é uma visão que eu vejo desse seminário(...).</u> E5</p> <p>(13) <u>Então, para mim, esse seminário de parceria, essa vergonha(...).</u> E5</p>	<p>em pessoa (meu), uso do pronome oblíquo tônico (a mim), além do pronome reto (eu) todos com referência ao trabalho, enfatizando sua autoidentidade como líder, merecedora da homenagem.</p> <p>Na fala de outra entrevistada E5, nota-se que ocorre o uso da primeira pessoa (eu) para dar opinião sobre o seminário de parceria com a mineradora.</p> <p>São duas posições antagônicas de ex-líderes, ou seja, não se vê unificação da comunidade através do uso do “nós” ou “a gente”, mas uma fragmentação da identidade coletiva para um posicionamento individualizado de líder, que é comprovado pelo excesso do uso de pronomes na primeira pessoa (eu, meu, a mim).</p>
--	--	--

<p>Traços de identidade de membro da comunidade</p> <p style="text-align: center;">X</p> <p>Aliada da mineradora</p>	<p>(14) <i>Alguns não foram pra frente, né. Mas, <u>nós temos</u> é... <u>agora foi inaugurado</u> ano passado o Centro Pastoral (...).</i> E1</p> <p>(15) <i>É... <u>foi criado</u> aqui um centro pastoral ali.</i> E2</p>	<p>Num primeiro momento, a entrevistada faz parte da Comunidade, pois utiliza o pronome “nós”, mas logo em seguida há uma tensão/hesitação com a pausa, representada pelas reticências “...” e uma sequência impessoal “foi criada, foi inaugurada”, que se refere à mineradora. Há uma flutuação em seu discurso entre sua identidade como membro da comunidade e como aliada da mineradora, pois o contexto da entrevista era para falar sobre os projetos que a Kinross patrocinava na comunidade. Laclau (1990) chama esse processo de deslocamento devido à crise de identidade.</p>
<p>Indícios de conflito / divergência de pensamento entre líder e comunidade</p>	<p>(16) <i>Eles deram a oportunidade pras pessoas daqui tá indo fazer cursos lá no Senai, <u>mais assim é, aquele povo</u> qui <u>qué o dinheiro</u> aqui e agora né, <u>não tem aquela paciência di estudá, di di di</u></i></p>	<p>Uma das líderes atuais discorre seu pensamento em se capacitar, estudar e buscar maneiras para que se possa ganhar dinheiro e melhorar suas condições</p>

<p>CONTINUAÇÃO:</p> <p>Indícios de conflito / divergência de pensamento entre líder e comunidade</p>	<p><i>buscá, que os projetos quando você começa com o projeto eles é divagá. E4</i></p> <p><i>(17) Tá, <u>é qui o povo que, é qui... ah, é o impacto. Eu quero o dinheiro pra mim fazer isso, né. E eles não intendi, eles, eles acham que o social, o trabalho social, eles querem qui é cesta básica, é dinheiro pra né, pra eles si mantê, é isso que eles pensa.</u> E4</i></p> <p><i>(18) Então aquilo que for beneficiado para a comunidade, os moradores daqui que são os quilombolas, os outros também tem que ser beneficiados, né. E aí foi onde teve o conflito. Qui é foi alegado, qui eles não trabalhava com a associação de remanecente, qui só tava trabalhado com a associação di moradores, qui tava qui era discaso. Mas não é justamente por isso. E4</i></p> <p><i>(19) Da forma que eles (mineradora) trabalhavam com comunidade, uma forma que <u>a princípio parece que é algo para unir a comunidade, mas na verdade eles fomentam uma determinada divisão dentro da própria comunidade, colocando líderes contra líderes; manipulam pessoas.</u> E5</i></p>	<p>de vida, contudo, no discurso se percebe um afastamento da líder em relação a uma parte da comunidade, quando ela fala “aquele povo / o povo / eles não intendi / eles acham etc.”. O pronome demonstrativo “aquele” dá ideia de distância, e o pronome pessoal reto de terceira pessoa “eles” não a inclui no discurso proferido. Neste momento, ela não se inclui às pessoas da comunidade que só querem o dinheiro.</p> <p>No tópico 18, a participante fala de um conflito de interesses que ocorreu entre uma antiga presidente da associação de remanescentes. Ela lutou por uma indenização para os quilombolas, pois a mineradora atendia toda a comunidade, que também possui alguns moradores que não são quilombolas, e a ex-líder não concordava com isso.</p>
--	---	---

<p>CONTINUAÇÃO:</p> <p>Indícios de conflito / divergência de pensamento entre líder e comunidade</p>		<p>Diante da situação, que gerou um afastamento da ajuda da mineradora, a líder foi afastada e hoje nem mora mais no município.</p> <p>Na fala da ex-líder, tópico 19, que teve de abandonar a comunidade, a empresa manipula as pessoas de maneira que coloca os líderes em conflito. Essa ação resulta no enfraquecimento identitário da comunidade e desfacelamento representacional como um povo que luta pelo bem comum.</p>
<p>Vestígios de lembranças da terra perdida / conflito para uso dos bens naturais</p>	<p>(20) (...) <i>mas o pessoal acha ruim porque eles proíbe de tá entrando e o pessoal tava acostumado, o pessoal tá acostumado a entrá, <u>pegá lenha... pegá frutas, que tinha muitas. El</u></i></p> <p>(21) <u>Acabô com as as plantações qui, né, lá do cerrado...que era a mangaba, o piqui, essas coisas.</u></p> <p>(22) <i>Se tivesse que acabar com essa mata, já teria acabado. <u>Nós tira isso aí há 40 anos. A mata tá</u></i></p>	<p>Na seção “intertextualidade sobre a invasão da mineradora” discorremos sobre o processo de apropriação das terras. Aqui, apenas elencamos as lembranças de outrora, de uma terra que pertencia à comunidade e que fornecia frutas silvestres aos seus moradores, assim como lenha para aquecer</p>

<p>CONTINUAÇÃO:</p> <p>Vestígios de lembranças da terra perdida / conflito para uso dos bens</p>	<p><i>intacta. <u>Inclusive, já teve até protesto sobre isso aí. Eu já falei mesmo. E uma vez os guarda chego lá e eu disse: - “Eu vô continuar tirano. Se vocês achar que deve chamar a polícia, pode chamar. A gente, eu acho que a gente, por ser quilombola e por tar... com o sustento natural disso aqui, é mei complicado. Nós não tamo devastano nada.” E3</u></i></p> <p><i>(23) <u>A questão dos paredões históricos, a muralha de pedra, parte da muralha de pedra que pertence e estava dentro do território da Kinross, ela foi destruída. Tínhamos, também, vestígios de uma igreja histórica, igreja dos negros. Tínhamos a trilha dos escravos, eu mesma passei por tantas vezes por essa trilha quando criança.</u></i></p>	<p>os fornos de maneira que pudessem fabricar seus produtos como rapadura e biscoitos.</p> <p>Contudo, na fala 22, presenciemos vários resquícios históricos que foram deixados pelos descendentes escravos e que a mineradora contribuiu para sua destruição. Na fala da entrevistada, as novas gerações não possuem acesso a esses locais, pois ou foram modificados, ou estão nas terras que pertencem à mineradora e ninguém pode entrar, pois é vigiada por seguranças.</p>
<p>Traços de expressões culturais:</p> <p>CULINÁRIAS, ARTESANATOS E DANÇAS</p>	<p><i>(24) <u>O pessoal tá querendo reabrir a fábrica de biscoito. E1</u></i></p> <p><i>(25) <u>Essa rapadura que eu acho que é mais importante do que o próprio restaurante. (frango caipira com os acompanhamentos)</u></i></p> <p><i>(26) <u>Começou o projeto da criação de frango né, que era um</u></i></p>	<p>A comunidade quilombola São Domingos procura perpetuar suas culturas, algumas apoiadas e outras não, através de suas lideranças e/ou ajudas através dos projetos apoiados pela mineradora</p>

<p>CONTINUAÇÃO:</p> <p>Traços de expressões culturais:</p> <p>CULINÁRIAS, ARTESANATOS E DANÇAS</p>	<p><i>projeto muito bom, aí depois veio o o <u>projeto da fábrica de biscoito</u>. Agora nós tamo retomando. E4</i></p> <p><i>(27) Então, isso aí, muitas vezes a gente lembra fazendo chapéu, vassoura... é, <u>manufaturado</u>. E3</i></p> <p><i>(28) Que entrou aí nesse <u>projeto da gastronomia, né</u>. Então foi feito é é u <u>u site e tem tem us us as receita tem tudo</u>. Já teve pessoas aqui procurando né, ah eu vi pela internet e tudo aí eu vim <u>aqui procurar os artesanatos, os biscoitos</u> né, mais assim, eu acredito que o ano que vem as coisas... o pessoal vai começando a acreditar, né. E4</i></p> <p><i>(29) eles <u>fazem a quadrilha</u>, que é tradicional dos Quilombolas também, todo ano eles fazem , <u>tem a Caretada, a Folia de Reis...</u> E3</i></p> <p><i>(30) <u>As histórias</u> que eles contavam eram mesmo as <u>danças tradicionais que tinham</u>, que muitas acabaram. Tem <u>a festa do padroeiro</u> aqui, <u>que é São Domingos</u>, onde reúne as famílias que tão fora, vem pra cá, essa que é em agosto, que é São Domingos. <u>Tem a Folia de Reis</u>,</i></p>	<p>Kinross. Como exposto, várias expressões culturais ligadas à dança não existem mais e estão marcadas apenas nas lembranças dos moradores mais antigos. Delas, apenas a Caretada¹⁸ ainda possui uma grande repercussão e adesão das pessoas da comunidade e não corre risco de se extinguir.</p>
---	---	---

¹⁸ No capítulo de contextualização há uma seção que especifica a dança da caretada na comunidade quilombola São Domingos, em Paracatu-MG.

<p>CONTINUAÇÃO:</p> <p>Traços de expressões culturais:</p> <p>CULINÁRIAS, ARTESANATOS E DANÇAS</p>	<p><i>já não é como era antes não... mas ainda tem a folia. Agora, <u>tinha a catira</u>, né? Acabou. Os mais velhos que dançavam, os mais novos não interessaram, <u>tinha o lundum</u> também, acabou também... <u>tinha a dança do algodão</u>, essa eu ainda resgatei, assim, não sei se total, essa eu resgatei, fui perguntando, perguntando, que é a dança que eles falam dança do balaio, que na verdade é a dança da colheita do algodão, só que as moças usam o balaio, né? Então assim, <u>de expressão cultural que a comunidade tinha, vários acabaram.</u> E1</i></p> <p>(31) A mineradora ajuda na divulgação da cultura <u>ajuda com instrumentos</u> né, <u>projeto de instrumentos.</u> E2</p>	
---	--	--

Com essas análises, é possível compreender as representações de identidades marcadas nas vozes dos integrantes da comunidade quilombola São Domingos, entrevistados nesta pesquisa. Em um determinado momento, identificamos pessoas trabalhadoras que lutam e persistem em adquirir seu sustento e de seus familiares, não apenas com trabalhos fora da comunidade, mas com o labor que muitas vezes aprenderam com seus antepassados, como percebemos na retomada do projeto dos biscoitos e no trabalho da rapadura artesanal. Contudo, notamos que, de acordo com a fala de uma das líderes atuais, muitos jovens pretendem seguir outros caminhos, que não envolvem os projetos da Comunidade.

Num outro momento, percebemos pessoas que persistem em dar continuidade à cultura advinda de seus antepassados. Apesar de ter perdido muito de suas danças e tradições,

há um consenso e um orgulho em se poder mostrar a caretada, dança típica dos antigos escravos e que perpetua em suas vozes e representações com os quilombolas da comunidade de São Domingos. Aqui, presenciamos o conflito entre o passado e o presente no curso das mudanças históricas.

O conflito de identidades também foi detectado entre ex-líder, pois num primeiro momento o discurso referia-se à comunidade (nós), todavia, posteriormente o discurso passou a ter um tom subjetivo, de maneira que pronomes em primeira pessoa tiveram mais destaque, levantando uma indagação. Qual o motivo de se aproximar e se afastar da coletividade, através do discurso? Segundo Fairclough (2003), o *ethos*¹⁹ é intertextual, uma vez que a identidade dos participantes de uma interação verbal é constituída a partir dos modelos de discursos vigentes, das crenças e dos valores reproduzidos, reforçados ou transformados pelas esferas sociocomunicativas em que se situam. Dessa maneira, numa determinada esfera sociocomunicativa, indivíduos agem e interagem de forma específica, levando em conta suas preferências linguísticas, estilísticas e ideológicas. Assim, baseado no *ethos*, suscita a incógnita, será que está ocorrendo uma crise de identidade, uma vez que ficou constatado o que Laclau (1990) chama de deslocamento?

As divergências foram identificadas em vários momentos e são fatos que incomodam bastante as lideranças, ex-lideranças e participantes, pois vários projetos não deram certo devido desentendimentos internos entre membros da comunidade, pois mesmo possuindo uma estrutura completa para que os trabalhos fossem desenvolvidos, eles não vingaram. Também percebemos uma nostalgia em relação ao que podiam usufruir da natureza, sem nada ser cobrado, como as diversas frutas que já não existem mais, no que um dia foi seu território, assim como a madeira que os auxiliava na confecção de seus produtos.

Os conflitos entre membros da comunidade também foram identificados no que tange concordância com a mineradora (a instituição como aliada) e divergência com a ideologia da instituição, pois até mesmo a destituição de uma líder da associação de quilombolas aconteceu, uma vez que a comunidade havia perdido muitos incentivos que a multinacional oferecia. O poder de manipulação e de conseguir aliados a sua causa, mais uma vez é demonstrado a partir da análise desse fato, pois a indústria venceu o embate com uma das líderes com o “apoio” do restante da comunidade.

¹⁹ *Ethos* é uma expressão do inglês usada para descrever o conjunto de hábitos ou crenças que definem uma comunidade ou nação. O *ethos* são os costumes e os traços comportamentais que distinguem um povo. Por exemplo, *ethos* dos indianos.

4.2.2 Quanto à representação da mineradora Kinross na voz dos quilombolas

Neste segundo momento, analisaremos as marcas discursivas nas vozes dos líderes e ex-líderes da comunidade quilombola São Domingos, com o intuito de verificar as representações da mineradora do grupo canadense Kinross e sua influência na Comunidade.

Como a mineradora faz divisa com a comunidade quilombola e adquiriu um terreno que pertencia à Comunidade, existem algumas arestas em suas convivências além da relação “normal” que a instituição possui referentes a outras comunidades e vizinhos.

CARACTERÍSTICAS IDENTITÁRIAS	EXEMPLOS	MARCAS LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS
Vestígios de posicionamentos divergentes sobre invasão de terras da comunidade quilombola	<p>(1) <u>Invadiu. É fato verídico mesmo. (...) Mas que eles têm uma área aí, que é dos quilombola, é. E foram tomadas, têm. Essa foi tomada porque o Carlos Augusto, chegou na época comprou 8ha e fechou 150ha. Entendeu como é que é? E3</u></p> <p>(2) <u>Realmente, eles apropriaram, mas, assim... que as terras não pertenciam mais, né? Já tinham sido vendidas para outros proprietários... quando eles compraram, a gente ainda não tinha esse trabalho de ser reconhecida, aí o pessoal falou assim que as terras é nossa e tal,</u></p>	<p>Os entrevistados possuem consciência da invasão, porém possuem posicionamentos diferentes. Enquanto um questiona a legalidade da compra do terreno, uma vez que foi vendido à mineradora uma parte que não estava registrada, a outra pessoa já apoia a mineradora, pois segundo ela “as terras não pertenciam mais (aos antigos donos)”. Pelos discursos parece</p>

<p>CONTINUAÇÃO:</p> <p>Vestígios de posicionamentos divergentes sobre invasão de terras da comunidade</p>	<p><i>mas eu vou contra. É uma coisa que eles comprou documentada, já num foi da gente, foi de outros que já tinha sido vendida há muitos anos... E1</i></p> <p><i>(3) <u>As propriedades que hoje fazem parte do poder da Kinross, são propriedades até dos meus familiares. A forma que eles adquiriram essas terras constam em documentações do RT e D, isso é um documento público que qualquer pessoa interessada pode ter acesso ao <u>relatório de identificação e delimitação do território da comunidade</u> e a gente percebe que a forma de aquisição das terras pelos primeiros proprietários e essa <u>transferência dessas terras para a Kinross foi feito pelo próprio governo do estado de Minas, pela forma que foi feita a <u>apropriação da cachoeira da comunidade.</u></u></u></i>E5</p>	<p>que há um consenso em que não compensa ressuscitar essa história, uma vez que é antiga e não possuem dinheiro para custear uma ação judicial.</p> <p>No discurso da entrevista (3), elucida-se melhor como se deu o processo de apropriação das terras quilombolas, houve participação política também, uma vez que o estado concedeu a propriedade de terras. Contudo, notamos que bens naturais, como a cachoeira, que teoricamente qualquer pessoa poderia usufruir também faz parte da mineradora e ninguém possui acesso.</p>
<p>Indícios sobre ajuda da mineradora</p>	<p><i>(4) <u>Tem ajudado sim, até, uns projeto</u> né... ela fez alguns projetos. E1</i></p> <p><i>(5) <u>Mais é a melhor parceira que a comunidade tem é a mineradora. Ela é mais parceira que a prefeitura.</u> E2</i></p> <p><i>(6) <u>Com projeto, né? Tivemos</u></i></p>	<p>Há um certo consenso em relação a quase todos os entrevistados – falas 4, 5, 6 e 7 – sobre a ajuda da mineradora à Comunidade, pois a multinacional promoveu projetos – que não deram</p>

<p>CONTINUAÇÃO:</p> <p>Indícios sobre ajuda da mineradora quilombola</p>	<p><u>um projeto aí, da criação de frango aí, não prosperou porque a comunidade não abraçou o projeto, mas era um projeto bom, onde a Kinross deu da comida até o abate, você tá me entendendo, pra cada comunidade, pra cada família, então acho que faltou empenho da própria comunidade e depois teve também a fábrica de biscoito.</u> E3</p> <p>(7) <u>Oh, os benefícios tão aí né. Que a gente sabe que ela refaz o repasse pra Prefeitura né, então a prefeitura teve um um olhar voltado aqui pra comunidade né, que o maior, maior investimento foi esse asfalto, né. Então, eles começaram os projetos aqui, aí que começou o projeto da criação de frango né, que era um projeto muito bom, aí depois veio o o projeto da fábrica de biscoito, que aí já foi... aí a mineradora reformou o prédio da sede todinho, né.</u> E4</p> <p>(8) <u>Na verdade, esse seminário de parceria, na minha visão, enquanto moradora, enquanto...</u></p> <p>No que se refere a comunidade em si, a própria comunidade lá de São Domingos é mais vergonhoso ainda, pois <u>muitos se contentam</u> (com a ajuda) e</p>	<p>certo devido a falta de comprometimento da comunidade – patrocinou a construção de um salão comunitário e, inclusive para uma das entrevistadas, a mineradora é “mais parceira que a própria prefeitura”.</p> <p>Todavia, na fala (8) percebemos uma forte crítica relacionada às parcerias que a mineradora oferece à comunidade. Para a entrevistada, o que a comunidade recebe “são migalhas” e tem de se contentar com isso. Em entrevista ela fala que todo megaempreendimento causa impacto, mas que o retorno poderia ser pelo menos proporcional.</p> <p>Percebam que no início de seu discurso (8) ela fala “enquanto moradora, enquanto...” há uma pausa, pois a referida</p>
--	--	--

<p>CONTINUAÇÃO:</p> <p>Indícios sobre ajuda da mineradora quilombola</p>	<p><i>acabam, de certa forma, agraciando a mineradora, elevando de certa forma a visão que não só a sociedade nacional tem, mas a internacional também tem da mineradora, Isso acaba fazendo com que <u>as comunidades que realmente precisam ficam a mercê da sua própria sorte e acabam tendo que se contentar com migalhas das migalhas.</u> E5</i></p>	<p>pessoa foi convidada a se retirar da presidência e da comunidade, por questão de segurança dela e da família.</p>
<p>Traços de interferências prejudiciais causadas pela mineradora</p>	<p>(9) <i><u>Barulho, às vezes tem, agora mesmo soltam bombas pra lá. Inclusive, o pessoal já teve aqui na discussão aí, pra ver os problema, porque tem muita casa rachada, devia sê devido essa bomba. Virem pessoas pra fazer análise, disse que não é, que as casa mesmo é sem estrutura, mas que abala, abala bastante.</u> E1</i></p> <p>(10) <i>A mineradora, é claro que tem os impactos ambientais, a gente sabe disso e a mineradora também sabe né. É... <u>não tem como também uma mineradora não impactá, né?</u> E2</i></p> <p>(11) <i><u>Poluição, porque tem a questão do barulho. A questão da puera, né. Quando venta assim sobe muito.</u> E3</i></p> <p>(12) <i><u>De repente vê toda sua</u></i></p>	<p>Todos os dias, às 15h, praticamente toda a cidade de Paracatu, escuta e sente os tremores causados pela mineradora. Seus representantes dizem que não sentem nada na área de mineração, pois se utiliza a implosão e não dinamites que causam explosão. ontudo há muita reclamação de cidadãos sobre este assunto.</p> <p>Numa tentativa de desmitificar os problemas das rachaduras, a mineradora enviou pessoas para analisarem as rachaduras e culparam</p>

<p>CONTINUAÇÃO:</p> <p>Traços de interferências prejudiciais causadas pela mineradora</p>	<p><i><u>vida, todo seu itinerário, toda sua forma de viver sendo modificada pelas ações de um mega empreendimento como o da mineradora e, infelizmente, essas influências acabam por trazer para a comunidade grandes malefícios, começa pela destruição da tranquilidade porque o barulho ao lado da mineradora é insuportável e o mau cheiro de um material que eles utilizavam, a gente não sabe, ainda, ao certo para que era utilizado. E5</u></i></p>	<p>as casas por não terem estruturas (pilares e vigas), contudo esse é um problema que não assola apenas a Comunidade, mas vários bairros próximos à mineradora.</p> <p>No discurso 12 é enfatizado também um mau cheiro, além do barulho, vindo da mineradora. Contudo, não sabem do que se trata o odor.</p>
<p>Indícios reflexivos sobre o porquê da ajuda da mineradora</p>	<p><i>(13) Hoje é que tem a proximidade maior, devido os projetos, né! <u>Devido o o trabalho, então aí a gente tem essa aproximação, mais isso foi cá em 2003 pra cá qui começou essa aproximação. E4</u></i></p> <p><i>(14) Aí a gente participava do seminário de parceria, e mais assim, <u>todos os seminário acabava tendo privilégio, né. Porque todos os seminário que a comunidade participou, ela ganhou! É uma forma de indenizar, né. É é porque seria</u></i></p>	<p>Como explica a participante da entrevista, a aproximação maior da mineradora se deu faz uns dez anos, contudo a mineradora está na região há 26 anos.</p> <p>Ela possui a consciência de que a comunidade acaba sendo privilegiada nas parcerias, pois nunca “perdeu” um seminário de parceria, que hoje é conhecido como Projeto Integrar, e também possui</p>

	<i>geração de renda. E4</i>	a consciência de que esse benefício é uma forma de amenizar os transtornos que a mineração traz à Comunidade.
--	-----------------------------	---

Nas análises das falas dos entrevistados nesta pesquisa, percebemos a convivência da comunidade em relação à exploração do ouro, da poluição e até mesmo da divergência dos discursos em se tratando da apropriação indevida de parte de suas terras.

Em seus discursos, a mineradora é a “melhor aliada da comunidade”, pois está mais presente do que a própria gestão do município. Ela paga algumas despesas como a energia das associações, constrói edificações – como o salão paroquial da comunidade – incentiva projetos na geração de emprego e renda, como a fábrica de biscoitos e criação de frangos, e teve grande influência no asfaltamento da comunidade.

Apesar de terem consciência de que há impactos ambientais que prejudicam não só a comunidade, mas todo um município, os indivíduos pertencentes à comunidade preferem arcar com as consequências ruins a lutarem por mais direitos, pois na fala de uma das líderes, ela (a mineradora) já faz o repasse para a prefeitura e não teria obrigatoriedade nenhuma em ajudar ainda mais a comunidade. Coloca a mineradora como “boazinha e preocupada com o bem-estar da comunidade”.

Todavia, diante dessa convivência, uma das ex-líderes, que teve que deixar o cargo e inclusive a Comunidade, não concorda com a situação e, em seu dizer, “foi uma pedra no sapato da Kinross”, pois lutava por indenizações para a comunidade tentando minimizar todos os prejuízos territoriais e culturais que sofreram e sofrem devido à exploração do ouro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término das reflexões e a partir da origem investigativa que as relações entre identidade e representação do discurso nos proporcionou, conforme explicitado no bojo de nossa reflexão na introdução desta pesquisa, percebemos, através da pesquisa de campo desenvolvida com a comunidade quilombola São Domingos, em Paracatu-MG, como pode se dar o fortalecimento / enfraquecimento identitário de um povo, através das representações discursivas e culturais.

Dessa maneira, percebemos no decorrer desta pesquisa que muitas práticas cotidianas, assim como as práticas culturais, ainda possuem relação com as práticas de seus antepassados (negros mineradores escravos). Todavia, essa relação existente tende a se “esfacelar”, aos poucos, devido a várias mudanças nas representações identitárias e culturais, assim como ideológicas, pois, aos poucos, muitas interferências foram e são recorrentes – principalmente em relação à mineradora Kinross – de maneira que todo esse processo de preservação vai se perdendo / enfraquecendo nas gerações posteriores da comunidade.

Baseado nos estudos da ADC, postulado por Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003), procuramos desenvolver uma pesquisa baseada nos discursos das lideranças atuais e antigas da Comunidade, uma vez que para ele o discurso “é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Assim, as análises da prática social focalizada na pesquisa foram voltadas para a articulação dos elementos da prática social – que é composta pelas atividades materiais, fenômenos mentais, relações e processos, além de valores, crenças e desejos para que compreendêssemos melhor – a partir da conjuntura de convívio e de relação entre a comunidade quilombola São Domingos e a mineradora Kinross.

No período de desenvolvimento da pesquisa, percebemos algumas incoerências nos discursos dos moradores – representados por seus líderes e ex-líderes – relacionados às interferências que a mineradora Kinross exercia na comunidade. Consequentemente, essa era uma questão que interferia e influenciava nas questões de formação e perpetuação identitária dos indivíduos da comunidade. Questões tão fortes que foram motivos de discórdias entre a

comunidade e de seus representantes, de maneira que ocasionou a expulsão de uma das líderes, assim como sua saída da comunidade, para que sua integridade física e de seus familiares fossem preservadas.

Fundamentado nessa declaração, fica claro que a relação da mineradora entre presidente da comunidade e presidente da associação são diferentes, baseado nos interesses que a transnacional possui, pois se há consenso entre as presidências e a Kinross, tudo está certo; mas se há conflito, como apresentado acima, existe a mudança de tratamento nas relações entre as partes, o que responde a questão 1 e 2 das perguntas norteadoras da pesquisa e que vai de encontro com alguns discursos dos participantes da pesquisa, pois revelaram que não havia distinção no tocante em relação às presidências, fato que não se comprovou nas análises. Na fala de uma líder *“Ah, é tudo a mesma coisa, né? Que, é, é. Que é o trabalho voltado para a comunidade, né? Né, então ela tá aí pra buscar os benefícios, para a comunidade, então é o geral, né?”*

Como comunidade quilombola, descendentes de escravos, seus líderes e representantes lutaram para obter o reconhecimento através da Fundação Cultural Palmares (FCP) com o intuito de referendar suas origens, identidades e territórios, pois a mineradora, na voz da ex-líder, que teve de se ausentar da comunidade, a multinacional fala *“que São Domingos é só um vestígio de negros, mas não de descendentes de homens e mulheres escravizados e isso acaba atrapalhando todo o processo, até mesmo de reconhecimento e de fortalecimento da própria comunidade, quanto mais descaracterizada ela for, mais favorável será para a Kinross”*. Assim, percebemos que, necessariamente, todas as lideranças possuem consciência das influências negativas e positivas que a mineradora traz com a exploração, contudo esses conflitos gerados não são representados por discursos análogos em favor da Comunidade. Segundo Hall (2003), o impacto da globalização sobre a identidade é que o tempo e o espaço são coordenadas básicas de todos os sistemas de representação. Isso é comprovado nos discursos, pois líderes e integrantes da comunidade de gerações diferentes não comungam com muitas ideologias e ideias apresentadas a eles. A questão norteadora de número 5 é abordada neste momento, pois apesar de lutarem para conseguir o reconhecimento identitário de ser quilombola, houve conflitos de reconhecimento das partes envolvidas (comunidade e mineradora), pois para a Kinross, no discurso de uma entrevistada, a comunidade não é reconhecidamente quilombola.

As representações materiais são bastante fortes e presentes em toda a comunidade. No desenvolvimento deste trabalho identificamos questões que englobam tanto a modernidade, quanto a tradição, pois apesar de ser uma comunidade que luta para preservar seus valores identitários, almejam também melhoria de vida em relação a trabalho e acesso à modernidade. Por exemplo, sempre lutaram para que obtivessem o asfalto, que hoje é uma realidade na comunidade; possuem um salão paroquial – que foi construído com o dinheiro da Kinross – e que serve como apoio para a catequese das crianças, mas também para as reuniões importantes na comunidade. A questão da construção desse salão foi bastante analisada no capítulo analítico (4.1.3.4), pois envolve não só a representação da atividade material da mineradora na comunidade, mas toda uma ideologização – através da categoria valores, crenças e desejos – como representação permanente para os moradores, uma vez que também leva o nome de uma ex-líder, ainda bastante atuante e referência na comunidade. Neste momento se percebe a influência que a mineradora, ao poucos, vai exercendo na comunidade, respondendo a questão 3, das perguntas norteadoras da pesquisa.

Quando se trata das questões de “patrocínio” dos projetos, encontramos também vários discursos que não são totalmente coesos, pois enquanto alguns enxergam a mineradora como “*mais parceira que a própria prefeitura*”, outros elucidam essa atitude da empresa como algo absurdo, pois veem tal atitude como barganha e que, o que é retirado das terras (ouro) – além das outras questões como apropriação de uma parte do território quilombola, poluição e prejuízos como rachaduras em algumas casas devido às detonações – não chega nem perto dos prejuízos causados não só à comunidade quilombola São Domingos, mas a toda vizinhança da mineradora que incluem outras comunidades e vários bairros vizinhos. Todavia, as “parcerias” dos projetos continuam, uma vez que na fala de alguns líderes, isso não é obrigação da empresa. Este parágrafo desvela alguns elementos que respondem as questões 4 e 6 da nossa pesquisa.

A comunidade possui várias expressões culturais que remontam aos seus antepassados, tanto na culinária como a produção artesanal de rapadura e de biscoitos que agregam valores ideológicos, pois leva o nome da comunidade em seus produtos, o que acaba também agregando valores reais (financeiros) aos produtos; quanto na expressão cultural artística, pois ainda possui a festa da caretada, expressão cultural festiva típica do noroeste e que já acabou em outras comunidades remanescentes, mas, ainda, perpetua em São Domingos, com dificuldades.

Todas essas questões colocadas e analisadas acima possuem influência na formação identitária dos indivíduos da comunidade quilombola em foco. Todos os conflitos de interesses, de pensamentos e de aceitação, ou não, relacionados à mineradora, enfraquecem o crescimento, que deveria ser comum a um povo e, o que deveria ser razão de união, acaba se tornando motivo de discórdia e enfraquecimento de seus ideais e de suas representações, em favor dos interesses da mineradora. Nas palavras de Fairclough:

Entendo que as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117)

A tradição e a modernidade não possuem, necessariamente, relações antagônicas. Uma comunidade, um povo, pode conviver com as duas realidades de maneira que se possa preservar sua cultura, sua identidade e suas ideologias, sem abrir mão dos benefícios que o novo, o moderno pode oferecer.

Ainda como resposta à questão 6, o que notamos nesta pesquisa foi que a influência da mineradora Kinross na comunidade quilombola São Domingos, desde a década de 1980, vem modificando o modo de viver de um povo, uma vez que gera discórdia e dissonância de pensamento entre os indivíduos que a constitui, principalmente em seus líderes. Além disso, apesar de ter trazido novas perspectivas, como o trabalho, também vem influenciando e enfraquecendo a identidade de um povo que luta para perpetuar sua identidade, através das representações e manifestações culturais que herdaram de seus antepassados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. P. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998 [1971].

ANDRADE, Lúcia; TRECCANI, Girolamo. **Terras de Quilombo**. CEDEFES. Disponível em <www.cedefes.org.br>acesso em 07/09/2013.

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo**: Antropologia e História do processo de formação quilombola. Bauru, SP: Ed. Edusc, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. SP, Hucitec, 1987.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1988.

BAUER, M.W & GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: manual prático. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 9ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

BAUER, M.W.; GASKELL, G. & ALLUM, N. Qualidade, quantidade e interesses no conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, M.W. & GASKELL, G. (org.) **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som – um manual prático**. 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 55.

BERG, L. Bruce. **Qualitative Research Methods for the Social Sciences**. 5.ed. Pearson, 2004.

BOSK, C. L.; VRIES, R. G. D. Bureaucracies of mass deception: institutional review boards and the ethics of ethnographic research. **The Annals of the American Academy**, v. 595, p. 249-263, 2004.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise de discurso**. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1994.

BRASIL. **Normas regulamentadoras sobre pesquisa em seres humanos**. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde, 1996.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 05 de outubro de 1988. São Paulo: Saraiva, 2003. DECRETO Nº 4.887, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003.

CAMERON, Deborah, et. al. **Researching Language: issues of power and method.** Routledge, 1992.

CEDEFES. **Comunidades Quilombolas do estado de Minas Gerais.** Disponível em: http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/mg/mg_lista_comunidades.html>. Acesso em 08/09/2013.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Petrópolis: Vozes, 2006.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural.** São Paulo: Iluminuras, 1997.

DA MATTA. Roberto. **A casa e a rua.** 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DENZIN, N. K. **The Research Act, Englewood Cliffs.** N. J., Prentice Hall. 1970 [1989].

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

DIAS, Juliana de Freitas. **Analistas de discurso e sua prática teórica e metodológica.** Caderno de Linguagem e Sociedade, 2011.

DIJK, T. A. V. **Discurso e poder.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012 [2008].

DINIZ, D. **Ética na pesquisa em ciências humanas: novos desafios.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 13, p. 417-426, 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 [1992].

_____. **Critical discourse Analysis and the Marketization of Public Discourse: the Universities.** *Discourse & Society*, p. 133-168, 1993.

FAUSTO, B. **História do Brasil.** São Paulo: Edusp, 1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. ed. São Paulo: Artmed Editora, 2009.

GASKELL, G. Entrevistas Individuais e grupais In: BAUER, M.W; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: manual prático.** Trad. Pedrinho A. Guareschi. 9. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011, p. 64-89.

GUERRIERO, I. C. Z. **Aspectos éticos das pesquisas qualitativas em saúde.** 318 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2006.

GERMANI, D. J. A mineração no Brasil. Relatório ao Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Ministério da Ciência e Tecnologia, 2002. 59 p.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIEVE Simon. & MAGALHÃES Izabel. On Empowerment. In: **Crile Occasional Report: Power, Ethics and Validity**. Edited by S. Gieve, Lancaster University & I. Magalhães, Universidade de Brasília. 1998.

GRAMSCI, A. **Selections from the Prison Notebooks of Antonio Gramsci**. London: Lawrence & Wishart, 1995 [1971].

GONZAGA, Olimpio. **Memória Histórica de Paracatu**. Uberaba: Typ. Jardim e Cia., 1910.

HABERMAS, J. **A crise de legitimação do capitalismo tardio**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução; Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003[1992].

_____. El trabajo de la representación. In Representation: **Cultural Representations and signifying practice**. London, Sage Publications, 1997. Trad. De Elías Sevilla Casas. Disponível em: <<http://socioeconomia.univalle.edu.co/professores/docuestu/download?pdf/eltrabajodelaR.StuartH.PDF>>. Acesso em 12.08.2013.

HALLIDAY, M. & HASAN, R. **Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Series Editor: Frances Christie. Oxford, University Press, 1985.

HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. Etnografía: **Métodos de investigación**. Barcelona: Paidós, 1994.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Tradução de Adail U. Sobral e Maria S. Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1996 [1989].

IBGE. **Cidades**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=314700>>. Acesso em 21 de março de 2014.

KINROSS. **Nossa História**. <<http://www.kinross.com.br/index.php/conheca-a-kinross/nossa-historia/>>. Acesso em 08/09/2013.

LACLAU, E. **New Reflections on the Revolution of our Time**. Londres: Verso, 1990.

LEVINSON, S. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

MANIADEHISTÓRIA. **Mineração no Brasil Colônia**. Disponível em : <<http://maniadehistoria.wordpress.com/mineracao-no-brasil-colonia/>>. Acesso em 02 de abril de 2014.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158. 1990/1991.

_____. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: eduel, 2003. p.11-25.

MARCUSCHI, L.A. **O papel da atividade discursiva no exercício do controle social**. Cadernos de Linguagem e Sociedade, vol. 7 (2), 2005: UnB, p.7-33.

MELLO, Antônio de Oliveira. **As minas reveladas (Paracatu no tempo)**. 2. ed. Paracatu: Ed. da Prefeitura Municipal de Paracatu, 2002.

MEYER, M. Between theory, method, and politics: positioning of the approaches to CDA. In: WODAK, Ruth & MEYER, Michael (ed). **Methods of critical discourse analysis**. London, New Delhi, Sage, 2001, p.14-31.

MOITA LOPES, Luiz P. da. **Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

_____. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos constructos que tem orientado a pesquisa. In: **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOREIRA, H.; CALEFFE L.G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. RJ: DP&A, 2006.

MOURA, Clovis. **Formas de resistência escravizado e do afro-descendente**. In: SANTOS, Milton. Território e sociedade. 2ª reimp. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. **Quilombos: resistência ao escravismo**. São Paulo: Ática, 1987.

MURPHY, E., & DINGWALL, R. **The ethics of ethnography**. In P. Atkinson, A. Coffey, S. Delamont, J. Loftland, & L. H. Loftland (Eds.), Handbook of ethnography (pp. 339-351), London: Sage, 2001.

NORTHWAY, R. **Nurse research**. 2002.

OLIVEIRA MELLO, Antonio de. **Paracatu perante a História**. Belo Horizonte: Estabelecimentos Gráficos Santa Maria S/A, 1964.

ORLANDI, Eni (Org.). **As formas do silêncio**. Campinas: Editora Unicamp, 1998.

_____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. Are the Masses an inanimate Object? In: SANKOFF, D. (Org.). **Linguistic variation**. New York: Academic Press, 1978. p. 251-267.

PORTALEUDUCARBRASIL. A história da mineração. Disponível em: <http://www.marcosgeograficos.org.br/pdf/html.php?id=78>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2014.

RESENDE, Viviana de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Análise de Discurso Crítica, do Modelo Tridimensional à Articulação entre Práticas**: Implicações Teórico-Metodológicas. Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 5, n.1, p. 185-207, jul./dez. 2004.

RIBBENS, J.; EDWARDS, R. **Feminist dilemmas in qualitative research**: public knowledge and private lives. London: Sage; 2000.

SCHEIBE, L. F. Exploração dos recursos minerais no Brasil: 500 anos de desenvolvimento? In: **Anales del 8º. Encuentro de Geografos de America Latina**. Santiago do Chile: Universidade do Chile, 2001. v. cdrom. p. 01-12. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal8/Procesosambientales/Usoderecurso/s/04.pdf>>. Acesso em novembro de 2013.

TASHAKKORI, A., e C. Teddlie. Mixed methodology. **Combining qualitative and quantitative approaches** (Applied Social Research Methods Series, vol. 46), Londres, Sage. 1998.

THOMAS, J. **Doing critical ethnography**. London: Sage Publications, 1993.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

_____. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social de mídia. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

WODAK, Ruth. De qué trata el análisis crítico del discurso. Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos. In: MEYER, Michel (orgs.). **Métodos de Análisis Crítico del Discurso**. Barcelona: Gedisa, 2003.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 7-39.

APÊNDICES

Degrações²⁰ das entrevistas em forma de narrativas, dos participantes da dissertação de mestrado intitulada: “IDENTIDADES NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO DOMINGOS E REPRESENTAÇÕES DA MINERADORA KINROSS: TRADIÇÃO X MODERNIDADE”.²¹

Entrevista com D. Ana (E1)

P: Qual o nome da senhora mesmo?

E1: Ana Silva

P: A senhora foi presidente aqui na comunidade por muito tempo, né, D. Ana?

E1: fui sim

P: foi quanto tempo mais ou menos?

E1: 5 anos

P: 5 anos... hum...

E1: é na associação de moradores, né? Que a gente tem duas associação.

P: são duas associações.

E1: é, eu trabalhei bastante tempo...né...desde a criação delas vem trabalhando né, que foi em 84 que foi fundada a associação de moradores aqui, aí eu vinha sempre trabalhando.

P: certo.

P: e dona Ana, aí assim, o tema da nossa pesquisa é a relação comunidade com a RPM, que hoje é a KINROSS. A RPM, na a época quando ela veio pra cá, a comunidade já tinha mais visibilidade, não tinha? Ela ajudou a comunidade em alguma coisa ou não?

E1: uai... tem ajudado...

P: é!

E1: tem ajudado sim, até, uns projeto né...ela fez alguns projetos.

P: A Maria falou que parece que tem uns projetos, mais não foi pra frente, de avicultura, né?

²⁰ Degrações realizadas pelos acadêmicos do curso de Letras da Unimontes/Campus Unaf.

²¹ Todos os nomes mencionados nas degrações foram alterados para manter o sigilo das identidades dos entrevistados. Assim, utilizaremos a letra “P” para identificar o pesquisador e a letra “E” para identificar o entrevistado (a).

E1: Alguns não foram pra frente, né, mas nós temos é...agora foi inaugurado ano passado o Centro Pastoral, né, que até, eles colocaram meu nome, em homenagem a mim pelo meu trabalho na comunidade.

P: á que bom.

E1: Centro Pastoral Ana Silva, todo mobiliado, todo equipado.

P: Hum...

P: pois é, para a Igreja Católica, né?

E1: é..é..

P: Mais foi a RPM que fez?

E1: Foi! Foi uma verba, que toda a verba foi a RPM que... Isto ai foi Flávia á minha filha,que administrou essa obra,e ela serve para a comunidade em ,né.

P: Ah, tá, que bom.

E1: Em todos os... quando a comunidade que precisa tem um salão muito bom, muito grande, uma cozinha, né...iii o projeto que não foi,até eles tão querendo agora com esse seminário de parceria agora que eles tiveram aqui e fizeram reunião com a gente, pra... ver se da continuidade e projeto de biscoito né, que tem todo equipamento, que foi doados por eles também, para a fábrica de biscoitos e trabalhou um tempo depois eu saí da presidência o negócio...

P: paro...

E1: paro, mas controlô.

P: esse... aquele projeto da rapadura não tem nada a ver com com a Rpm (*Kinross*) não, né?

E1: Não... não... a rapadura é deles mesmo. Família deles né, num sei se eles tiveram alguma ajuda, porque parece que eles ficaram um poço artesiano lá, eu não sei se lá foi com ajuda deles, como que foi.

P: a senhora falou que tá desde o início, né? Assim sempre á frente, as vezes não está na presidência,mas esta a frente ajudando...

E1: ajudando...

P: ajudando, auxiliando...

E1: de alguma forma, né!

P: tem aquela conversa sobre a invasão da RPM, parece que apropriou um pouco das terras, ce sabe se teve fundamento esta historia? Não?

E1: não... realmente eles apropriaram mas assim, que as terras não pertenciam mais, né? Já tinham sido vendidas para outros proprietários...

P: ah, tá...

E1: já passou por vários proprietários e no final eles compraram

P: aí descobriu que não poderia ser vendido.

E1: é

P: fazia parte da comunidade

E1: é, quando eles compraram a gente ainda não tinha esse trabalho de ser reconhecida, aí o pessoal falou assim que as terras é nossa e tal, mas eu vou contra, é uma coisa que eles comprou documentada, já num foi da gente, foi de outros que já tinha sido vendida há muitos anos...

P: mas acaba que eles mexem nessa terra, mexem não né?

E1: não mexe, não... mas o pessoal acha ruim porque eles proíbe de tá entrando e o pessoal tava acostumado, o pessoal tá acostumado a entrá, pega lenha...

P: poder transitar

E1: pegá frutas, que tinha muitas, acho que hoje a maioria já acabou, hoje as vezes els proíbe assim de tá entrando...

P: a mineradora vem aqui perto D. Ana? Ou eles mexem mais pra lá?

E1: não, do morro pra lá!

P: a mineração não interferir na comunidade em termos de barulho, poluição?

E1: não... barulho as vezes tem ,agora mesmo soltam bombas praq lá.

P: todo dia quatro horas, né?

E1: é todo dia...

P: treme a cidade inteira.

E1: inclusive o pessoal já teve aqui na discussão aí, pra ver os problema, porque tem muita casa rachada, devia cê devido essa bomba, virem pessoas pra fazer análise, disse que não é, que as casa mesmo é sem estrutura, mas que abala abala bastante.

P: abala, que todo dia eu sinto o tremor lá no centro.

E1: eu não sei...aqui em casa não tem pilar, essa casa não tem pilar, até depois eu fiquei assim, com medo, que ela é muito grande assim sem pilar, aí eu desmanchei e mandei passar uma fiada de canaleta e uns ferro por cima pra amarrar e segurar, né, porque não tem pilar não tem sustentação.

P: ficar mais resistente...

E1: e não tem rachado não!

P: graças a Deus, né?

E1: é!

P: D. Ana, a senhora tá a frente da caretada também, é?

E1: é.

P: vai ser que dia? 23 né?

E1: 23 para 24

P: a festa vai ser aqui mesmo?

E1: é aqui.

P: pois é, eu quero vir este ano...

E1: vem sim, vai dar num domingo.

P: é o dia inteiro?

E1: não, começa domingo à noite.

P: ah, tá!

E1: vai até segunda ao meio dia.

P: a caretada é em homenagem a São Sebastião né?

E1: São João!

P: São João?

E1: São João Batista.

P: São João Batista? Ah, tá, mas peraí, tem a caretada dos Amaros também, lá é de outro santo?

E1: não, o mesmo, São João.

P: São João? Pensei que era São Sebastião, aquele que era santo negro de origem negra, não?

E1: não, inclusive os Amaros aprenderam a dança aqui...

P: pois, é, a primeira né?

E1: a primeira eles dançaram aqui, depois formaram o grupo lá.

P: mas é comemorado no mesmo dia aqui e lá? Um dia só?

E1: um dia só, o dia de São João.

P: um dia só deve dar muito trabalho, né? rrsrrsrrs

E1: dá!!! Porque eles começam no domingo e dançam a noite toda, até segunda assim... termina com o almoço meio dia assim...

P: sério? Nossa, então a festa vira a noite toda então...

E1: é que eles vão de casa em casa, dança em casa em casa...

P: tem alguma historia em relação a São João? A caretada?

E1: olha, tem várias histórias, assim...

P: porque a homenagem a São João?

E1: a homenagem a São João tem dois fatos que o pessoal fala, primeiro dos escravos, que eles era devoto de São João e não podia festejar, né? Então eles fantasiavam para que os senhores não conhecesse quem era quem, eles fantasiava, mascarava pra dançar...

P: na festa de São João...

E1: é... mas tem outra história que eu acho que é mais verdadeira né? É que quando São João nasceu, né? São Zacarias fez uma fogueira, isso eu já li, né? Fez uma fogueira de sete metros de altura e colocou uma bandeira com a foto dele né, e acendeu a fogueira e clareou muito longe e muita gente viu aquele clarão e então sabia que São João tinha nascido.

P: esse São João é o discípulo de Jesus? Apóstolo?

E1: ele veio primeiro que Jesus, preparar o caminho pra Jesus...

P: Ah tá, é São João Evangelista?

E1: Batista...

P: São João Batista, que batizou Jesus...

E1: Evangelista é que era apóstolo.

P: ah tá! É São João Batista!

E1: é tanto que na Caretada tem o cântico: São João batizou Cristo, Cristo batizou João, eles forma batizados lá no rio de Jordão!

P: rrsrrsrrsrrs, ah tá bom! Pensei que fosse São João Apóstolo, é São João Evangelista.

E1: então, e disse que tava um grupo guerriando, realmente agora é que eles desusaram, mas eles tinham uma espada, todos dançantes tinha uma espada na cintura, e quando eles viram o clarão, que São João tinha nascido, eles ficaram todo alegre, encheram de alegria e invés de guerriar, lutar, eles começaram a dançar! Tem essa história também.

P: então a caretada é em homenagem, representa o nascimento de São João Batista.

E1: eles que festeja, agente levanta o mastro, faz a fogueira, levanta a bandeira dele...

P: hum!!!

E1: eles dançam em volta do mastro da bandeira.

P: mas é homem e mulher que dança? Só homem?

E1: só homem que dança, veste de mulher, que é os par, né? Aí, um fantasia, veste de mulher, o outro fantasia, que dança de homem, mas é só homem... porque....

P: é a tradição, né?

E1: é!

P: às vezes tava representando o pessoal que tava na guerra, né? Quem ia pra guerra eram os homens...

E1: era os homens, na guerra transformou em alegria, em dança, fizeram as pazes e começaram a dançar!

P: Hein, D. Ana, quando a RPM veio pra cá, para Paracatu, tem historias que eu já conversei com o pessoal, antes tinha muita casa de fundição, fechou todas as casas de fundição... o que obrigou as pessoas, assim, hoje muita gente tem que trabalhar lá na RPM, não? Aqui na comunidade?

E1: tem, tem bem alguns que trabalha lá, até porque foi até pedido, né? Através do Ministério Público e tudo que eles deveriam dar emprego pras pessoas daqui, que eles eram próximos, vizinhos, né? Então...

P: então o Ministério Público solicitou á mineradora que empregasse pessoas da comunidade?

E1: então, tem vários jovens que trabalham lá,né? empresa que é filiada lá...sabe, eles tem assim procurado, que são muito amigos né? Procura estar aqui, reunindo com agente, quando vai ter qualquer coisa lá, assim, eles vem, reúne com agente, fala. Tem um grupo de monitoramento daqui que vai no dia de soltar as bombas, eles vem, busca, pra ir, pra ficar lá, pra presenciar, pra ver como foi o barulho, se foi muito forte, sabe? Tem pra ver, outro grupo que faz a noite, o ruído, se ta tendo barulho, se ta pertubando a noite, né? E eles também pagam essas pessoas para fazer esse monitoramento.

P: mas as pessoas são daqui da comunidade?

E1: São, todas das comunidade vizinhas...

P: como esse pessoal é escolhido? É aleatoriamente? É sempre o mesmo?

E1: é a associação que indica, eles falam assim, pessoas que tão desempregadas, né? Quem tá trabalhando nem tem tempo, tem vez que é de dia, tem vez que é a semana toda, um grupo vai um dia, outro vai outro, eles pedem pra escolher quem não ta trabalhando, quem tá disempregado.

P: hoje, eu vejo assim, que aqui comunidade começa daquela descida pra cá, né? que hoje tá até asfaltada, né? Asfaltou agora no final do ano passado com Vasquinho, mas com a proximidade da cidade, que na verdade, tem o bairro Alto do Açude, ta bem ao lado da comunidade, essa proximidade aumentou talvez o fluxo de pessoas pra cá, isto interferiu alguma coisa na comunidade, algum tipo de influencia, se teve roubo, alguma coisa assim...

E1: olha, interferiu sim porque principalmente com o asfalto o pessoal vem chegando, você vê que tem moradores até ali próximo, por cima de planeta,aumentou muito o fluxo de veículos, de motos pra final de semana, tem uns que Leandro vem de moto, dá final de semana com moto naquele barulhão, correndo, agente num pode deixar menino na rua, tem que ter cuidado,que as moto vem igual umas doida por aí, isso as vezes atrapalha, né? Tem muita gente que você não sabe quem é, assim ,os pessoal faz coisa errada na cidade, corre vem e esconde aqui!

P: é mesmo?

E1: é, sempre polícia tá aqui procurando, é por causa que tem muito mato, fácil deles virem esconder, é e nisso que a gente tem medo.

P: esse bairro é miro perigoso...

E1: assim, agente deixar dentro de casa até não... outro dia até fiquei sabendo que roubaram uma televisão de Leandro...

P: não fiquei sabendo...

E1: dentro de casa não, mas se deixa de fora coisa assim, se deixa coisa que interessa eles fácil, e no mais aqui que roba muito é galinha...

P: RSRSRSSR...isso a senhora acha que é gente de fora? Da comunidade? Deve ser...

E1: de fora, mas tem uns aqui da comunidade, esse povo usuário de droga, não trabalham.

P: tem muito problema de droga aqui?

E1: assim, de preocupar muito, não tem não. Tem casos, sabe? Mas não são assim não...tem as vezes pessoas que usa mas trabalha, não preocupa ninguém aqui, só tem um que eu sei que usa e não trabalha e gosta de pegá coisas dos outros... se ele acha ele pega, dizê que ele perturba agente não...

P: a senhora acha que a mineradora, com a vinda dela melhorou para a comunidade?

E1: em certos aspectos melhorou, né? Porque gerou empregos, às vezes eles oferece, eles tem, uma verba anual pras comunidades vizinhas deles, né? Pra fazer algum projeto, alguma coisa, igual fez esse centro pastoral com essa verba, durante dois anos essa verba foi empregada pra fazer esse galpão lá, essa construção, agora esse ano eu não sei, eles já tiveram aqui, em reunião pra ver... que tem um seminário de parcerias,né?

P: é vai ter o seminário de parcerias.

E1: eles já tiveram aqui fizeram reunião pra saber qual o projeto a comunidade vai interessar... e o pessoal ta querendo reabrir a fábrica de biscoito...

P: D, Ana, a senhora sabe como formou esa comunidade aqui? A Comunidade São Domingos foi a primeira comunidade quilombola aqui.

E1: é mais velha que Paracatu...

P: mais velha que a própria Paracatu, porque na época eram fazendas né? Que exploravam o ouro, a senhora pode me contar um pouco desta história?

E1: olha, aqui surgiu assim, foi descoberto pelo José Rodrigues Fróes, ele que descobriu aqui, descobriu justamente o ouro, aí no Morro do Ouro, né? Tudo que aí foi trabalhado pelos escravos primeiro, foi trabalhado, foi garimpado na época, o ouro foi exportado pra Portugal, então foi muito trabalhado, tinha trabalho visível de escravo, as valetas que eles cortavam nas rochas, pra levar água, fazia os açudes pra garimpar, aí ele descobriu e se abarracou aqui na comunidade e trouxe os escravos pra cá, pra trabalhar justamente nesse ouro aí, onde é a mineradora hoje, depois veio o outro que descobriu o Santana,, no Córrego Rico, que tinha ouro, e então como o trabalho aqui era rocha pra fazer manula era muito difícil

P: era mais pesado do que lá...

E1: aí eles deixaram o garimpo aqui e foram pra lá, formou o Santana lá e ficou alguns aqui, ficaram três famílias aqui, né? E dessas três famílias é que foram crescendo a comunidade..

P: então na verdade Paracatu nasceu aqui e no Santana.

E1: é foi aqui, depois Santana, do Santana é que foi expandindo, crescendo...

P: mas nesta época o pessoal era escravo ainda.

E1: é, tinha bastante escravo! Em Paracatu tinham senhores mais velhos que tinham escravos!

P: eu nunca perguntei pra ninguém, mas assim eu já fui a Ouro Preto, e lá agente tinha, hoje é até a Casa da Moeda lá, uma casa antiga semelhante a Casa de Cultura, e tem uma parte lá, que é onde os escravos dormiam, a senzala, que eles falavam né? A senhora sabe se lá na Casa de Cultura, lá tem aqueles porões lá em baixo, chegou a ter isso?

E1: eu sei que ali tinha uma casa que tinha, aquele povo...

P: Botelho?

E1: não... eu lembro que meu pai, minha mãe sempre falava, que tinha um porão...

P: mas não é a Casa de Cultura , não?

E1: não, lá, ali na Casa de Cultura era escola...

P: é , era escola...

E1: mas não sei antes da escola se era alguma coisa, mas ali na rua do Ávila tinha uma casa que tinha porão.

(entra alguém)

P: oi, tudo bem?

Visita: joia!

P: e tem alguma... to atrapalhando alguma coisa, d. Ana? A senhora tá com visita...

E1: são meus netos, bisnetos, direto tá aqui! Não sai...

p: a senhora conhece alguma história, alguma coisa que marcou a comunidade, antiga ou de conflito que teve?

E1: não, aqui na comunidade eu não me lembro deste tempo...

P: e a senhora não fez parte deste tempo, né? Às vezes tem historias que vão passando de geração pra geração..

E1: as historias que eles contavam eram mesmo as danças tradicionais que tinham, que muitas acabaram.

P: das festas tradicionais que tem aqui, tem a Caretada e tem mais alguma festa tradicional aqui das comunidade?

E1: aqui tem a Caretagem ,né?

P: Caretagem ou Caretada?

E1: tanto faz, tem uns que fala Caretagem outro Caretada, tudo tá certo.

P: os dois estão certos? Então tá!

E1: tem a festa do padroeiro aqui, que é São Domingos, onde reúne as famílias que tão fora, vem pra cá, essa que é em agosto, que é São Domingos. Tem a Folia de Reis, já não é como era antes não... mas ainda tema folia.

P: que são os foliões que vão passando nas casas...

E1: vão passando nas casa, cantam né?

P: fazem orações, cantam, depois tem café com biscoito!

E1: isso!

P: rrsrrsrrsrr

E1: agora tinha a catira, né? Acabou, os mais velhos que dançavam, os mais novos não interessaram, tinha o lundum também, acabou também...

P: Lundum era o quê?

E1: uma dança, acabou também... a batucada...

P: então assim , de expressão cultural que a comunidade tinha, vários acabaram...

E1: acabaram.

E1: tinha a dança do algodão, essa eu ainda resgatei, assim, não sei se total, essa eu resgatei, fui perguntando, perguntando, que é a dança que eles falam dança do balaio, que na verdade é a dança da colheita do algodão, só que as moças usam o balaio, né? pra por o algodão, essa eu resgatei, ela aqui já apresentou muitas vezes. E a Caretada, um bocado, que as crianças tudo gosta, inclusive só dançavam adultos, hoje danças criança, porque os adultos tem que trabalhar, fica cansado...

P: é bom que vai passando de uma geração pra outra, né?

E1: porque se não fosse isso já tinha cabado também...

P: tinha acabado também...

E1: é a dança mais antiga, desde o início, inclusive foi minha família, meu bisavô..

P: como o bisavô da senhora chamava?

E1: Sabino Coutrim

P: o seu bisavô veio da África?

E1: ele que trouxe essa dança pra cá, os mais velhos sempre me falam e tem seu Louriano, senhor de idade, ele fala comigo que foi ele que trouxe essa dança pra cá, né? Até hoje continua essa dança muito bonita!

P: pois é, e é famosa, todo mundo fala, comenta... agora eu tava com informação , pra mim que era São Sebastião, não era São João não... eu li isso em algum lugar!

E1: São João, dia 24 de junho é dia de São João! Inclusive meu pai, ele chamava João Batista e ele era nascido dia 24 de junho, e meu avô colocou o nome dele de João Batista, e meu avô também fazia essa festa de São João, era a maior festa que ele fazia...

P: o bisavô da senhora veio da África como escravo?

E1: eu acho que sim, eu não tenho muito bem assim... o pessoal mais velho não conversava muito com agente, a gente sabia porque a gente achava, inclusive no quintal lá em cãs mesmo a gente achou corrente de prender escravo...

P: no quintal da senhora já achou?

E1: é lá onde meu pai morava já achou!

P: vocês moravam onde?

E1: lá no final da rua.

P: descendo aqui?

E1: é!

P: descendo aqui tem um rio que passa lá em baixo...

E1: um córrego, e´ lá no final, é lá que nós morava, meu pai, minha vó, meu vó e ...a maior parte era do meu tio Firmino, irmão da minha vó, Firmino Lopes, minha vó, Luciana Lopes.

P: engraçado esse negócio de sobrenome, né? Minha vó é Lopes, só que eu sou lá do Norte de Minas, lá de Montes Claros!

E1: tem muitos Lopes.

P: mas a família lá é grande, teve... a gente era dono... coronel, esse povo, também não sei muito da história não, mas assim, como às vezes coincide... Lopes, Lopes, às vezes a gente acha que não tem ligação, lá atrás, o povo também ia embora, e não dava mais notícias...

E1: é igual meu tio Firmino, eu não sei, Mas lá pra Recife o pessoal acharam documentos dele, documentos de terra...

P: lá em Recife? Procê ver, e lá, naquela época, chegar lá não era dois dias não!

E1: agora não sei como é, mas também tinha muita coisa antiga, as coisas foram desmanchadas, meu tio mesmo, esse tio Firmino, tinha um casarão que parecia casa que ficava escravo, porque era um casarão escurao... desmanchou essa casa também!

P: hoje não tem nenhuma casa assim?

E1: não tem, a casa do meu pai era aquelas casas que o povo fala de enchimento, colocava as varinhas depois vem com o barro batendo!

P: sei como é!

E1: era desse jeito... desmanchou tudo, o povo foi melhorando a situação, acabando, tinha os ranchos...

P: ainda bem que foi melhorando!

E1: a maioria aqui era rancho tudo de palha, os telhado, aí acabou tudo...

P: sei como é, na fazenda do meu avô teve rancho.

E1: Lá na cada da minha vó, as portas eram aquelas portas antigas. As chaves, deste tamanho e aquele Hugo Batista, na época, a gente não tinha noção nenhuma de cultura, de valor histórico, de conhecer história. Pra gente, aquilo não valia nada. Aí, ele veio e comprou. Eu lembro que lá em casa, ele comprou as portas do quarto da minha avó. Aquele escama pé que usava, que o povo falava, ele comprou. Era muita coisa antiga.

P: Mas ele comprou, tá aqui em Paracatu ou ele levou embora?

E1: Eu não sei se ele comprou pra revender. Era ele e Petrônio Costa que comprava essas coisas aqui, as imagens antigas. Era aqueles cachimbos, tinha muitos cachimbo de tudo quanto é jeito, que o pessoal falava que aqui também teve índio porque tinha cachimbo que tinha desenhado o rosto de índio. Assim, no garimpo, no córrego, que ia garimpar e achava essas coisa.

P: A senhora tinha notícias de índio, na época, ou era só escravo?

E1: Não. Assim eu não... Minha falava assim, que vivia dos cachimbo que achava.

P: Não teve notícia não?

E1: Mas acho que mais antigo deveria ter tido índio aqui.

P: É deve ter tido, esse povo está espalhado pelo Brasil todo. Então, quando descobriu ouro no Santana, o pessoal foi pra lá e ficaram três famílias aqui?

E1: Isso, ficaram três famílias.

P: Mas essas famílias não eram escravos não?

E1: Não. Não eram escravos não. Mas não sei quando também...

P: No caso, o bisavô da senhora foi um dos que ficou.

E1: Um dos que eu sei que ficou foi da minha família, né? Meu avô.

P: Família Lopes.

E1: É, depois. Eu não sei se foi depois que veio a família Lopes pra cá e ele casou com minha avó aqui. (Mostrando uma foto, dona Ana fala) Meu pai era aquele ali, bem negrinho.

P: Ah... Então o Lopes é da mãe da senhora... da sua avó?

E1: É. Minha avó, mãe do meu pai. Meu avô era negrim também. Casou com minha avó que era Lopes.

P: Aquele ali era o pai da senhora?

E1: É. E aquela ali era minha mãe.

P: É... certo. Muita história, né, dona Ana.

E1: Iche... Era completamente diferente. Tem hora que eu fico aqui conversano com os mininu, gente, pessoal que vem aqui hoje.

P: Nem acha que era... Acha que é um bairro.

E1: Aqui mesmo, pra subir isso aqui. Isso aqui era uma laderona de terra vermelha, que quando chovia escorregava igual quiabo. Se tinha que passar berano a estrada. Se passasse no meio da estrada, escorregava. Era uma ladera. Inclusive o pessoal colocou aqui. Lá na cidade mesmo, o pessoal falava ladera de Ana. Tinha ladera de Tenor que era subindo, depois do córrego pra lá. Tinha um ladera pra lá toda calçada de pedra. A ladera e a porta da casa dele toda calçada de pedra. Tinha um beco, era um barracão de um lado e de outro e um beco e a gente passava no meio. Acabo tudo.

P: Mas mudou pra melhor, né dona Ana?

E1: É.

P: As coisas tem que ir facilitando. Com a evolução os trem tem que ir melhorando. Então tá bom dona Ana. Eu queria agradecer a senhora por ter me contado um pouco da história, viu. Se eu precisar, posso voltar aqui pra conversar com a senhora de novo? (Risos) Então tá, foi um prazer, meu nome é Luiz.

E1: Obrigada Luiz.

P: Um abraço pra senhora e tudo de bom pra todo mundo.

Entrevista com Dona Adelaide (E2)

P: É... entrevista com Adelaide. Presidente da associação dos Quilombolas, né?

E2: São Domingus.

P: São Domingos, certo. Oh Dona Adelaide, qual a diferença, entre presidente da comunidade e presidente da associação?

E2: Há, a diferença é qui ééé presidente da comunidade é porque quando a gente tem uma liderança com o povo né dá bem com o povo, ee presidente da associação porque a gente precisa se organizar né.

P: Certo.

E2: Precisa, principalmente por questão de documentos né.

P: Mas, é que é uma questão mais burocrática presidente da associação?

E2: Isso.

P: Burocrática assim no sentido da comunidade como um todo né assim, fora du du município alguma coisa assim?

E2: Ah as dificuldades?

P: Ah a presidente da associação, lidá mais com essas questões burocráticas...

E2: Isso, é é qui além di di você éé tê uma sintonia boa com a comunidade, você precisa si o... dentro da da instituição associação você precisa tá organizado né.

P: Humrum.

E2: Você precisa se organizá.

P: Certo, e e e a relação da no caso da da presidente da da comunidade é é a Evani? A Evani é a presidente, não?

E2: Era, antes di mim era ela.

P: A não você é presidente da comunidade?

E2: Da outra é Irene.

P: Irene é da associa...

E2: qui a associação a comunidade São Duminqu ela não tem somente moradores remanescentes daqui, tem outras...

P: Certo sim.

E2: Pessoas que não são remanescentes daqui, por isso tem duas associações, associação di moradores e associação di remanescentes.

P: A senhora é presidente da associação di...

E2: Di remanescentes.

P: De remanescentes.

E2: Quilombolas é.

P: Certo.

E2: Porém as duas associações andam muito juntas.

P: É tem que andá juntas.

E2: Faz o trabalho juntas, éé.

P: Tá certo. Então tá bom. É a Kinross ela ela possui a mesma relação com a presidente da comunidade e a presidente da associação? Assim é é ela, porque a pesquisa nossa envolve a Kinross né com a influência que tem com com a comunidade assim.

E2: Humrum.

P: Essa relação que eles possuem com com vocês é a mesma, assim...

E2: É a mesma.

P: Ou procura mais a comunidade, a presidente da comunidade?

E2: É a mesma com um e com o outra até então o povo é um só né.

P: Humrum.

E2: Então é...

P: Não tem distinção.

E2: Não, aliás ela deixa claro que não trabalha também somente com remanescentes, ela trabalha com a comunidade num todo.

P: Como num todo.

E2: Porque...

P: Porque envolve outras pessoas que não são da comunidade, né.

E2: A mineradora, é claro que tem os impactos ambientais, a gente sabe disso e a mineradora também sabe né.

P: Humrum.

E2: Mais é a melhor parceira que a comunidade tem é a mineradora.

P: Certo. A mineradora ela influenciou a vida da comunidade das pessoas daqui?

E2: Se ela influenciou?

P: É. Quando ela ela veio por exemplo ou se até hoje influencia né.

E2: Até hoje influencia né porqueee a gente tra... tá aí lado a lado né rarara.

P: Certo mais como é que é essa influência, assim ela é positiva ela é negativa?

E2: Sim negativa, as vezes negativa no sentido dos impactos ambientais né.

P: Humrum.

E2: É é não tem como também uma mineradora não impacta né!?

P: Certo.

E2: Mais tem us ponto positivo também né. Disinvolvi vários projetos com a gente.

P: ela dá apoio então nessas questões...

E2: Sim.

P: Nesses projetos né?

E2: Sim.

P: E existe alguma desavença entre a comunidade e a mineradora?

E2: Não já houve uma a questão du du ah questão ééé em relação a mineradora com o INCRA né porque aqui já era pra ser demarcado né, mais até hoje ainda não chegou a demarcação, eu creio qui não chega rsrs né.

P: rsrsrs

E2: Eu creio qui a mineradora não tem vontade di desfazer dessas terras dela qui tem o ouro né.

P: Humrum.

E2: Mais não tem assim conflito sério não.

P: Mais ele não explora aqui muito próximo aa comunidade.

E2: Explora, é é próximo, mais em terras que ela comprou né.

P: hum sim, mais é muito próximo aqui, a divisa suas não?

E2: Não, bem mais lá depois daquele morro.

P: Du du mor.. tem esse morro aqui...

E2: Tem...

P: qui separa né.

E2: Tem o morro qui separa.

P: Certo, mais a área dela vem pru lado de cá du morro.

E2: Sim, também ela ela tem bastante terra dentro do povoado.

P: Humrum. É vocês se identificam como quilombolas mesmo né?

E2: Sim.

P: E cês possuem orgulho? Sofre alguma discriminação por parte de políticos, da sociedade, da mineradora? Ou é mais apoio mesmo?

E2: Por parte da mineradora? Mai da mineradora mais apoio.

P: Mais apoio.

E2: Ela ela incentiva muito a cultura.

P: Certo e e por parte da sociedade da das dos políticos?

E2: Eu costumo sempre dizer que a mi... (kofkof) que a mineradora é mais parceira que a a...

P: A política

E2: A prefeitura, a política

P: A prefeitura

E2: A prefeitura sim.

P: Ela é mais parceira que a prefeitura.

E2: Sim!

P: E como é que é essa relação da sociedade com a a.

E2: Associ... comunidade quilombola?

P: É da da sociedade assim Paracatuense tem alguma relação? Já teve algum algum algum conflito, alguma coisa assim, não?

E2: Não.

P: Tranquilo né.

E2: Tudo tranquilo.

P: Certo, o pessoal num se... chegou a sofrer discriminação...

E2: Graças...

P: Pelo fato de ser...

E2: Graças a Deus não.

P: Quilombola ou não né?

E2: Graças a Deus não.

P: Tá Ok. É o que qui a mineradora trouxe de benefício ou de malefício a comunidade São Domingus?

E2: Di malefício é como eu tô falando pra você tem aa...

P: Mais a parte ambiental né.

E2: Mais a parte ambiental porque...

P: Poluição.

E2: Poluição, porque tem a questão do barulho. A questão da puera né.

P: Humrum.

E2: Quando venta assim sobe muito. Mais por outro lado tem a a parte qui a maioria dos projetos bons qui tem aqui é através dela.

P: Certo, quais são quais, a senhora sabe...

E2: As parcerias.

P: Se tá, quais os projetos que estão em funcionamento hoje?

E2: Sim a a mineradora responsabiliza pela energia que mantém a igreja, que mantém as sedes das associação.

P: Humrum.

E2: Éé foi criado aqui um centro pastoral alí

P: Eu ví tá tem nome da Dona Ana né

E2: Isso. Foi projeto dela né. Uma outra sede que tava ali ela restaurou né e ela...

P: Mais e a escola ela tá funcionando, não?

E2: Sim. Agora tá.

P: Funci...

E2: Graças a Deus está. Agora ela...

P: Voltou a funciona este semestre?

E2: Sim é, começou tem um mês.

P: Porque qui tava parado?

E2: É assim sim di di primeira di pré do prezinho à quarta série parou por causa da demanda de alunos.

P: Não tava tendo aluno.

E2: Porque a comunidade num num é porque a

P: Tava com pouca gente né?

E2: É

P: Poucos alunos.

E2: É não tava dando pra fazer nem multiseriada.

P: Humrum.

E2: Agora tem alfabetização de adultos.

P: então tá funcionando o EJA aqui.

E2: Isso tá

P: Durante o dia ou a noite?

E2: A noite.

P: É mais é só o EJA que tá funcionando?

E2: Só.

P: Tá certo.

E2: E tem também, ela ela ajuda muito na questão da divulgação da cultura né.

P: Humrum.

E2: A mineradora ajuda na divulgação da cultura ajuda com instrumentos né, projeto de instrumentos, na questão também do asfaltamento, a gente sabe qui ela ajudou muito pra que aqui fosse asfaltado né, a água que o pessoal usa é ela quem paga, hum.

P: Tá certo. Então tá bom, era isso mesmo. Obrigado, viu Adelaide.

Entrevista com Leandro (E3)

P: Gravação com Leandro, Dono do Restaurante, né, Leandro? Aqui na Comunidade Quilombola...

Leandro: e também fabricante de rapadura...também, rapadura é uma...essa rapadura que eu acho que é mais importante do que o próprio restaurante, porque rapadura é uma tradição né? É coisa que vem lá... de

P: antigamente...

Leandro: pra você ter uma ideia, eu ainda uso um tacho ali que meu pai usava ainda quando eu tinha cinco anos de idade, bicho...

P: tacho de cobre?

Leandro: de cobre, você vê que é coisa de tradição, mesmo, né?

P: eh, dura pra caramba... Leandro, quando é que a comunidade passou a ser reconhecida como Quilombola? Você lembra mais ou menos?

Leandro: assim... exatamente (pausa)

P: isto aí a gente pode pesquisar

Leandro: a data...

P: é só pra ter uma noção...

Leandro: mais ou menos, deve... que eu acho que tá fazendo... nós tamo eu 2013? Acho que 2008 pra 2009 mais ou menos...

P: então é bem recente..

Leandro: é recente, assim...

P: o reconhecimento

Leandro: o reconhecimento, né? Agora, que começou o projeto já tem bastante tempo...

P: é porque é moroso até ser reconhecido... e antigamente? Você é da comunidade mesmo, não é isso? Nasceu aqui?

Leandro: não, eu não nasci, mas a minha mãe é daqui, e quando eu vim pra cá eu tinha três anos de idade, né, quer dizer que... a maioria dos meus irmãos nasceram todos aqui...

P: certo...

Leandro: então, praticamente, né?

P: morando, morou a vida inteira aqui.

Leandro: não nasci aqui na comunidade, mas nasci em Paracatu, né?

P: certo.

Leandro: na época acho que tinha muita parteira até, meus outros irmãos, eu lembro das parteiras vime fazer os partos aí... agora eu, minha mãe já me ganhou no hospital, mas foi aqui em Paracatu mesmo.

P: Você lembra qual era o mecanismo de sobrevivência da comunidade antigamente? Como eles viviam aqui?

Leandro: uah, cara...era uma coisa muito difícil sobreviver...

P: se tinha exploração de ouro... se eles mexiam com isso também...

Leandro: esta exploração de ouro, ela sempre existiu, né? Hoje se você descer aqui nessa praia, pegando ela no início aqui, até dá lá no São Sebastião, cê ainda vai encontrar aí todos os dias da semana, pelo menos três pessoas que sobrevive disso aí.

P: garimpando...

Leandro: garimpando no caxotinho mesmo...

P : mas é fora do território da Kinross, né?

Leandro: fora, na praia que desce dividindo a comunidade aqui...não é dentro do terreno da Kinross não, mas é coisa manual mesmo, ali, pegando...

P: com a bateia.

Leandro: pegando com a pá, botando com a bateia, coisa simples mesmo, não afeta em nada não...

P: mas, heim, me fala uma coisa, hoje a comunidade, ela sobrevive mais como assim... o trabalho deles...

Leandro: e outra coisa também... primeiro a gente via, carregando lenha na cabeça, vendendo mandioca, né? Então isso aí muitas vezes a gente lembra, fazendo chapéu, vassoura...

P: então era trabalho manufaturado mesmo

Leandro: é, é, manufaturado...

P: vendia coisas na feira, estas coisas...

Leandro: hoje, já, já expandiu mais, né? Por exemplo, tem muitos que trabalham no dia a dia, diarista.

P: na cidade mesmo...

Leandro: na cidade mesmo... outras são empregadas domésticas, já tem também até professoras aqui na comunidade...

P: tem gente fazendo faculdade, né? Que eu conversei...

Leandro: tem pessoas fazendo faculdade. Eu mesmo tenho meu filho que já formou, então tudo isso. Tem minhas irmãs que trabalha comigo aqui, é enfermeira, então tem muita...

P: já tem profissional em varias áreas aí...

Leandro: varias áreas hoje.

P: certo. A gente sabe que tem uma festa tradicional que chama Caretada. Quem preparava estes rituais da caretada, esta festa, antigamente? É sempre o líder da Comunidade? não?

Leandro: sempre tem essa liderança mesmo, assim, talvez não seja líder da comunidade, mas seja líder dentro do evento, por exemplo, na época tinha o finado Antônio (...), que era o guerreiro naquela caretada, mas infelizmente veio a falecer, aí veio o filho dele, que é o Walmir, é que tá dando sequencia até hoje...

P: e o Walmir é da comunidade?

Leandro: é da comunidade.

P: mora aqui?

Leandro: mora aqui. Mora lá perto da igreja. Esse é um que tá dando sequência, agora em junho mesmo é época deles dançar aí...

P: Pois é, inclusive eu devo registrar alguma coisa...

Leandro: tem que registrar, aqui mesmo é um lugar bom pra registrar...

P: me fala uma coisa aqui, a comunidade começa dessa descida pra cá?

Leandro: da descida do morro pra baixo, começa a Comunidade São Domingos, a primeira casa é aquela do meu irmão, tem a entrada do Marcelo também, aquela cancela ali, mas é do morro pra baixo.

P: tá certo. Tem algum outro tipo de manifestação cultural além da Caretada, que vocês possuem aqui na Comunidade?

Leandro: é, eles fazem a quadrilha, que é tradicional dos Quilombolas também, todo ano eles fazem ,tem a Caretada, a Folia de Reis...

P: Folia de Reis eu conheço.

Leandro: eles fazem todo ano aí, mas assim que é tradicional mesmo é essas três coisas, nunca parou, né?

P: hum, hum... a Caretada, tem outras comunidades que fazem também, não é isso?

Leandro: São Sebastião faz, o próprio Alto do Açude faz também.

P: lá dos Amaros...

Leandro: os Amaros faz também.

P: mas a mais tradicional é a daqui, né?

Leandro: essa aqui parece que tá na frente das outras...

P: rrsrrsrrsrrs

Leandro: até porque depois que legalizou essa Comunidade Quilombola, fortaleceu um pouco mais...

P: Leandro, a mineradora quando veio pra cá, para Paracatu, tem uns 20, 22, 23 anos que ela tá aqui, ela influenciou a vida da comunidade de alguma forma?

Leandro: ó cara, de um lado eu acho que influenciou, de outro fez soma alguma coisa, porque na realidade essa vida de ouro que q gente fazia... eu já fui tirador de ouro, a gente ficava tirando aí...parece que é um trem sabe, amaldiçoado o dinheiro do ouro, não prospera não!

P: não rende não, né?

Leandro: cê vai ali, pega aquele mundo de coisa, pensa, pô, pra você ter ideia quando cabo o garimpo, ninguém tinha nada, né? aqueles que tinha ainda perderam, não acho que influenciou assim pro lado negativo não. Muita gente abandonou aquilo e já...

P: foi mexer com outras coisas.

Leandro: foi aprender fazer outras coisas, outras profissões. Eu acho que de um lado sim, outro não, única coisa que eu acho ruim é porque a comunidade é muito rígida. A RPM é muito rígida, né?

L: Hum, hum

P: Eu mesmo, desde que eu me entendo por gente, tem aquela área dali. Tem uma mata da RPM (Kinross) lá, que a gente sempre tira lenha lá. Mas a gente só tira árvore que o fogo queimou o pé dela. Que o fogo veio de derrubo. E a gente faz um aproveitamento dessa lenha e a Kinross permite a gente fazer.

L: A Kinross permite?

P: Permite, mas a gente fazer. Se tivesse que acabar com essa mata, já teria acabado. Nós tira isso aí há 40 anos. A mata tá intacta. Nunca derrubamos um pau que não fosse aquele que não tivesse lá. Nunca cortamos um pau que não tivesse lá caído. Então, essas coisa devia analisar.

L: Vocês aproveitam de forma sustentável.

P: De forma sustentável para fazer a rapadura. Inclusive, já teve até protesto sobre isso aí. Eu já falei mesmo. E uma vez os guarda chegou lá e eu disse: - Eu vô continuar tirano. Se vocês achar que deve chamar a polícia, pode chamar. A gente, eu... acho que a gente, por ser quilombola e por tar... com o sustento natural disso aqui, é meio complicado. Nós não tamo devastando nada. Eles ficaram meio assi... tal... mandaram eu assinar um documentim lá. Eu assinei, mas não mexeu com nada não.

L: Deu nada também não. Até por que você é muito conhecido, né?

P: Tem jeito não, né, cara. Esto à frente da comunidade, eu fui parceiro da Kinross também, mexi com esporte muitos anos, lá. Depois, nós tivemos um delito muito forte com umas vaca minha que morreu lá naqueles eucaliptos lá em cima.

L: Me fala uma coisa. Eu ouvi dizer que tem um processo rolando. Parece que a RPM invadiu uma parte das terras que eram dos quilombolas. Tem isso?

P: Invadiu. É fato verídico mesmo porque... não sei se você chegou a conhecer Samuel, irmão de Marco Aurélio cachorro, pai de Júlio, eles tinha uma chácara aqui embaixo e o pai dele era

dono dessa área aí, na RPM. Então, na época, a RPM pagava uma porcentagem para eles. Acho que ainda paga pra família deles. Do ouro que eles extraia lá. Aí, ele foi lá require essas divisa com Carlos Augusto. Quando ele chegou lá, ele chegou de Belo Horizonte. Ele não desceu nem na casa dele. Ele parou aqui na porta e falou. Eu tenho que revelar um negócio procê. Eu fui em Belo Horizonte requerer umas divisa, iscritura de 100 ano atrás, coisa antiga. E lá no cartório em Belo Horizonte reza as divisa todinha. E lá não tem meu pai dividino nada com Carlos Augusto. Meu pai dividi com José Osvando – que é tio do meu avô (*Leandro*). Meu avô é José Gomes, ele (*tio do avô de Leandro*) é Antônio Gomes. Então, esse terreno é seus, cara. Entra no pau e leva esse trem pro pau, tal, tal. Eu falei: _Ah, brigar com a Kinross é meio complicado, cara. A gente não tem bala na agulha não. E aí ficou por isso mesmo. Mas que eles têm uma área aí, que é dos quilombola, é. E foram tomadas, têm. Essa foi tomada porque o Carlos Augusto, chegou na época comprou 8ha²² e fechou 150ha. Entendeu como é que é?

L: Sei.

P: Comprou 8 da irmã da minha vó e fechou a área toda.

L: E fechou um terreno maior e vendeu a área.

P: E começou a dar uma de xerife, lá. Atirou em vaca dos outros. Matô cavalo e ficô aquela demanda, e acabou que ele vendeu pra Kinross e a Kinross tá explorando até hoje.

L: Mas existe alguma desavença, assim, da comunidade e RPM?

P: Não. Essa desavença que existe da comunidade com a RPM é mais por um lado da comunidade que, todo canto que você vai tem o lado bom e o lado ruim, né? E aqui tem os jovens aí que não é o lado bom...os jovens que tá envolvido com drogas, infelizmente a gente tem que ser realista, e acaba que tenta invadi lá atrás do ouro, né? E aí a RPM mandou prender os dois aí da comunidade, então porque aqui sempre que tem o futebol, eu fico olhando, porque a Kinross tá jogando aí, eu vejo que, você vê lá de fora, que a manifestação do pessoal contra justamente por isso, mas aí você só vê manifestação em cima desse pessoal que eu to falando, mas aí já ajudou muito a comunidade aí...

L: ajudou com o quê?

P: com projeto, né? Tivemos um projeto aí, da criação de frango aí, não prosperou porque a comunidade não abraçou o projeto, mas era um projeto bom, onde a RPM deu da comida até o abate, você tá me entendendo, pra cada comunidade, pra cada família, então acho que faltou empenho da própria comunidade e depois teve também a fábrica de biscoito, que foi montada aí também, eles não abraçaram a causa, até até acho que é um problema sério na comunidade, porque na hora de repartir o lucro, tem muita gente, mas na hora de pegá tem poucos...então aqueles que pegam acabam...

L: acabam desistindo.

²² O termo “ha” é a abreviação do nome hectare (uma unidade de medida agrária).

P: acabam desistindo, o problema maior é esse!

L: certo! Eu já vi, mas só pra confirmar, as pessoas, elas se identificam como quilombolas, eles falam que são quilombolas...

P: uns já falam, eu não... mas na realidade...

L: mas não é a maioria.

P: a maioria que eu falo são uns 90%, porque se você analisar aqui hoje, dentro da comunidade nós temos 1,2,3,4, só tem 4, 5 casas aí que não é, 6 seis casas aqui não é de famílias daqui, aqui se você for mexer assim, você não consegue tirar a raiz não... sabe?

L: Na verdade tá todo mundo embricado, né?

P: Bem infiltrado, né?

L: às vezes não considera, mas é gente que casou com outro, né?

P: eu acho assim, até uma hora assim, eles não devia ser assim como eles é, aqui tem primo com primo primeiro casa aí toda hora.

L: primo com primo?

P: primo com primo, então é muito...

L: você tem ideia de quantas pessoas na comunidade existe hoje?

P: deve ter aí umas 280 pessoas...

L: adultos, né?

P: falo por causa das eleições aí, né? esse levantamento aí, mais ou menos isso aí...

L: vocês sofrem, a comunidade ou as pessoas, algum tipo de discriminação, ou por parte de político, ou sociedade, ou mesmo da mineradora, não?

P: eu acho que não... neste ponto aí as pessoas aceitou bem essa questão de ser quilombola, né? Porque hoje, inclusive a minha rapadura mesmo, no rótulo dela agente coloca, agente faz questão de colocar, parece que tem uma apresentação melhor, né? As pessoas que vem de fora, você vê as pessoas procurando isso aí, né? tem pessoas que valoriza demais isso aí, a questão dos quilombolas. Olha, existe os recursos que vêm, talvez os recursos não chega até a comunidade, o mais grave que eu acho é isso...

L: então existe recurso que às vezes, consegue, mas via política, não chega direito aqui?

P: agora eles tão com um projeto aí que vai iniciar agora, teve um povo de Brasília aí, de construir umas casas, toda família aqui que tiver 1,2 filhos morando na casa dos pais, eles vão fazer as casas e praticamente de graça, porque a pessoa vai pagar três prestações de duzentos e pouquinho reais, de ano em ano, é praticamente de graça, né?

L: muito barato!

P: as casas são pequenas e tal...

L: aqui você mexe com rapadura também ,né? que você falou...

P: eu tiro leite, é...

L: você tem quantos hectares aqui... você tem hectare aqui? Chega ser hectare?

P: aqui era 96 hectares, hoje é 66 hectares, porque eu vendi 30 hectares lá onde tá aquele...

L: aquela parte de trás ali, ali passa um rio, não?

P: lá onde morre aquele verde, cê tá vendo? Pra lá é de outra comunidade, de outro pessoal. Então, ali tem 30 hctres que tá fora do nosso, mas aqui sobe pela estrada e passa berano aquele bairro todinho, no fundo dos quintal daqueles bairro todo.

L: De comércio, que tem aqui na comunidade é só o seu?

P: Não. Tem um comerciozinho ali. Um butequim ali, um pouquinho menor, mas tem. Agora, aqui é isso que você tá vendo. A gente procura trabalhar com o povo da gente mesmo, né? É irmã, é filha, é nora, é mulher.

L: Hein, Leandro. Qual é seu nome de batismo?

P: Leandro da Silva

L: Leandro da Silva

L: Oh, Leandro, é isso aí então. Brigadão pelo seu tempo.

P: Foi um prazer fala com o senhô.

L: O prazer foi meu.

Entrevista com Dona Flávia (E4)

P: Então eu estou conversando com Flávia...

E4: Flávia.

P: Que é presidente...

E4: Da Associação de Moradores.

P: Da Associação dos Moradores...

E4: Isso.

P: Qual o seu nome completo, Flávia?

E4: Flávia Oliveira.

P: Flávia Oliveira. Oh, Flávia, qual é a diferença entre ser Presidente da Comunidade? Qual a função do Presidente da Comunidade? E Presidente da Associação?

E4: Ah, é tudo a mesma coisa né.

P: Praticamente a mesma coisa.

E4: Que, é, é. Que é o trabalho voltado para a comunidade né.

P: humrum.

E4: Então a Associação trabalha para a comunidade.

P: Sim.

E4: Né, então ela tá aí pra buscar os benefícios, para a comunidade, então é o geral né.

P: Humrum, de uma maneira geral.

E4: É, é.

P: Éé a Kinross ela possui a mesma relação com a presidente da comunidade e presidente da associação, ou tem alguma diferença?

E4: Não. Tem diferença nenhuma.

P: Não, tem di nenhuma.

E4: Não, não.

P: A mineradora, ela influenciou a vi... Você mora aqui mesmo, né?

E4: Moro aqui!

P: Desde, nasceu aqui? Assim..

E4: Nasci, criei. Aí di 83 a 2002 eu morei em Brasília, né!

P: Certo.

E4: Depois é que eu voltei pra cá, em 2002... fevereiro de 2002, eu voltei pra Paracatu.

P: Tá. E e a mineradora, ela ela influenciou a vida da comunidade e das pessoas daqui? Assim de uma maneira geral? A vinda da mineradora na época, ou agora? Também, se ela influencia de alguma maneira?

E4: Não, eu não acredito que influenciou não, porque... eh, em 88 né, que eles vieram pra cá, então assim, o contato era muito distante. Hoje é que tem a proximidade maior, devido os projetos né! Devido o o trabalho, então aí a gente tem essa aproximação, mais isso foi cá em 2003 pra cá qui começou essa aproximação.

P: Então, uma aproximação maior didi 2003 pra cá.

E4: Humrum, é.

P: Existe alguma desavença entre comunidade e mineradora, ou não?

E4: Não.

P: Não. A mineradora ela alterou alguma forma de trabalho ou de vida da comunidade, assim ó, a perspectiva de trabalho do pessoal?

E4: Sim! Pouco, mais sim, né!

P: Humrum.

E4: Porque nós temos pessoas que trabalham lá né. A as empresas que vem de fora. A maioria dos homens aqui trabalham na empresa, né. Então as empresa terceirizadas que presta serviço lá dentro da da mineradora, então eles trabalham, né.

P: E é a maioria dos homens, vamos dizer assim, da comunidade então acaba trabalhando...

E4: tão trabalhando é.

P: Empresa terceirizada.

E4: Trabalha é é trabalha dentro da da, lá mesmo da mineradora né prestando serviço.

P: Humrum, tá ok.

E4: É outra empresa, mas tem funcina... tem pessoas daqui que trabalha no quadro da empresa também.

P: Também.

E4: Humrum

P: É vocês se identificam como quilombolas mesmo?

E4: Isso!

P: Todo mundo aqui, de uma maneira geral.

E4: É é.

P: Possui orgulho ou sofre alguma discriminação? por parte políticos, sociedade ou da mineradora ou não?

E4: Não. Quanto a isso aí não né. A gente percebe assim, é o discaso, né.

P: O discaso da da...

E4: É...

P: Mais da política? Ou da mineradora?

E4: Da política!

P: Humrum.

E4: Porque com relação a mineradora, é hoje nós não temos nenhum problema. Teve um problema no passado, ai uns mese uns anos aí atrás. Teve um conflito, mais assim, foi uma busca di já di uma outra presidência né.

P: Humrum.

E4: Então, foi uma outra pessoa qui criou um um certo conflito, mais a gente percebeu assim, que havia especulação por parte de terceiros né na influênciação...

P: Você poderia me dizer qui conflito foi esse?

E4: Então esse conflito foi é é a demanda da da indenização sabe, a indenização absurdas que a gente via que não tinha nenhum fundamento.

P: Essas Indenização por causa por causa da das terras que a mineradora possui? Que era da...

E4: Não, nem tanto devido as terras. Eles, eles alegavam os impactos, né!

P: Humrum.

E4: Devidos os impactos e e pelo fato de ter comprado parte da da cachoeira, né. De ter

P: que era parte da mineradora.

E4: É. Acabado com as as plantações qui né lá do cerrado...

P: Humrum

E4: Que era a mangaba, o piqui, essas coisas. E assim, então aí teve esse conflito, mais aí foi uma coisa qui a gente percebeu qui, não deu em nada né, foi pra justiça e tudo, mais não chegou a a a nenhum resultado. E aí a associação di moradores, ela nunca teve problema né, então assim, sempre trabalhou muito bem e e assim a gente percebe, qui realmente não tem como eles trabalha individualmente né. Eu vou trabalha com a associação. Porque ele fala assim a gente trabalha para u povo, e devido aqui sê realmente uma comunidade quilombola, mas tem moradores né...

P: De fora né.

E4: É tem moradores de fora.

P: Hamram

E4: Então aquilo que for beneficiado para à comunidade, os moradores daqui que são os quilombolas, os outros também tem que ser beneficiados né.

P: Sim.

E4: E aí foi onde teve o conflito. Qui é foi alegado, qui eles não trabalhava com a associação de remanente, qui só tava trabalhado com a associação di moradores, qui tava qui era discaso. Mas não é justamente por isso.

P: Mas ele era presidente da comunidade, né? Ou era...

E4: Dá..

P: Presidente da Associação?

E4: Dá Associação dos quilombolas.

P: Ah que hoje é a Dona Adelaide.

E4: Hoje é a Dona Adelaide. Né e na época Dona Adelaide ela era da associação di moradores.

P: Humrum.

E4: E ela era a presidente da associação di moradores, então o relacionamento dela com a empresa era hum bom. Ela tinha um bom relacionamento né. E já a presidente da associação de remanecenti já não tinha um bom relacionamento.

P: Que era da comunidade.

E4: Da da associação é.

P: Deixa só eu entender, tem a presidente da associação dos quilombolas.

E4: Dos quilombolas e as...

P: Dona Adelaide, e tem a presidente da comunidade quilombola?

E4: Não! Não tem ham não não. É só a presidente mesmo da associação da da dos quilombo né.

P: Humrum.

E4: É só só essa presidente, e no mais a dus moradores, né é qui ai era Adelaide, ai Adelaide deixou e eu ai acabei assumindo a associação.

P: E ela assumiu...

E4: E aí depois éé devido os conflito tá muito grande e aí a Adelaide foi e resolveu ééé...

P: Assumi.

E4: Assumi. Aí teve a interdição da outra associação e a Adelaide assumiu.

P: Ahh tá Ok! Entendi. Ah, ah ela não tá morando aqui mais não?

E4: Não, não, não ela não mora aqui não.

P: Haaa! O que qui a mineradora trouxe de benefício ou malefício à comunidade São Domingos?

E4: Oh, os benefícios tão aí né. Que a gente sabe que ela refaz o repasse pra Prefeitura né, então a prefeitura teve um um olhar voltado aqui pra comunidade né, que o maior, maior investimento foi esse asfalto, né.

P: O asfaltamento né.

E4: É né, então teve esse asfaltamento

P: Que foi nu, nu final da gestão passada.

E4: Não ela começou no início né,

P: Da gestão...

E4: Começou no início, no primeiro... já já nu nu manda nu primeiro mandato du du presidente...

P: Vasquinho

E4: Nu final du du mandato du primeiro mandato di Vasquinho eli fez é, dali de abaixo de Leandroaté lá na porta da igreja eli fez o asfaltamento né.

P: Humrum.

E4: Aí ficou a parte de Leandropra cima. Aí quando foi já final do mandato dele aí ele fez...

P: Fez aquele outro pedaço.

E4: Concluiu o outro pedaço né.

P: Tá certo. E e é cê sabe me falar quais são ahh os projetos que a Kinross apoia, ahh da comunidade São Domingos?

E4: Sim ela inclusive, esses projetos quase todos eles, é é começou com a associação de remanescente que na época era a minha mãe Dona Ana que era a presidente.

P: Humrum.

E4: Então teve vários projetos né, era e era a Kin... a mineradora e o Consciência e Arte, né.

P: Sim.

E4: Com a Fundação Banco do Brasil.

P: Correto.

E4: Então eles começaram os projetos aqui, aí que começou o projeto da criação de frango né, que era um projeto muito bom, aí depois veio o o projeto da fábrica de biscoito, que aí já foi... aí a mineradora reformou o prédio da sede todinho né.

P: Essas esses projetos continuam até hoje, não?

E4: Agora nós tamo retomando.

P: Retomando os projetos novamente.

E4: Tamo retomando os projetos à associação de moradores...

P: Por início da Associação que procurou a mineradora novamente ou ou ela que...

E4: É era é participação do seminário de parceria.

P: Humrum.

E4: A gente corria de igual pra igual né, então tinha a questão de previ di privilégio...

P: Vocês não tinham algum benefício

E4: Não tinha, é que a comunidade São Domingos ela é privilegiada, não!

P: Humrum.

E4: Aí a gente participava do seminário de parceria, e mais assim, todos os seminário, acabava tendo privilégio né porque todos os seminário que a comunidade participou, ela ganhou!

P: Certo.

E4: Então aí.

P: Mas você acha que por causa dessa proximidade territorial mesmo né...

E4: É é

P: é uma forma de amenizar

E4: é que teve

P: os impactos que

E4: Teve teve

P: acabam...

E4: É uma forma de indenizar né é é porque seria geração de renda.

P: Humrum.

E4: Né e na verdade tava começando a gerar renda e tudo, mais aí depois com esse problema da desse conflito, aí no fim acabou tudo né. Aí voltou a estaca zero.

P: E tão retomando agora novamente.

E4: Mais aí ah à associação de moradores entrou começou, nós fizemos o centro comunitário né, com parceria com a igreja, nós construímos o centro comunitário, ele é todo mobiliado, tem todas as mobilhas, tem todos os utensílios de cozinha.

P: A escola voltou a funcionar, não é?

E4: É aí agora e.

P: Tô sabendo.

E4: Então a escola à noite tá funcionando.

P: Tá com o EJA.

E4: pra adultos.

P: Então ficou quanto tempo parada a escola aí.

E4: Ai acho que desde 2009 parece que a escola...

P: É.

E4: É, final de 2000

P: mas é falta de demanda de alunos mesmo? Não foi...

E4: É ele a prefeitura alega isso, porque é é devido o MEC tê mudado as regras né, que aí tem que tê a quantidade de di alunos né.

P: Humrum.

E4: Então tem que cê pelo menos 20 alunos em cada série pra cê turmas separadas. E aí eles... pra fica tinha que cê multiseriado, aí os pais não quiseram multiseriado.

P: Humrum.

E4: Porque os alunos são pouco né então...

P: Correto.

E4: Teria que tê juntado o multiseriado pra funcionar mas eles não quiseram. Mas assim a prefeitura até insistiu muito esse ano, eles insistiram né então até Vereadores, o Cabo Camilo mesmo insistiu muito né, pra qui voltasse a escola, mais aí realmente os pais não quiseram porque iria funcionar de 1ª a 4ª série né. O multiseriado eles não quiseram.

P: Humrum.

E4: Aí não, que não queremos, não queremos, aí cada um, aí a prefeitura colocou o ônibus né. Tem um ônibus escolar que leva, e aí ficou à noite, e aí agora tá funcionando à noite.

P: U uuu os jovens aqui de uma maneira geral, eles visam trabalhar na R... na Kinross, não?

E4: É trabalham nessas empresas.

P: Humrum.

E4: Que diretamente pru quadro lá tem que tê especialização né.

P: Cero.

E4: E aí não tem.

P: Mas trabalham nas nas ehh prestadoras né.

E4: Humrum

P: Prestadoras de serviço.

E4: Prestadoras de serviços, isso e aí ela dá curso, quando cê tem alguém que se interessa né aí, curso de capacitação né.

P: Hoje a gente vê que assim qui qui a busca do estudo ah ah a busca pelo estudo tá maior.

E4: Humrum.

P: Na comunidade aqui eles eles tem essa visão de...

E4: Alguns

P: Alguns?

E4: Não todos

P: É. Mas a maioria? Não!?

E4: Fica em dividido né!

P: Humrum.

E4: Então mais assim, a gente percebe que os jovens daqui, eles são muito ééé assim, não tem aquela ambição o pouco que tem...

P: É, tá bom.

E4: Tá bom! Não tem aquela ambição de sabe de querer crescer, de querer ser alguém, de querer se especializar na vida né.

P: Humrum.

E4: A gente percebe e é tem essa esse disinteresse muito grande né, principalmente por parte dos jovens. E é tanto que a escola a noite aí tá funcionando são mais os adultos mesmo, né.

P: É verdade.

E4: Então é...

P: Eee questão cultural ela também apoia, igual teve a Caretada.

E4: Apoia, apoia

P: pouco tempo.

E4: Apoia todas as culturas ela apoia.

P: Quais são as manifestações culturais que a comunidade tem hoje?

E4: Ah ah qui tá mais é é é vidente mesmo é a Folia de Reis e a Caretada.

P: Folia de Reis e a Caretada.

E4: Humrum, é.

P: Ah ah a elas a Caretada é em junho, ju junho né?

E4: É em junho

P: E e a Folia de Reis é?

E4: Fevereiro.

P: Fevereiro.

E4: Fevereiro.

P: Mais tem outras manifestações também, não?

E4: É simplesmente tem a festa de São Dumingus.

P: Sim.

E4: Também eles apoiam muito a festa de São Dumingus.

P: Que ocorre?

E4: Isso.

P: Quando que ocorre?

E4: A festa de São Dumingus é em Agosto. Em agosto né, e assim, qualquer coisa que você precisar eles tem a parceria e ajudam a pagar, as qualquer coisa que você precisa você faz um pedido e eles mandam, aí ah tem uma verba...

P: Você pode...

E4: De cinquenta mil reais pra trabalhar com a comunidade, que são os projetos né.

P: Humrum.

E4: Ha além do seminário de parceria.

P: Tem essa verba de cinquenta mil reais.

E4: Tem essa verba destinada de cinquenta mil reais pra comunidade pra trabalhar, além disso qualquer outra atividade que você faça na comunidade, é só solicitar que eles fazem o repasse

P: Eles apoiam.

E4: Hanram eles apoiam.

P: E aí eles eles dão, como que é vocês entram em contato? Por exemplo, precisa de um material, eles eles pagam é assim né?

E4: Humrum.

P: É assim como funciona, não.

E4: É é, cê vai lá faz o orçamento faz o ofício, manda pra eles e...

P: Eles pagam.

E4: Eles fazem o reembolso...

P: No ano dentro do limite de cinquenta mil reais.

E4: É pru ano tem cinquenta mil pra comunidade gastar em projetos né.

P: Certo

E4: Tanto que quanto no centro comunitário mesmo com parceria com a igreja com aa Mitra a foi assim, a Mitra cedeu o terreno, e o resto foi construção foi toda pela empresa, pela mineradora, ela que...

P: Humrum.

E4: Reembolsou, então fico a obra ficou no valor de cento e cinquenta mil reais né, com a construção e a ali mão de obra né, que é é de pessoas de dentro da comunidade.

P: Utilizou o serviço...

E4: Dentro da comunidade, eles não aceita ser pessoa de fora, é pessoas de dentro da comunidade ee, pra também se você vai comprar tem que ser dentro do município né. Que é é a forma de tá gerando né, a renda dentro do município. Então essas são as exigências que eles fazem é só essa.

P: Então de uma maneira geral, sem a mineradora, entre benefícios e malefícios, pelo que você disse aí, os benefícios são bem maiores né?

E4: São, são.

P: Em relação a

E4: Nossa! Aqui se a comunidade é fosse assim, aquela comunidade que batalha mesmo, qui qui corre, qui vai a luta, que abraça.

P: Se tivesse um envolvimento maior do do público mesmo.

E4: Ah ah, a coisa aqui era completamente diferente.

P: Humrum.

E4: Que eu vejo assim, se tivesse a escola, se tivesse a escola funcionando, eles tariam aí apoiando a escola, porque eles tem u u projeto né.

P: Projeto integrar.

E4: Aquele projeto integrar que trabalham com as escolas né. Então a gente sabe que seria outra vida aqui na comunidade. Hum, mais eles

P: e vocês pensam cêis pensam alguma coisa assim em relação quando a mineradora for embora?

E4: Então o que a gente fala é isso né, assim, ela capacita também que tem os cursos é de capacitação pra você disinvolver projetos, eu mesmo já fiz uns dois cursos, pra você fazer, projetos pra você fazer prestação de conta né.

P: Humrum.

E4: Então pra você buscar outros patrocinadores né, pra você se inscrever em outros projetos, então a gente é é tá sempre assim em busca e e isso elis disimbolsa, paga, eu acredito que se aqui, se o pessoal tivesse interessado, que no inicio eles... quando o Senai veio pra Paracatú né.

P: Humrum.

E4: Eles deram a oportunidade pras pessoas daqui tá indo fazer cursos lá no Senai, mais assim é, aquele povo qui qué o dinheiro aqui e agora né, não tem aquela paciência di estuda, di di di buscá, que os projetos quando você começa com o projeto eles é divagá.

P: Humrum.

E4: Não é de imediato que você né.

P: Tem um retorno.

E4: Tem um retorno.

P: Suficiente, tudo.

E4: É

P: Tem que construir um nome em cima.

E4: Humrum, isso.

P: É é tava até conversando com o Leandro tava falando do projeto da rapadura

E4: Hamram

P: Parece que o pessoal vê com bons olhos.

E4: Vê, vê

P: O projeto da rapadura

E4: Hamram.

P: E as pessoas querem adquirir os produtos.

E4: As pessoas querem adquirir e eles vieram na comunidade, aí trabalhou aqui a gastronomia, o artesanato aí Leandro foi incluso minha mãe, tem mais duas aqui da comunidade também,

P: Humrum.

E4: Que entrou aí nesse projeto da gastronomia né, então foi feito é u u site e tem tem us as receita tem tudo. Já teve pessoas aqui procurando né, ah eu vi pela internet e tudo aí eu vim aqui procurar os artesanatos, os biscoitos né, mais assim, eu acredito que o ano que vem as coisas... o pessoal vai começando a acreditar né

P: Humrum.

E4: E aí vai. Buscando, ela ajuda a pagar água, se tem um defeito, qui a gente aqui tem poço artesiano.

P: Sim.

E4: Aí si si tem algum defeito na bomba ela vem sabe. Agora mesmo ela fez um estudo pra vê a a a vazão du du poço, se o poço tem água o suficiente pra manter a comunidade né, eles vieram e fizeram os estudos. Então assim...

P: Tão tão eles estão cuidando da comunidade de uma certa forma, né.

E4: Tá é qui o povo que, é qui ah é o impacto eu quero o dinheiro pra mim fazer isso né, e eles não entendi, eles eles acham que o social o trabalho social, eles querem qui é cesta básica, é é dinheiro pra né pra eles si mantê, é isso que eles pensa.

P: Humrum.

E4: Eles não pensa que é projetos né.

P: Então muitas pessoas não pensam em trabalhar, querem o dinheiro que é pra poder...

E4: Que o dinheiro.

P: Pra ele se sustentar.

E4: Isso.

P: Vamos dizer assim.

E4: É que cê sustentado pela empresa.

P: Humrum.

E4: E isso a gente sabe qui não existe né. Então assim eu vejo qui ela ela olha mais pela comunidade até mesmo que a prefeitura, tudo também é é ela tem o trabalho dela lá, é a retirada né, mais ela poderia alegar também, eu passo o valor para a prefeitura, isso é dever e obrigação da prefeitura né.

P: Humrum.

E4: Mais como nós somos uma comunidade mais próxima, então eles tem um olhar né a gente.

P: Diferenciado

E4: É, nós temos um encontro mensal, todo mês a gente tem esse encontro. Nesse encontro...

P: As reuniões são aqui na comunidade.

E4: Não eles são fora. Não são feitos na comunidade né, porque aí tem outras comunidades né juntas.

P: Sim

E4: Mais aí a gente vai, aí pras reuniões, eles mandam buscar, nós vamos pra reunião. É sempre uma palestra educativa, sabe é é uma informação pra comunidade. E aí você vai você pega se... a comunidade interessar é repassado para a comunidade né.

P: Humrum.

E4: então assim tem eu vejo assim que é um crescimento muito bom né, mais é porque a comunidade mesmo.

P: Tá sendo pouco aproveitado.

E4: É

P: Mais por causa das

E4: Da própria pessoa.

P: Da própria das das de algumas pessoas da comunidade.

E4: É as próprias pessoas da comunidade.

P: Entao assim parece, pelo que você falou, são poucas pessoas que abração isso.

E4: Humrum, é. Que igual tem essa verba de cinquenta mil. Você vai trabalhar para um projeto né, então esse projeto eles pedi mais pra u joven né, pra juventude.

P: humrum.

E4: Qui tá tá interagindo us jovens, mais assim são poucos que se interessam, a gente percebe isso.

P: Tá certo. Então tá bom. Muito obrigado, viu.

E4: Hum, di nada!

P: Prazer.

E4: Igualmente.

Entrevista com Vanessa (E5)

Vamos começar a gravação.

Vanessa, você como ex-líder, a senhora é líder da associação?

- Isso, coordenadora da Região Noroeste de Minas, das comunidades.

A mineradora influenciou a vida da comunidade Quilombola, qual foi esta influência?

- Nós sabemos que todo megaempreendimento sempre causa alguma influência tanto negativa quanto positiva na vida de qualquer grupo, de qualquer sociedade. Às vezes um acaba se sobrepondo ao outro, ou negativo ou positivo, apesar de que na minha opinião, eu não vejo um mega empreendimento, ou seja, o desenvolvimento da sociedade como um impacto que traga só questões positivas, eu vejo mais o lado negativo porque que acaba desestruturando toda uma vida, toda uma estrutura que já existia, em nome do desenvolvimento e com a mineradora aqui Kinross não foi diferente. A gente sabe do potencial, do poder que ela tem, que ela exerce não só na sociedade paracatuense, mas também no próprio governo federal, no próprio desenvolvimento, digamos, do país.

No que se refere à comunidade, que acaba sendo em parte algo pequeno diante do poder econômico que a mineradora possui, infelizmente a gente percebe esta influência de uma forma muito negativa. Queríamos que fosse pelo menos fosse equivalente, da mesma forma que fosse negativo que também houvesse ali um equilíbrio das formas positivas. Mas, infelizmente, não é isso que se observa. Eu, enquanto estive como presidente da associação pude observar isso, não só como presidente, como moradora, como uma pessoa que nasceu e se criou na comunidade, a gente observa todo diferencial da vida, todo diferencial do viver ali da comunidade a partir do momento que um empreendimento como este é colocado ao lado de moradores, ao lado de pessoas que estavam acostumadas com uma rotina de vida, com uma tranquilidade. De repente vê toda sua vida, todo seu itinerário, toda sua forma de viver sendo modificada pelas ações de um mega empreendimento como o da mineradora e, infelizmente, essas influências acabam por trazer para a comunidade grandes malefícios, começa pela destruição da tranquilidade porque o barulho ao lado da mineradora é insuportável, ainda é insuportável, mesmo eu não estando lá, ainda tenho relatos de moradores que me passam a realidade; o mau cheiro de um material que eles utilizavam, a gente não sabe, ainda, ao certo, que era utilizado, mas o que a gente sabe é que chegava até a comunidade também era muito grande; vem, também, os incômodos, da própria propriedade, da forma que eles trabalhavam

com comunidade, uma forma que a princípio parece que é algo para unir a comunidade, mas na verdade eles fomentam uma determinada divisão dentro da própria comunidade, colocando líderes contra líderes; manipulam pessoas.

Infelizmente é isto que acontece, eles manipulam pessoas dentro da comunidade e sem falar na influência da própria saúde, lado negativo. Então, a gente vê que a mineradora ela deixa pouco diante da grande influência negativa que ela exerce sobre a comunidade.

O seminário de parceria que ela possui com a comunidade, como você enxerga isso?

- Na verdade, esse seminário de parceria, na minha visão, enquanto moradora, enquanto... até participou da primeira vez que nós fizemos o nosso cadastro, participamos. Vejo assim, primeiro é uma visão que eu vejo desse seminário que é uma vergonha. É uma das maiores vergonhas que a mineradora já colocou para a cidade de Paracatu. O potencial que essa mineradora tem, distribuir 300 mil, ou 400 mil, eu não sei quanto que dá o valor agora é para toda uma comunidade paracatuense, isto é vergonhoso. No que se refere a comunidade em si, a própria comunidade lá de São Domingos é mais vergonhoso ainda. Quando você pega um jornal e lê, por exemplo, que a mineradora doou 100 pratos para a comunidade, que a mineradora uma máquina de moer açafrão, entendeu? Um cento de salgados, que foi outro dia. Eu tive acesso a todos os projetos que foram doados para a comunidade no que refere, eles acabavam colocando isso aí junto como se fosse o seminário de parceria. Na verdade, o que a comunidade solicitava mesmo, nunca foi ouvido. Então, para mim, esse seminário de parceria, essa vergonha, essa migalha que é dada à população paracatuense, que muitos se contentam e acabam, de certa forma, agradando a mineradora, elevando de certa forma a visão que não só a sociedade nacional tem, mas a internacional também tem da mineradora, Isso acaba fazendo com que as comunidades que realmente precisam ficam a mercê da sua própria sorte e acabam tendo que se contentar com migalhas das migalhas. Então, para mim o seminário de parceria é a maior vergonha que já existiu no que se refere a Mineradora Kinross em Paracatú, no que se refere tanto a própria cidade de Paracatú quanto às comunidades que ali estão em volta, é muito vergonhoso.

Existe uma conversa sobre a questão dela ter se apropriado de umas terras da comunidade Quilombola, o que que você pode me dizer sobre isso, isso aconteceu, é verdade que ela se utiliza dessa terra, enfim, se a comunidade tentou lutar por isso, mas não deu continuidade, você sabe alguma coisa sobre isso?

- As propriedades que hoje fazem parte do poder da Kinross, são propriedades até dos meus familiares, da família Lopes, a qual a forma que eles adquiriram essas terras constam no próprio RT e D, em documentações do RT e D, isso é um documento público que qualquer pessoa interessada pode ter acesso ao relatório de identificação e delimitação do território da comunidade e a gente percebe que a forma de aquisição das terras pelos primeiros proprietários e essa transferência dessas terras tanto para a Kinross e através de como foi feito pelo próprio governo do estado de Minas, pela forma que foi feita a apropriação da cachoeira da comunidade, se você tiver acesso, se você tiver paciência pra ter acesso ao processo em si e também ao processo público; eu tive acesso e também tenho cópia desse processo, a forma que foi colocado as nossas terras foram doadas para o governo de Minas e naquela época o interesse era muito grande porque já era início da instalação da Kinross na região. Não haveria como, infelizmente, se houvesse os proprietários da época que era a família Rabelo; o que acontece é que essas terras foram conseguidas pela Kinross naquela época e a Kinross foi se apropriando do restante, destruindo também a muralha de pedra que existia, era um marco, uma parte da muralha de pedra foi destruída por eles, era um marco do trabalho escravo, uma forma que realmente mostrava ali um dos fatores fortes da existência de homens libertos e até homens que foram escravizados ali naquela região, como a destruição dessa muralha de pedra; e essas terras hoje ainda encontram-se no poder da mineradora, porém existe todo um processo pra que essas terras sejam devolvidas para a comunidade ao qual a mineradora já foi notificada e ela está ainda em processo de contestação, mas nós sabemos que as terras tradicionais, que possuem uma grande quantidade de ouro como é a questão da comunidade São Domingos, que eles falam que não, mas nas nossas da AGU, que eu participei e nas minhas reuniões em Brasília, isso é totalmente contrário, são terras que possuem sim riquezas e que há interesses da Kinross em estar explorando essas terras, eles falam que não, eles juram que não, qualquer reunião, qualquer lugar que vocês forem, se vocês ouvirem eles falando, eles falam que não, mas a comprovação disso vem de uma reunião que eu tive em Brasília que o próprio DNPN falou em Paracatú, que é o Departamento de Produção Minerária, onde eles afirmaram que as terras Quilombola, que 95% delas, eu tenho o mapa inclusive que consta isso, 95% dessas terras já estão liberadas para a mineradora minerar, ou seja, terras que deveriam ser devolutas a comunidade, porém o governo, o próprio INCRA, eles têm toda essa questão burocrática, essa demora, digamos assim, para que essas terras sejam reconhecidas e a falta desse reconhecimento a gente sabe que é proposital, não é algo que eles falam ah que é por falta de pessoal, é por falta disso; não é. Infelizmente, é muito proposital, assim como aconteceu com a comunidade Quilombola de Machadinho e só resolveu a situação, digamos

assim, em parte; da comunidade também dos Amados, depois que a terra já não existia mais possibilidade de estar na terra, aí o INCRA resolveu acelerar o processo de demarcação da terra. São Domingos até então está na fase de contestação, porque são várias fases até chegar, realmente, a assinatura do decreto pela presidente para a liberação do recurso, para que este recurso seja enviado pra pagar as desapropriações, ou seja, aqueles que não podem mais permanecer nas terras adicionais.

Mas, infelizmente, essas terras continuam ainda sobre o poder da mineradora e, posso te falar com toda sinceridade de que pela demora que está e pela forma que eles estão levando este processo, ainda mais assim, não estou dizendo que eu era o X da questão, que eu era a pessoa que impulsionava, mas eu era a que mais cobrava nas reuniões, na advocacia geral da união, era a que brigava, era a que falava, os outros ficavam sempre em silêncio, isso aí todas as pessoas que foram podem comprovar isso. Então, como eu estou afastada, é algo que pra eles agora..., eu era encrenca, resumindo. Então pra eles agora é muito mais fácil, é muito mais tranquilo levar esse processo com tranquilidade porque a diretoria atual que está não pretende brigar, ela mesma já reuniu na comunidade e já disse isso, que não pretende brigar contra a mineradora. Mas não é contra a mineradora que nós brigamos; é aí que está o grande erro. A luta é por um direito, um direito coletivo. Isto que elas não compreendem, isto que as diretorias ali não compreendem, a luta é pelo direito coletivo, não é contra a mineradora, direito de propriedade, propriedade esta que sempre pertenceu aos nossos antepassados até a mineradora conseguir com suas formas junto com a família Rabelo e algumas outras pessoas a propriedade dessas terras.

O que a mineradora já destruiu ou modificou em relação à comunidade, como você falou da cachoeira, do paredão, casas rachadas?

- A questão dos paredões históricos, a muralha de pedra, parte da muralha de pedra que pertence e estava dentro do território da Kinross, ela foi destruída. Tínhamos, também, vestígios de uma igreja histórica, igreja dos negros. Se você perguntar aos moradores mais antigos, meu tio Joaquim mesmo é uma das pessoas que sempre relata isso, que era a igreja onde eram feitas as rezas lá no pé da serra também foi destruída; o casarão do meu tio Firmino, de outras pessoas, o casarão histórico também, vestígios desse casarão também foi destruído. Tínhamos a trilha dos escravos, eu mesma passei por tantas vezes por essa trilha quando criança, meu avô sempre me levava pra conhecer aquela região, tem muita coisa que eu sei sobre a questão da permanência dos escravos naquela serra foi porque meu avô contava que a

bisavó dele, realmente, a bisavó não, a vó dele, realmente, foi escrava e a mãe dele nasceu no ano de 1900 e em 1888 tinha finalizado a escravidão no Brasil, ou seja, doze anos depois a mãe dele veio a nascer. A vó dele, realmente, tinha sido escrava e ele me contava muita coisa assim sobre os vestígios que existiam ali e inclusive há uma parte ali onde os moradores perto da igreja residem, tudo ali era cemitério dos negros, cemitério dos escravos, não só aquela parte que hoje está marcada, mas toda aquela região, meu tio Joaquim conta isso, meu avô contava isso e tudo isso foi destruído pela mineradora. Um outro local, também, é um gruta que existia, que existe ainda, pelo menos existia até eu sair há oito meses atrás essa gruta ainda existia, ela estava presente ali na comunidade, é uma gruta onde era feita a exploração do ouro pelos escravos e todos esses são marcos que a própria comunidade, que os próprios moradores mais antigos às vezes eles têm receio de falar, eles têm medo e eu não tiro deles a razão, porque, realmente, a Kinross não brinca, a Kinross não, os coordenadores não brincam quando têm ódio de alguém, eles são capazes de fazer de tudo. Mas tem, também, a questão da própria estrutura física da comunidade, uma das maiores destruições que a Kinross ajudou e isso também foi proposital e a comunidade não observou isso, foi a nossa igreja, descaracterizou a nossa igreja antiga toda, reformou a igreja de uma forma que a comunidade levou a mente pra um lado crescimento que, assim, acabou destruindo a comunidade e tudo isso era proposital e eles não observaram isso, desde o galpão que foi construído no local onde não deveria ter construído, a igreja que foi reformada.

Esse galpão que você fala é o centro comunitário?

- O centro comunitário, ali era um cemitério, ali era parte de um cemitério. A igreja mesmo onde ela foi construída; o cruzeiro, assim, me doi muito da última vez que eu estive ali, eles tiraram o cruzeiro de dentro do cemitério. Quando nós conseguimos a reforma para o cemitério, a gente fez de tudo para que o cruzeiro permanecesse dentro do cemitério, pelo marco. E a Kinross ajudou a retirar, ajudou a fazer a modificação da igreja, uma igreja num Quilombo, tudo bem ela pode ter ventiladores, mas ela não poderia ter sido retirada as características. Então, as pessoas que assumiram acharam que estavam fazendo um bem pra comunidade, mas não perceberam que, na verdade, eles estavam contribuindo para destruição de marcos históricos da comunidade, por exemplo, um dos maiores erros e ao mesmo tempo foi uma necessidade, foi termos murado o cemitério porque, na verdade, poderíamos ter deixado ali com cercas de arame como era antes, só que a gente procurou fazer, na época, uma estrutura onde não atropelasse tanto a questão de preservar aquela imagem mais rústica, aquela imagem mais voltada ao conservadorismo da questão, mesmo, quilombola; não era,

realmente o que a gente queria, mas o gado não deixava a cerca de arame, porque o cemitério quilombola não tem muro, ele é um local onde os negros eram enterrados livres, me contentou muito eles não terem tirado o pé de Jenipapo, porque se tira o pé de Jenipapo onde os negros eram enterrados, era um marco onde os negros eram enterrado, se tira o pé de Jenipapo aí tinha acabado com tudo. Mas eu acredito que hoje, atualmente, uma das maiores destruições foi a descaracterização da igreja, isso aí fortalece muito, porque lá a Kinross eles fazem a questão de afirmar que não existiu comunidade Quilombola e isso foi colocado em documentos que eu tenho cópia desses documentos, que eles falavam que não existia comunidade Quilombola em São Domingos, que São Domingos é só um vestígio de negros, mas não de descendentes de homens e mulheres escravizados e isso acaba atrapalhando todo o processo, até mesmo de reconhecimento e de fortalecimento da própria comunidade, quanto mais descaracterizada ela for, mais favorável será para a Kinross.

Qual é a sua formação, Vanessa?

- Graças a Deus, estou terminando minha faculdade de Direito, mas eu sou formada em Pedagogia.